

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



***DEFINIÇÃO DINÂMICA DE PERSONAGENS: UMA ESCRITA DE***

***CENA***

TRABALHO DE PROJECTO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES

PERFORMATIVAS (ESCRITAS DE CENA)

---

António Manuel Gomes Branco

Lisboa, Maio/2013

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

TRABALHO DE PROJECTO

António Manuel Gomes Branco

Trabalho de Projecto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Artes Performativas (Escritas de Cena), realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Armando Nascimento Rosa.

Lisboa, Maio/2013

## Resumo

*Definição dinâmica de personagens: uma escrita de cena*, contém a peça *Hoje durmo em Berlim*, trabalho de projecto de Mestrado em Teatro, intercalada por momentos em que estabeleço comigo um diálogo reflexivo no qual questiono e comento algumas das opções que tomei. Esta peça surgiu como um desafio de escrita que me foi lançado por Tiago Lourenço e Miguel Lemos, na sequência de *Tango Uniforme* e *A morte de um homem feio*, peças que escrevi para projectos na cidade do Porto. Estreou no Rivoli – Teatro Municipal do Porto, no dia 3 de Julho de 2012, com encenação de Ricardo Alves. *Definição dinâmica de personagens: uma escrita de cena* é também composta pela peça *Ela não gostava de flores* que pretende amplificar *Hoje durmo em Berlim*.

Dois homens, uma casa, uma sala. Um é o actual dono da casa, o outro o anterior dono da casa. Não se conhecem, partilharam a mesma mulher. Esta mulher, ausente omnipresente, liga tudo o que se desenrola nesta peça.

Escrevi tendo directrizes, mas ainda assim deixei as personagens falar e irem-se construindo. Procurei criar sobre o abstracto e produzir um texto dramático que resistisse à ausência de palco.

Palavras-chave: A. Branco; Escritas de cena; Definição de personagens; Porto; Berlim

## Abstract

*Dynamic definition of characters: one kind of playwriting* contains the play *Hoje durmo em Berlim*, project work for the Master in Theatre, interspersed with moments of dialogue with myself, established to question and to comment some of the choices I made. This play was written due to a challenge made by Tiago Lourenço and Miguel Lemos, after *Tango Uniforme* and *A morte de um homem feio*, plays written for theatre projects in Oporto city. It premiered at Rivoli – Oporto Municipal Theatre, on July 3, 2012, staged by Ricardo Alves. *Dynamic definition of characters: one kind of playwriting* is also composed by the play *Ela não gostava de flores*, which aims to amplify *Hoje durmo em Berlim*.

Two men, a house, a room. One is the current owner of the house, the other is the previous owner. They do not know each other, but they have shared the same woman. This woman, absent omnipresent, connects everything that happens in this play.

I wrote following guidelines, but still letting the characters speak and build themselves. I tried to create on the abstract and to produce a dramatic text which lives without and outside the stage.

Keywords: A. Branco; Playwriting; Definition of characters; Oporto; Berlin

## Índice

Introdução	5
Abertura	6
Projecto	9
Fecho	51
Sobre <i>Ela não gostava de flores</i>	54
Conclusão	55
Bibliografia	57
Apêndice – <i>Ela não gostava de flores</i>	58
Anexo 1 – <i>Tango Uniforme</i>	79
Anexo 2 – <i>A morte de um homem feio</i>	89

## Introdução

Este trabalho consiste na componente escrita relativa ao meu trabalho de projecto para obtenção do grau de Mestre em Teatro, na especialização Artes Performativas, variante Escritas de Cena.

Escolhi desenvolver um trabalho de projecto, pois senti que era importante continuar, em contexto académico, o trabalho de escrita para a cena que estava a desenvolver como dramaturgo. A minha prática de escrita do texto dramático norteou, sem dúvida, o meu ingresso na Escola Superior de Teatro e Cinema, do Instituto Politécnico de Lisboa e também a escolha pela opção de um trabalho de projecto.

Este que inicialmente comportava a criação da peça original *Hoje durmo em Berlim*, veio a ter o seu epílogo na criação de outra peça original, desafio lançado pelo meu orientador, Professor Doutor Armando Nascimento Rosa, que aceitei prontamente. O resultado veio a ser a criação de *Ela não gostava de flores* (em apêndice). Um objecto artístico que pudesse, de alguma forma, amplificar aquilo que eu pretendi abordar em *Hoje durmo em Berlim*, peça sobre a qual este trabalho se centra, bem como, o trabalho que eu tinha desenvolvido antes.

Optei por chamar a este trabalho *Definição dinâmica de personagens: uma escrita de cena* e dividi-lo em quatro partes: Abertura, Projecto, Fecho e Sobre *Ela não gostava de flores*.

Abertura, onde abordarei o que me levou a escrever *Hoje durmo em Berlim*.

Projecto, onde se encontra o trabalho de projecto que desenvolvi, propriamente dito, a peça original *Hoje durmo em Berlim*, intercalada por momentos em que estabeleço comigo um diálogo reflexivo em que questiono e comento algumas das opções que tomei. Decidi por este modelo após ter partilhado a peça *Hoje durmo em Berlim*, que apenas foi apresentada sob a forma de espectáculo no Porto, com várias pessoas e de ter recebido imensos ecos, que me pareceram de elevado interesse. Assim, apercebendo-me que estes podiam enriquecer a dissertação sobre meu trabalho, utilizei comentários, questões, pedidos de esclarecimento, que me obrigaram a repensar a escrita da peça e a repensar o modelo da minha escrita.

Fecho, pensar o resultado da escrita de *Hoje durmo em Berlim* e toda a experiência a retirar do conjunto de quatro peças que escrevi para o Porto.

Sobre *Ela não gostava de flores*, porquê ter escrito esta peça e o que ela veio acrescentar ao meu trabalho.

## Abertura

Em 2011 participei num projecto da Associação Cultural Terra na Boca, sob a designação: Teatro Imediato, com direcção de Luciano Amarelo e Jorge Palinhos como responsável de dramaturgia. Este projecto visava juntar dramaturgos e encenadores, que se voluntariassem, e levá-los a produzir uma peça, em muito pouco tempo, que seria apresentada numa leitura encenada, num circuito no Bairro das Artes, no Porto. Desta experiência resultou *Tango Uniforme* (em anexo), lida na loja Os Suprematistas, no dia 10 de Junho de 2011, com encenação de Maria Carneiro e leitura pelos actores Paulo Mota e Pedro Dias.

Apercebi-me que este desafio me tinha feito experimentar formas diferentes de abordar a minha escrita. Pelo pouco tempo que dispus para escrever o texto; por o projecto se passar no Porto (onde passei partes da minha infância e onde vou regularmente, pois a minha família paterna ainda hoje vive lá), sendo eu o único participante que não era da cidade; por saber desde o início quem ia dirigir a leitura da minha peça e onde esta teria lugar. Assim confrontei a encenadora com as suas necessidades, já que ia escrever à medida e para um espaço não convencional. Ela deu-me algumas indicações: escrever para dois homens, provocar uma interrupção algures no texto, pois pretendia que a leitura decorresse em dois locais distintos da loja: um *hall* de entrada e um pátio / jardim interior, obrigando assim os espectadores a se deslocarem. O resultado deste projecto foi muito interessante, mesmo estando eu a uma grande distância. Não queria que o meu texto dependesse de mim, queria que este fosse trabalhado como se eu não estivesse vivo. Daí que tive apenas conversas, via telefone ou *email*, para se definir as necessidades da encenadora e pouco mais. Não sabia que rumo a encenadora tomaria, nem como se apropriaria do texto, e no dia da estreia fui apenas mais um dos espectadores que estava a ter contacto com o objecto resultante da peça pela primeira vez.

Um dos actores envolvidos na leitura, Paulo Mota, encenava na altura o grupo de teatro Vintena Vadia, e como estes estavam a ter algumas dificuldades com a escolha do texto a trabalhar, desafiou-me a escrever uma peça original para ser produzida pelo respectivo grupo. A criação da peça seria para um elenco de nove pessoas, sete mulheres e dois homens, e teria de responder aos anseios dos actores envolvidos. Assim, um dia desloquei-me ao Porto e numa reunião com o grupo, cada um dos actores disse-me o que pretendia para a sua personagem e como a tinha imaginado, sempre com a supervisão de Paulo Mota. O encenador acrescentou ainda que pretendia ter em cada cena o mínimo de actores possível, de forma a facilitar a realização dos ensaios, visto que a disponibilidade dos actores não era total e isso serviria melhor a dinâmica do grupo. Com estas indicações eu escrevi *A morte de um homem feio* (em anexo). Nenhuma das cenas tinha mais de dois actores envolvidos e todos os actores entravam em pelo menos três cenas. Atribuí às personagens os nomes dos actores que as iam interpretar. No elenco que levou à cena a peça houve mudança de um dos actores, mas o nome da personagem manteve-se. Não tive mais contacto com o grupo ou com o encenador após ter entregado a versão final da peça. Escrevi e larguei, de novo. *A morte de um homem feio* veio a estrear no dia 20 de Março de

2012 no Espaço Bruto / Fábrica Social Escultor José Rodrigues, com encenação de Paulo Mota e com os actores Andreia Mota, Avelina Vieira, Carla Guedes, Filipe Taxas, Luísa Barbosa, Maria José Gonçalves, Miguel Rubim, Paula Dias e Virgínia Silva. Eu só consegui ver o espectáculo no dia 26 de Março e mais uma vez eu era apenas mais um espectador que via o objecto resultante da peça pela primeira vez.

Apercebi-me que estava a escrever para uma realidade diferente. Projectos que se desenvolviam, lá longe, na cidade do Porto, o que impedia desde logo a minha participação mais efectiva, caso quisesse ou me permitissem tê-la; a pedido dos encenadores e com várias condicionantes que me eram impostas, como o espaço, as necessidades da cena, dos actores... e que estas duas peças praticamente não tinham indicações cénicas.

Por isso foi muito prazeroso quando no dia 26 de Março de 2012, após final de *A morte de um feio*, primeiro dia em que vi o espectáculo (também o vi no dia seguinte, Dia Mundial do Teatro, dia em que concluiu a sua curta carreira), Tiago Lourenço e Miguel Lemos me desafiaram a escrever uma peça original para eles. Antigos alunos da ACE – Academia Contemporânea do Espectáculo, tiveram conhecimento do meu trabalho através de Paulo Mota, seu antigo colega.

Tinham ideias, algumas linhas mestras por onde gostavam que o trabalho se desenvolvesse e achavam que eu era a pessoa certa para o fazer. Queriam uma peça que abordasse fobias urbanas, que eu não sabia bem o que era (que eles também não sabiam explicar muito bem) e que não fosse uma comédia, linha de trabalho que a Porta 27 Associação Cultural, que iria produzir o espectáculo desenvolvia. Esta, a peça, deveria antes ter uma carga dramática e ser algo cinzenta e claustrofóbica. Tinham alguma pressa. Falámos passados dois dias, definimos alguns prazos e formas de abordar o projecto. Quando cheguei a Lisboa, um dia depois, tinha um título na cabeça que me parecia um excelente ponto de arranque: *Hoje durmo em Berlim*. Partilhei com eles, pareceu-lhes bem, podíamos avançar.

Em 2004 escrevi *Até Amanhã!*, peça com que recebi a minha primeira distinção como dramaturgo, em 2005, mas que só veria a luz do palco em 2012, numa produção Feltro Preto. Mais tarde fui distinguido por *7 (sete)*, em 2007, e *Chove sempre em Agosto*, em 2008, nunca passaram de uma edição em papel.

*Hoje durmo em Berlim* iria estrear no Rivoli Teatro Municipal e seria encenada por Ricardo Alves, director artístico e encenador do grupo de teatro Palmilha Dentada, que curiosamente nunca tinha encenado nenhuma peça que não fosse da sua autoria. Ou seja, poucos dias depois, já havia local para a estreia, encenador, data de estreia, mas não havia peça e ainda havia muitas dúvidas.

Pareceu-me que esta conjugação de factores seria muito interessante para que o resultado desta encomenda fosse o meu trabalho de projecto, como veio a acontecer. Fui escrevendo e enviando bocados de texto aos actores, que o foram recebendo com entusiasmo. Não trocámos muitas ideias sobre o texto em si, e após o envio da versão final

da peça não nos contactámos mais, a não ser por questões relativas à produção do próprio espectáculo.

*Hoje durmo em Berlim* estreou no dia 3 de Julho de 2012 no Rivoli – Teatro Municipal com produção Porta 27 Associação Cultural, terminando a sua curta carreira no dia 8 de Julho de 2012. De novo só vi o espectáculo quando o público em geral o viu, nada sabia sobre ele.

Por fim, e porque me parecia que *Ela não gostava de flores* deveria ser escrita para alguém no Porto, desafiei a actriz Cecília Ferreira, do grupo de teatro, do Porto, Teatro a Quatro, para fazer uma leitura do que viria a ser a peça. Assim iria escrever para alguém que conheço, mas com quem não estou há muito tempo e com quem não estive entretanto. Desafiei alguém para me desafiar. Desafio mútuo aceite, a leitura de *Ela não gostava de flores* acontecerá em breve, algures na cidade do Porto. Mais uma vez lá longe, sem qualquer intervenção da minha parte, para lá da minha função como escritor da peça.

Como curiosidade, *Tango Uniforme* irá ter uma nova leitura pública no próximo dia 4 de Junho, inserida no evento Leituras do Mosteiro, organizado pelo Centro de Documentação do Teatro Nacional São João, no Mosteiro São Bento da Vitória. De novo a cidade do Porto, onde tudo começou.

## Projecto

**K** Tu és tu, não és?

**Y** Sim, eu sou eu.

As personagens não têm nome, não têm nomes a que estamos habituados, nomes de pessoas. Não perdem identidade?

As personagens tem nome: K e Y. São apenas letras, mas são o suficiente para as distinguir. Não me parece que seja por uma questão de ausência de identidade, mas antes por uma questão prática. Várias das minhas peças têm letras, por vezes números, como nome / designação das personagens. K, Y e W são as letras que mais uso, pois permite, caso o deseje, alterar o nome de uma personagem para outro nome qualquer de forma automática, por serem letras que não utilizo na minha escrita. Não foi o caso, não tem sido o caso, mantive os nomes iniciais: K e Y. Já eram muitos os dados que eu conhecia, que tinha partilhado em conversas com quem ia montar o texto. Ou seja, quando comecei a escrever *Hoje durmo em Berlim* já sabia quem seriam os intérpretes e estes já aguardavam um texto para si, daí não me parecer relevante colocar mais informação. Como, por exemplo, a definição de género das personagens, eu estava a escrever para dois homens. No final, quando a peça estava concluída apercebi-me que ela própria nos vai dando a informação pouco a pouco, não sendo necessário mais informação do que aquela que nos é fornecida e que isso é bastante sedutor.

**K** Entra.

**Y** Obrigado.

**K** Está à vontade.

**Y** Obrigado. Está diferente.

**K** O quê?

**Y** Havia aqui uma parede.

**K** Penso que sim.

**Y** Havia, tenho a certeza.

**K** Alguém a deitou abaixo.

**Y** Sim, se agora não existe parede, alguém a deitou abaixo.

**K** Quando vim para cá já não havia parede, a casa já estava assim.

Que espaço é este a que se referem?

Eles dizem que estão numa casa, não tenho razões para duvidar. Eu sabia que o espectáculo que iria resultar a partir deste texto não iria ser feito numa casa, mas num palco convencional. É isso que o teatro tem de belo, no palco pode existir tudo, ainda que não exista realmente. Por isso não tive preocupações em relação ao espaço. Embora este funcione ao longo da peça como personagem, como uma personagem incontornável. Pois tudo se passa ali e é sobre ali que tudo acontece. Diria até que esta peça, na verdade, tem três personagens: os dois homens e a casa. Embora eu não saiba que casa é, se é de facto uma casa. Sei que lhe falta uma parede e que não está como era antes.

**Y** Parece maior. Sem a parede parece maior. Quer dizer, ficou maior, ganharam espaço.

**K** A mim parece-me bem.

**Y** Pensei em deitar a parede abaixo para ganhar espaço, mas nunca o fiz.

**K** Parece que alguém teve a mesma ideia.

**Y** Parece que sim.

**K** Que te parece?

**Y** Já não é a minha casa.

**K** Mas parece-te bem?

**Y** Que te parece a ti?

**K** Por mim está bem.

Quem é quem e o que pretende?

Não sei. Pouco sei sobre eles. À medida que a acção se vai desenrolando vamos sabendo coisas sobre eles, para já ainda só esboços. Um está a tentar ganhar ascendente sobre o outro, mas não sei se é essa a razão porque falam, se não é apenas uma mera utilização de um dos muitos meios de comunicação de que dispomos: a fala.

**Y** Ótimo. Podemos tratar-nos por tu?

**K** Nós estamos a tratar-nos por tu.

**Y** Podemos continuar a tratar-nos por tu?

**K** Claro.

Três vezes a utilização da palavra «tu» em três linhas.

Não só a utilização da palavra «tu», mas também de «tratar-nos por». A repetição da mesma palavra / palavras cria uma dinâmica fonética que me agrada bastante. Sinto que há uma forte musicalidade nos textos que tenho escrito para a cena. *Hoje durmo em Berlim* é um desses casos. Não é uma opção declarada e consciente, antes o respeitar das decisões das personagens e do ritmo a que conversa se desenrola. Este efeito é sem dúvida potenciado quando os textos vão a palco. Por outro lado, ainda estamos no início da peça, no início do encontro entre estes dois homens, que estão nervosos, a tentar marcar posição, a fazer uma avaliação do outro, o oponente. Nessas situações nós não estamos tão atentos, ou então estamos excessivamente atentos à forma como falamos. Em ambos os casos não me parece que eles estejam a ser eles próprios, ainda que aqui ainda não se perceba quem são estes dois homens.

**Y** Ótimo. Mudaram as cortinas, eram de outra cor.

**K** Não mudei nada, ainda estou a instalar-me.

**Y** Gostas?

**K** Sim, bastante. É uma cor que me agrada.

**Y** Falo da casa.

**K** Ah. Gosto.

**Y** Ainda bem.

**K** É central, é acolhedora...

**Y** Não tem elevador.

**K** Eu gosto de subir escadas, sempre faço algum exercício.

**Y** Por vezes é chato quando se tem de carregar coisas.

**K** Imagino que sim, mas ainda não passei por isso.

**K** diz que ainda se está a instalar e mais à frente que ainda não teve de carregar coisas. Quando as pessoas se mudam é inevitável que carreguem coisas.

Esta peça não é sobre as pessoas em geral, não tenta mostrar uma realidade ou fazer uma sùmula da realidade. Esta peça tem duas personagens, dois homens. Um deles afirma que apesar de se estar a instalar ainda não teve de carregar coisas, parece-me claro que o

que ele afirma é a situação que está a passar e não exemplo do que se deveria fazer em determinada situação, ou uma demonstração de algo está errado. A normalidade é só isso, aquilo que a maioria costuma fazer. O que é estar a instalar-se para K? Não sei, por isso dizer que ele se está a instalar é muito vago e apenas real para si. Para além disso, existem empresas que fazem mudanças, permitindo que este não tivesse necessidade de carregar coisas. Pode sempre estar a mentir-nos ou a ironizar.

**Y** Vão construir um prédio aqui em frente.

**K** Sim?

**Y** Do outro lado da rua. Vão fazer barulho durante algum tempo.

**K** Ainda não começaram.

Y apesar de não viver na casa sabe tudo o que se passa com ela.

Não diria tudo, tudo é uma palavra demasiado grande. Parece que sabe coisas. Relativismos à parte, não se sabe quanto tempo passou entre K sair e Y entrar (adquirir?) na dita casa. Podemos ter por referência a questão da parede e o tempo que demora a deitar uma parede abaixo, fazer obras. Mas isso levanta várias questões sobre a forma como o tempo é medido na peça.

**Y** Está para breve, o projecto já foi aprovado. Uma coisa nova, uma coisa moderna com muitas caixinhas para muitas pessoas morarem dentro dessas caixinhas. Com elevadores e música nos elevadores. Música que te faz sentir relaxado, bem contigo próprio, que te ajuda a encontrar o teu verdadeiro eu: música de elevador.

Parece uma brincadeira com uma certa forma de estar na vida, com o crescimento das terapias de auto-ajuda.

Ou uma simples tautologia. A música que se ouve no elevador é sempre música de elevador. No entanto, e porque se popularizou designar de uma certa forma um tipo de música, cria-se um jogo de linguagem interessante. A coisa tem a designação da própria coisa e ela pode ainda assim ser uma outra coisa. De novo questões à volta da linguagem que me agradam e que provocam o cérebro do leitor / espectador.

**K** Queres beber alguma coisa?

**Y** As pessoas vão trazer os seus carros e vão colocá-los em caixinhas, que nós não vamos ver, que foram criadas para se colocarem os carros das pessoas. Haverá caixinhas acima do

solo e caixinhas abaixo do solo, e pessoas, muitas pessoas, felizes em caixinhas. Mas antes disso haverá muito barulho e poeira e máquinas e barulho...

**K** Queres beber alguma coisa?

**Y** Não, não quero incomodar.

**K** Não tenho muito para oferecer...

**Y** Não quero mesmo incomodar.

De novo uma série de repetições.

Aqui já não de uma palavra específica, mas de frases inteiras ou com apenas pequenas alterações. A repetição de «queres beber alguma coisa?» parece nitidamente que K não dá importância ao que Y diz, que o ignora. Y fala sobre lugares comuns relativos ao viver numa grande cidade, temática que me parece não levantar grandes problemas nos dias de hoje. As cidades cresceram na vertical e vão continuar a crescer. Todas as questões relacionadas com esta forma de fazer cidade já foram esmiuçadas. Não quer isto dizer que os problemas inerentes às grandes cidades, como a desumanização, a falta de relacionamento interpessoal entre os cidadãos, tenham sido todos resolvidos, antes que, aparentemente, já não constituem um problema. Ao se aceitar um problema como realidade parece que o esvaziamos e o tornamos num não problema. A referência a caixinhas, ainda que sem querer, remete-nos para a infância e para o lúdico.

**K** Não incomodas. Não te queres sentar?

**Y** Estou bem assim. É estranho...

**K** O quê?

**Y** As mudanças.

**K** Ficou muito diferente?

**Y** Não muito, mas o suficiente para sentir que fizeram mudanças. Ainda que continue a sentir que já estive aqui, que morei aqui.

**K** Que este espaço já foi teu.

**Y** De certa forma é isso que sinto: este espaço já foi meu. Passado, passou.

O passado é uma referência recorrente.

Duas pessoas que estão confinadas numa casa / sala que ambas conhecem, da qual já foram / são inquilinos de certeza que vão falar sobre isso. São dois estranhos, não têm

sobre o que falar. A casa é uma ótima desculpa para irem marcando a sua posição, conhecerem-se. Y refere que há mudanças, mas que continua a sentir-se lá atrás no tempo, ou algo semelhante. Tempo, espaço e poder. Três linhas de força que atravessam toda a peça. Aqui sinto que o tempo é a mais evidente, mas as outras duas também nos são dadas e têm tanta ou mais importância. «Este espaço já foi meu» é um ótimo exemplo disso mesmo, conjugando as três linhas de força. Y diz «passado, passou» e sentimos logo que na realidade não passou, bem pelo contrário. Ele gostaria que tivesse passado, mas não passou. Há uma tentativa de se convencer a si próprio.

**K** Vodka?

**Y** Eu não bebo.

**K** Nada?

**Y** Hoje não.

Porquê álcool?

Dá-nos logo a ideia de que se trata de uma coisa de homens. Não nos podemos esquecer da situação: um homem vai a casa de outro que não conhece. É também a primeira vez que a palavra «hoje» aparece na peça. Aparece junto à palavra «não», o que causa um efeito estranho. Levanta dúvidas, ainda que revele um pouco do caminho pretendido: hoje vai passar-se algo diferente, ou passou-se algo diferente. Mas mais importante ainda, «hoje» é uma referência temporal.

**K** Queres ver o resto da casa?

**Y** Não é um incómodo para ti?

**K** Não, de maneira nenhuma.

**Y** Para mim é. Prefiro não ver.

**K** Compreendo.

Há uma mudança abrupta de assunto.

Talvez haja uma pausa, talvez não haja. Ao não colocar indicações cénicas tudo é válido (se colocasse indicações cénicas tudo seria válido na mesma). Também não me parece que haja uma mudança de assunto, mas aí levanta-se uma questão: ao que é que podemos chamar um assunto e como se define o limite até onde este pode ir? Mas ainda

que haja uma mudança de assunto, é normal que assim suceda entre pessoas que não se conhecem e que não estão confortáveis.

**Y** Não leves a mal, mas...

**K** Eu percebo.

**Y** Sinto que estou a invadir um espaço que já não é meu e ao mesmo tempo sinto que de alguma forma ainda é meu. É parvo, não é?

**K** Não, claro que não.

**Y** A mim parece-me parvo, parece-me bastante parvo.

É parvo Y pensar que a casa ainda é sua?

Ele diz que sim, que lhe parece parvo. Pede apoio a K sobre sua opinião, apoio que não recebe. Y diz «parece-me parvo», revela que tem dúvidas, que é um humano, como todos os outros humanos, que tem dúvidas, que necessita de apoio nas suas opiniões para se sentir melhor. Dá a sensação que se está a castigar, a punir de alguma maneira, como se não tivesse direito a pensar de outra forma. O que pensa não me parece parvo, mas já a forma como o afirma revela qualquer coisa, que não sei bem definir o que é.

**K** Quero que te sintas à vontade.

**Y** Porquê?

**K** Porque...

**Y** Porque é que queres que eu me sinta à vontade?

**K** Não sei, mas sei que é isso que sinto.

Porque é que K quer que Y se sinta à vontade?

Não sei, mas sei que é isso que ele sente. É muito importante respeitar a vontade das personagens. Neste caso, não são personagens à procura de um autor, como aconteceu a Pirandello, mas antes um autor a tentar perceber quem são estas personagens.

**Y** Quantos dedos vês?

**K** Não percebo.

**Y** Quantos dedos tem a minha mão?

**K** 5.

**Y** E esta?

**K** Mas porque é que...

**Y** Responde, por favor.

**K** 5, também.

**Y** É de números que eu quero falar. Estas mãos são únicas, não há no mundo mãos iguais a estas, mas ambas têm 5 dedos. Temos acordo?

**K** Sobre?

**Y** Que cada uma destas mãos tem 5 dedos.

**K** Sim...

**Y** É só isso, números.

**K** Não estou a perceber.

**Y** O que é que não estás a perceber?

**K** Esta conversa sobre números.

**Y** Não esperava que percebesses, mas espero que aceites. 5 mais 5 é igual a 10. Duas vezes 5 é igual a 10. Duas mãos, as minhas duas mãos, têm 10 dedos. O total de dedos das minhas mãos é 10. É simples.

Porquê esta questão com os dedos das mãos?

«Quantos dedos vês?», parece que a questão não é com o número de dedos de uma mão, ou de duas mãos, mas antes com aquilo que o outro vê. Será que o outro vê o mesmo? Se sim, como se pode provar isso? Os números têm essa capacidade, de nos passarem sempre a mesma informação em qualquer parte. Eles não estão dependentes de um código, eles são em si mesmo um código. Têm também a capacidade de focar a atenção do leitor / espectador. Sempre que um número entra numa frase, como que suga tudo o que está à volta e encaminha facilmente os nossos cérebros para um dado local. Os dedos das mãos porque são elementos tremendamente visuais e performativos. Esta conjugação parece-me forte e cheia de potencialidades: números e dedos das mãos.

**K** Já percebi que tens 10 dedos, mas não estou a perceber onde é que queres chegar.

**Y** Não quero chegar a lado nenhum, apenas quero que percebas que isto é só uma questão de números. Mostra-me a tua mão direita. A sério, mostra. Quantos dedos tem?

**K** Tem 5 e a esquerda também tem 5, e as duas têm 10 dedos. E...?

**Y** Cada um de nós tem duas mãos de cinco dedos. Cada um de nós tem uma coisa em comum.

**K** Penso que temos mais coisas em comum.

**Y** Mãos únicas, mas o mesmo número de dedos. É assustador, não é?

**K** Não.

**Y** Eu também acho que é assustador.

**K** Mas eu não acho...

**Y** Perde-se demasiado tempo com pequenas coisas, com coisas supérfluas. Números, o que realmente importa são os números. Tudo o resto é complicado e subjectivo e único e diferente, mas os números são sempre números.

**K** É verdade, os números são sempre números.

«Os números são sempre números», como A é sempre A.

Sem dúvida, mas é fácil esquecer isso. A redundância é usada como forma de sublinhar uma ideia, mas neste caso como uma afirmação de que a questão levantada foi entendida. Para Y «o que realmente importa são os números», tudo o resto é perda de tempo, começamos a saber mais sobre ele.

**Y** Há quantos dias estás a viver aqui?

**K** Aqui?

**Y** Sim.

**K** 12 dias.

**Y** Vês, é fácil. Que dia é hoje?

**K** ... (*O dia em que se faz a pergunta.*)

Porquê esta indicação cénica?

É a única indicação cénica de toda a peça. Embora seja apenas uma indicação, caso a peça seja apenas lida, o leitor tem a possibilidade de alterar a informação, pois ela é mutável e também de sua escolha. Senti que era importante haver uma ligação entre o que se está a passar e o dia em que se está ler a peça, ou o dia em que se está a ver o espectáculo. Essa ligação só seria possível com uma indicação cénica. Não tive nenhum objectivo pessoal ou artístico ao não colocar indicações cénicas no texto, não coloquei porque não senti falta delas enquanto o escrevia. Em geral uso o mínimo de indicações cénicas possível, não pretendo encenar por escrito, como irei explicar à frente com mais detalhe. Em *Tango Uniforme* e *A morte de um homem feio* tive necessidade de usar indicações de momento de pausa: «silêncio», como separadores da acção, mas apenas para eu me entender com o texto e não me perder, em *Hoje durmo em Berlim* e em *Ela não gostava de flores* não senti essa necessidade.

**Y** Quantos copos me ofereceste?

**K** Copos?

**Y** Ofereceste-me um copo.

**K** Ofereci-te uma bebida que tu não aceitaste.

**Y** Se me ofereceres de novo quantos copos me estás a oferecer?

**K** 2?

**Y** Pensas que eu agora vou aceitar? Melhor, quantos copos tens de me oferecer para eu aceitar? Quantas vezes tens de me oferecer um copo para eu aceitar?

**K** 10 vezes...?

**Y** À décima vez eu aceito. Sabes porquê?

**K** Não.

**Y** Eu decidi que esse era o número justo, que esse era o número a partir do qual eu aceitaria algo. Mas como sei que tu não me vais oferecer 10 vezes, por uma questão de respeito, de educação, penso que se te disser que não aceito nada não estou a mentir.

**K** Vou beber algo.

**Y** Eu faço-te companhia.

**K** Não, não fazes. Já estou farto desta conversa, desta conversa sobre dedos e copos que não percebo muito bem... que não percebo nada, farto.

**Y** Queres que eu saia?

**K** Mudemos de assunto.

**Y** Porquê?

**K** Porque estou na minha casa, porque és meu convidado.

Este é um ponto de ruptura, um momento de conflito?

Y coloca a hipótese de sair, isto é, propõe a recusa da continuação do texto. Se K aceitasse a proposta de Y o texto iria para outro lado qualquer, que não seria certamente a forma que chegou até nós. Pode-se sempre alegar que a peça *Hoje durmo em Berlim* é um objecto uno e que este alterado também chegaria a nós como um objecto uno, diferente, mas também um objecto uno. Ainda assim eu acrescento que a recusa da acção por um destes dois homens, nesta sala, teria como consequência uma alteração tão grande que *Hoje durmo em Berlim* não existiria. Esse outro objecto teria, com toda a certeza outro nome, outro título ou pura e simplesmente deixava de cumprir a sua função e eu escreveria outra coisa.

**Y** Agora aceito uma bebida, agora sento-me.

O que é que se passa, porque é que só agora Y aceita o que antes recusara?

É muito provável que seja por ter existido o primeiro momento de conflito aberto. Y foi adiando as decisões até K se impor, por isso, tudo indica que Y não tomou uma decisão, mas antes que já tinha tomado uma decisão prévia que lhe servia de referência até onde deveria levar K para que esta agisse da forma esperada. Fica-se com a ideia que conseguiu.

**K** Porque telefonaste?

**Y** Para onde?

**K** Para aqui?

**Y** É um número que eu conheço bem. É o único número que sei de cor, por isso liguei.

É o único número de telefone que ele sabe de cor?

Dizer que sim é tão válido como dizer que não. Continuo a não ter motivos para não acreditar em Y, embora ele nos vá revelando algumas das suas intenções, melhor, revelando que tem pré-intenções. Talvez se possa levantar uma dúvida, legítima, que não nos é imediata: só se liga para os números que sabemos de cor? É óbvio que não. Mas Y justifica

a razão do seu telefonema porque o número daquela casa ser o único número que ele sabia de cor. Não tenho dúvidas que ele sabe outros números de cor.

**K** Mas para quê?

**Y** À espera que alguém atendesse, que alguém do outro lado me dissesse alguma coisa.

**K** O quê?

**Y** Não era importante, não era um jogo. Liguei para o único número que conhecia e alguém atendeu. É tudo.

«Liguei para o único número que conhecia.»

Sim, Y sobe a parada ao afirmar que o número para onde ligou, a casa actual de K, é o único número que conhece. No entanto usa esse mesmo argumento para justificar a razão porque o fez. O argumento é falacioso e o texto embala-nos para não termos de pensar muito no que está a ser dito, para não levantarmos muitas questões. A forma como Y começa, «não era importante, não era um jogo» e termina, «é tudo», é bastante reveladora do que se pretende com esta última fala.

**K** Estavas à espera de alguma voz em especial, de alguém em especial, da voz de alguém em especial?

Estava à espera «de alguém em especial, da voz de alguém em especial»?

Claro que estava, sem sombra de dúvida. Ele sabia muito bem para onde estava a ligar e sabia perfeitamente quem iria atender a chamada.

**Y** Era eu quem atendia esse número. Penso que estava à espera de me ouvir atender, à espera de me ouvir. Quando cheguei e me perguntaste se eu era eu, saiu-me um enorme peso de cima. Não estava preparado para que me perguntasses: quem és? Não saberia o que responder.

Há aqui qualquer coisa de novo.

Há. Qualquer coisa de novo que liga com as falas iniciais, como é assumido por Y, e que nos traz alguma luz sobre elas. Assim parece que estas já começam a fazer algum sentido, embora não fosse a procura de sentido que se procurava, tenho a certeza. Y assume aqui que não está bem. Isso é uma grande novidade. Não saberia o que responder se K lhe perguntasse: «quem és?», e antes diz-nos que «estava à espera de me ouvir

atender, à espera de me ouvir». Aqui, abre-se a porta para outra dimensão dentro do texto. É o início da contextualização do próprio texto, são-nos fornecidas as coordenadas básicas para o lermos e podermos apreendê-lo de uma outra forma. Parece que é nesta fala que se dá início a um jogo, ou pelo menos tem-se a noção de que este existe, pois parece que este teve o seu início muito mais cedo no texto. Mais curioso do que aquilo que Y afirma, é a reacção (não reacção) de K. Decididamente estamos a jogar um jogo com estes dois homens e este tem regras próprias que o texto não estabelece.

**K** O dia está cinzento, talvez ainda chova. Se chover é o meu primeiro dia com chuva aqui. Como é viver aqui enquanto chove lá fora?

**Y** É agradável, é reconfortante, é amargo.

**K** Amargo?

**Y** Um amargo bom.

**K** Como uma cerveja?

**Y** Sim, como o amargo de uma cerveja. Quando chovia eu encostava-me à parede, àquela parede que já não existe, e esperava que a chuva se fosse embora. Não fazia nada.

**K** Nada?

**Y** Nada.

**K** Mesmo quando chovia vários dias?

**Y** Por vezes chegava a doer-me o corpo todo, chegava a sentir que todo eu estava em dor, mas não me mexia na mesma e não percebia o tempo a passar e era amargo e era bom.

**K** Porque fazias isso?

**Y** Não sei. Tu sabes?

**K** Não, porque haveria de saber?

«Quando chovia eu encostava-me à parede, àquela parede que já não existe, e esperava que a chuva se fosse embora.» Isto pode ser real?

Depende muito daquilo que se designa por real. Se o real é algo que está a acontecer ou pode acontecer efectivamente, direi já que não é real, mas se o real é aquilo que o texto nos faz chegar, independentemente de ser possível, digo já que é bastante real, pois está a acontecer com as personagens e elas são reais. Não é necessário suspender a noção de realidade e nos deixarmos ir para que tudo faça sentido, leia-se esteja contextualizado. Y aos

poucos vai dando-nos uma realidade paralela bem real, onde se sofre e se tem dores. Essa realidade é aceite e potenciada por K. Não são crianças a brincar a um jogo de faz de conta, são personagens a viver a sua realidade. É curioso que esta parte do texto não levantou grandes questões a quem o leu, imagino que seja pelo contacto que se tem com a ficção em geral, seja na televisão, cinema ou literatura. Isso agradou-me bastante, pois temi que pudesse ser um problema, por a dita realidade alternativa não ser muito clara e não estar muito definida. Parece que as referências usadas eram suficientes.

**Y** Porque agora és tu quem habita aqui e agora não há parede, talvez pudesses perceber algo que eu não percebia na altura... Não faz sentido, tu não poderias saber.

Y tem dúvidas e certezas ao mesmo tempo.

Como na vida. Não pretendi criar uma representação da vida, porque estes dois homens estão numa realidade sua, mas agrada-me que o leitor / espectador se sinta confortável, que crie uma identificação com as personagens. Não uma identificação carnal, como se estas fossem seres vivos, mas antes uma identificação por conhecimento. O leitor / espectador não tem de ter vivido a situação, mas sabe o que esta é, sabe o que esta implica. Para além disso há informação muito importante: Y é peremptório ao afirmar que K não poderia saber algo, embora não deixe de o questionar. Parece-me que a partir deste momento há um dado novo que emerge do texto: é mais importante quem detém mais informação.

**K** Estavas sozinho?

**Y** Quando chovia sim. E tu?

**K** Quando chovia não.

De novo um jogo fonético?

Não é apenas um jogo fonético, o que não seria por si só matéria de menor importância, há uma continuidade na informação que é fornecida ao leitor / espectador, por um lado, por outro lado começamos a perceber quem é quem. Y está sozinho quando não chove, K está sozinho quando chove. Dependendo do local onde se encontram, um deles poderá sair muito beneficiado desta situação, pois há locais onde chove bem mais do que outros. Agrada-me a relação que se pode estabelecer entre o texto e o leitor / espectador a este propósito. Pode inclusive ter leituras diferentes para as pessoas, consoante o local onde estas tenham contacto com a peça e / ou contacto com o espectáculo. A mesma pessoa pode ter uma relação enquanto leitor e outra enquanto espectador.

**Y** Uma vez choveu mais de uma semana e eu já não aguentava estar na mesma posição e parecia que já levitava por cima de mim e decidi sair, sair daqui, sair de vez. Mas não o fiz.

**K** Porque não o fizeste?

**Y** Porque sabia que quando parasse de chover ela voltava e me iria abraçar e o meu corpo voltava ao normal, eu seria de novo normal.

Quem é esta ela que torna Y de novo normal com o seu regresso?

Esta é sem dúvida a maior questão que se coloca a este texto e a que ele não responde, isto se os textos nos pudessem dar respostas. *Hoje durmo em Berlim*, a partir daqui, passa a ser uma peça sobre dois homens, uma sala / casa e uma ela, que ambos parecem conhecer, pois só assim se justifica este tratamento. Seja quem for esta ela, tem a capacidade de apaziguar Y, de o normalizar, quer a nível físico, quer aos outros níveis que vulgarmente nos levam a afirmar que alguém é normal, que está conforme à norma ou regra.

**K** Agora apeteceu-me dar-te um abraço.

**Y** Um abraço?

**K** Não um que te fizesse sentir criança, mas um que me fizesse sentir humano.

**Y** Porque não o fazes?

**K** Porque tenho receio que não queiras, que não queiras que eu te abrace, que te sintas ofendido, invadido, que te sintas criança.

Não se percebe porque apetece a K dar um abraço a Y e apetece-lhe, porque tem receio em fazê-lo?

Nem porque isso o iria fazer sentir-se humano. Não tem de haver uma razão clara para alguém querer abraçar outro alguém, para ter este tipo de sentimentos. Penso que por essa perspectiva K é tão livre de lhe apetecer abraçar Y como de lhe apetecer fazer outra coisa qualquer. Claro está que o momento em que isso acontece leva o leitor / espectador a pensar coisas, mas isso é o mesmo que afirmar que tudo o que existe é passível de ter uma leitura. É revelador que K defina o tipo de abraço em causa, «não um que te fizesse sentir criança, mas um que me fizesse sentir humano», para logo de seguida mostrar receio que K se sinta criança. É um momento de ligação entre K e Y, uma espécie de empatia.

**Y** Porque não me perguntas?

**K** Porque não se pergunta se se pode fazer uma pergunta sem a fazer.

«Porque não se pergunta se se pode fazer uma pergunta sem a fazer». É um adágio?

Parece um adágio de facto e é usado como se fosse um adágio. Também parece um elemento do cenário que alguém coloca e que irá ser utilizado mais tarde, ou não. Uma coisa é certa, esta afirmação vai ficar a pairar sobre o texto até ao final deste.

**Y** Tens razão. Não me ia sentir bem, ia sentir-me criança. E talvez fazer como fazem as crianças e ser agressivo e bater-te, e bater-te tanto que tu irias sangrar e mesmo que me pedisses para parar eu não iria parar. Ia continuar a bater, a bater, a bater-te.

A tal empatia.

Não sei se será empatia. Sei que eles começam a entender-se, no sentido em que já conseguem descodificar o que o outro diz e começam a saber, ou sentir que sabem, o que o outro quer dizer com algumas frases, com algumas atitudes. «A bater, a bater, a bater-te», parece o som de um tambor em crescendo, tem uma grande força sonora, ainda que seja só lido.

**K** Presumo que não queiras que te abrace.

**Y** Presumes bem. Lembro-me de uma praia, um punhado de areia e sol... Depois de alguém que me sacudia as mãos e me dava algo para comer. Era tudo tão simples.

**K** Crescer é estragar.

**Y** Sempre. Crescer é uma praga.

**K** Mas é necessário.

**Y** É um mal necessário. Brindemos a isso.

**K** A quê?

**Y** Aos males necessários.

**K** A isso não brindo.

**Y** Fazes mal.

**K** Eu aguento.

Parecem dois miúdos a conversar na casa de um deles.

Parecem, de facto. Com a nostalgia inerente à perda de uma infância, lá longe em que era tudo tão confortável e simples. Mas tem de se continuar o caminho e a infância é só um pedaço da vida, mesmo que crescer seja uma praga. Brindemos «aos males necessários».

**Y** Que faziam quando chovia?

Outra mudança de assunto abrupta.

São várias ao longo do texto. Parecem estaladas, abanões para manter o leitor / espectador atento. As personagens fazem isso muitas vezes, o que imprime ao texto um ritmo vivo e aguça a curiosidade de o ler rápido, para chegarmos rapidamente ao fim.

**K** Muitas coisas.

**Y** Falavam de mim?

**K** Que eu me recorde não.

**Y** Que faziam?

**K** Imensas coisas.

**Y** Por exemplo...

**K** Ficávamos calados, só assim em silêncio.

**Y** A ouvir a chuva a cair?

A partir daqui pode-se perguntar tudo.

Sempre se pôde perguntar tudo, poderia era não fazer muito sentido. Desde que se coloca duas pessoas juntas num espaço tudo pode ser dito ou questionado. Admito, pelo menos assim parece, que é a partir deste momento que se fazem as perguntas mais directas e, muito importante, se revela algum do passado destes dois homens. Estamos a descobrir mais um pouco sobre estas personagens, através delas próprias.

**K** Um silêncio para lá do som da chuva a cair. Um silêncio onde se pode ouvir os pensamentos, os nossos pensamentos. E ouvíamos os pensamentos um do outro.

**Y** Em que pensavam?

**K** Em como era bom estarmos juntos, em como era bom a chuva não parar e podermos ficar mais um pouco juntos.

«E ouvíamos os pensamentos um do outro»?

Não é nenhum poder sobrenatural, é teatro. Esse lugar onde tudo é possível. Usando palavras muito simples, constrói-se uma situação muito complexa. «Um silêncio onde se pode ouvir os pensamentos», deve ser um silêncio muito especial.

**Y** Nunca falaram de mim?

**K** Talvez o tenhamos feito uma vez.

**Y** De que falaram?

**K** De que se um dia nos conhecêssemos teríamos uma conversa franca e agradável, que até poderíamos vir a ser amigos.

**Y** Ela disse isso?

**K** Eu disse isso.

**Y** E ela?

**K** Talvez me tenha feito uma festa na cabeça. Talvez me tenha feito uma festa na cabeça e me tenha beijado de forma a eu não poder falar, de forma a eu não poder dizer mais nada. Talvez não tenha feito nada.

**K** tem imensas dúvidas e uma certeza.

Pois é, talvez, talvez... para depois largar uma espécie de promessa ao leitor / espectador: «de que se um dia nos conhecêssemos teríamos uma conversa franca e agradável, que até poderíamos vir a ser amigos». Estes homens estão para ali a falar naquela sala, naquela casa, sobre uma mulher, que aparentemente partilharam, mas ainda podem vir a ser amigos. Eu quero ler / ver isso.

**Y** Pensas mesmo que podemos ser amigos?

**K** Não somos inimigos. Estamos a beber um copo juntos...

**Y** Isso significa alguma coisa?

**K** Pode significar?

Inversões de pergunta / resposta.

Há imensas ao longo do texto, embora esta seja das mais fortes, vou chamar-lhe assim, pois vem na sequência do que afirmei atrás. A promessa de eles vão acabar por se entender. Depois de já nos terem dito que se podiam abraçar / gladiar, agora falam em amizade e não há nada que indique que possa haver outro desfecho. As personagens são irrequietas e respondem várias vezes a perguntas com perguntas.

**Y** Porque atendeste o telefone?

**K** Quando tu ligaste?

**Y** Sim.

**K** Porque eu atendo o telefone, não fujo de quem está do outro lado. Atendo sempre o telefone. Ainda que saiba que a conversa pode não ser agradável.

**Y** Mesmo sabendo que era eu? Porque tu sabias que era eu.

**K** Mais uma razão para eu atender o telefone. Tu és a única pessoa a quem eu teria sempre de atender o telefone.

**Y** Porquê?

**K** Não sei responder a isso, é assim e pronto.

Como é que Y sabia que K sabia que era Y quem estava a ligar?

Faço minhas as palavras de K: «não sei responder a isso, é assim e pronto». São imensas as questões que tenho sobre o conhecimento que as personagens têm. Acerca de quem sabe e quem não sabe o que está a acontecer ou a passar-se.

**Y** Em que deus acreditas?

**K** Tenho de acreditar?

**Y** Não tens de acreditar, mas acreditas?

**K** Não acredito em deuses que me façam sentir culpado.

Deus?

Outra aparente mudança de assunto, a introdução de matéria que se relaciona com o divino. Sem dúvida influência da minha passagem por Marrocos onde parece que tu gira à

volta da religião. Agrada-me quando as coisas deixam de depender apenas delas próprias, como é habitual, e começam a depender de outros factores que nos ultrapassam e sobre os quais não temos o mínimo controlo. Deus pode ser um desses factores.

**Y** Sentes-te culpado?

**K** Por vezes não. E tu?

**Y** Não me sinto culpado de nada. Penso até que do meu passado só duas coisas ficaram por fazer: o meu presente e o meu futuro.

«Penso até que do meu passado só duas coisas ficaram por fazer: o meu presente e o meu futuro». Outro adágio?

Chamo-lhe frases resumo, penso que denomina-las como adágios é demasiado pomposo. É recorrente neste texto e na minha escrita para a cena em geral. Em poucas palavras passamos ao leitor / espectador uma grande dose de informação. Não são truques de escrita, pois não ando à procura da frase resumo certa (como se isso pudesse existir), são, antes sim, frases que me assaltam e que amplificam aquilo que está a acontecer. Aqui resumo funciona como um amplificador, por estranho que isso parece. Quando Y diz esta frase está sem dúvida a referir-se ao que K nos deu antes, a sua dificuldade em lidar com o que se está a passar, em lidar consigo, com o seu eu.

**K** E estás aqui para resolver isso?

**Y** Estou aqui porque me disseste que poderia vir até cá, passar por cá, subir as escadas, bater à porta e entrar, e assim fiz.

**K** Foi isso que te disse.

**Y** Por isso vim. Fizeste-me sentir bem-vindo, fizeste-me ter vontade de voltar aqui, de te conhecer.

**K** Era o que esperavas?

**Y** Talvez. Ainda não sei bem.

**K** Quando souberes dizes-me?

**Y** Prometido.

Parecem amigos.

Não diria tanto, mas já se estabeleceu uma boa base de entendimento.

**K** Quando não chovia o que faziam?

**Y** Coisas, muitas coisas. Por vezes coisa nenhuma.

**K** Falavam de mim?

É mais forte do que nós saber se falam de nós.

Para K parece que é.

**Y** Várias vezes, muitas vezes. Mas não me perguntes sobre o que é que falávamos, já não me recordo.

**K** Não te recordas ou não te queres recordar?

**Y** Há diferença?

**K** Às vezes parece que não há, mas é diferente. É muito diferente.

**Y** Vivemos é igual no passado e no presente.

**K** Pois é.

**Y** Vivemos e foi tudo. Vivemos e é tudo.

«Vivemos é igual no passado e no presente»?

Sim, é a mesma palavra no passado e no presente, uma curiosidade do verbo viver. Hoje vivemos aqui, ontem vivemos aqui, por exemplo. É estranho K saber disso e saber tão rápido. Parece que os dois são uma só pessoa, ou têm acesso à mesma informação, como se fossem apenas uma pessoa. Não pensei nisso, mas parece.

**K** Como é que ela está?

**Y** Porque perguntas?

**K** Porque não?

**Y** Penso que esteja bem. A última vez que falei com ela estava bem.

**K** Ótimo. Gosto de saber que ela está bem.

**Y** Ela também vai gostar de saber que tu estás bem. Tu estás bem?

**K** Tenho de responder?

**Y** Gostava que respondesses.

**K** Não vou responder.

Um esclarecimento sobre a questão de os dois puderem ser um só?

Talvez. De facto há uma substancial diferença entre o que um sabe e o que o outro sabe, inclusive Y dá-nos a ideia de que ainda tem uma relação, não importa de que cariz, com a dita mulher. Há o regresso de uma certa tensão entre eles.

**Y** Quem deitou a parede abaixo fez um bom trabalho, nem parece que existiu aqui uma parede. Se eu não tivesse vivido aqui não imaginaria que tinha havido uma parede neste lugar. Lembras-te da parede?

**K** Tenho uma vaga lembrança. Diria que sim, que me lembro. Estive aqui uma vez, uma única vez e tenho presente que este lugar era mais pequeno.

**Y** Era, era mais pequeno. O ideal para duas pessoas partilharem algo, partilharem-se, pouco mais. Não foi um local feito para mais de duas pessoas. Alguém alterou as regras e deitou a parede abaixo, agora é só mais um espaço onde cabem pessoas, pouco mais. Alguém pensou que fazia bem em mexer, em alterar e pensou que pensava da forma correcta e assim fez. Esta casa não é a mesma sem a parede que aqui estava. Não porque de facto já não é a mesma casa, mas porque algo se alterou, se alterou por dentro, como se lhe retirassem um órgão, um órgão vital. Quis ver como era. Como estava, como tinha ficado depois de lhe terem tirado algo que era seu.

Parece que voltamos ao início do texto.

Sim, como se tivessem dado alguns passos atrás. Não só na relação, mas também no tempo. Y tem uma fala longa sobre o local e o que este significava para ele, que no fundo também funciona como uma chamada de atenção: K já tinha conhecimento sobre as alterações na casa. Embora desde o início ele fale como se não soubesse de nada e as alterações fossem uma surpresa para ele, mas ele sabe e vai mais longe ao designar a parede como «um órgão vital». De facto esta era a parede com a qual ele tinha estabelecido uma relação de espera. Há uma humanização do lugar, ou pelo menos de parte dele.

**K** Já sabias?

**Y** Tu sabias, eu sabia.

**K** Eu não sabia.

K confronta-o.

Sim, Y já sabia ao que ia. Agora a resposta de Y é tremendamente enigmática e quase não deixa espaço que não seja para afirmar que K e Y são uma e uma só pessoa. Não me apercebi quando estava a escrever e foi uma surpresa quando me confrontaram com isso. Agora quando volto ao texto já não é uma surpresa e percebo a razão porque várias pessoas pensaram assim, inclusive os actores para quem escrevi o texto.

Y Quando é que estiveste aqui?

K Aqui?

Y Sim, quando?

K Num dia em que não estavas cá.

Y Imagino que sim, senão eu teria cruzado contigo, eu teria cruzado-te.

K Muito provavelmente.

Y O quê?

K Terias feito algo violento, de que te irias arrepender.

Y Algo violento. Quando é que estiveste aqui?

K Não sei ao certo.

Y Sê concreto. Quando é que estiveste aqui?

K 2 dias antes de ela se ir embora.

Y Porque é que as pessoas passam a ter uma memória mais nítida quando alguém lhes grita? Achas que é uma espécie de filtro que têm nos ouvidos, que lhes turva a memória, e quando alguém grita este filtro estilhaça e permite ver mais além?

Há aqui uma indicação cénica encapotada.

Y diz-nos que gritou e assim percebemos que ele gritou sem ser necessário qualquer indicação cénica. Agrada-me esta relação: mais som, melhor memória.

K Não sei.

Y Responde.

**K** Talvez seja isso.

**Y** Vês como tenho razão.

**K** Não gosto que me gritem.

**Y** Eu odeio que me gritem, mas que se pode fazer, agora toda a gente grita. O que é que vieste cá fazer?

Y por vezes parece que tem personalidade dupla.

Alguém disse que ele parecia bipolar, não por passar de estados de depressão a estados de euforia muito rapidamente, mas por dizer algo e pouco tempo depois dizer o seu contrário, ou por em causa o que disse antes. Y de facto tem muito mais do que aquilo que até agora nos está a mostrar, isso agrada-me muito, apetece saber mais sobre ele.

**K** Onde?

**Y** Do que é que estamos a falar?

**K** Sim, claro... Vim procurá-la, vê-la.

**Y** Porquê?

**K** Porque precisava de a ver antes de ela se ir embora. Porque ela me evitava, porque não queria mais ser evitado. Queria evitar isso.

Ela foi-se embora?

O que parece é que K agora habita onde Y e a mulher viviam. K manteve uma relação de dependência com esta mulher: «precisava de a ver antes de ela se ir embora», que não queria estar com ele e o evitava.

**Y** Mas foi um grande risco vires até aqui, não te parece?

**K** Eu segui-te.

**Y** A mim?

**K** Esperei que saíesses, caminhei atrás de ti no percurso que fizeste até chegares... Depois voltei para trás e subi.

**Y** A porta estava aberta?

**K** Qual delas?

**Y** A da rua.

**K** Sim, eu não deixei que tu a fechasses.

**Y** A sério?

**K** Fui muito rápido, tu não percebeste.

**Y** Depois subiste e entraste aqui.

**K** Foi isso.

**Y** Ela abriu-te a porta?

**K** Abriu.

**Y** Mas ela não queria falar contigo, porque te abriu a porta?

**K** Até hoje faço essa pergunta.

**Y** Ficaste muito tempo?

**K** Fiquei algum, falámos.

**Y** Sobre mim?

**K** Não, há muito que não falávamos sobre ti. Há muito que não falávamos sobre nada, há muito que não falávamos.

**Y** Por alguma razão em especial?

Volta a parecer dois miúdos a falar.

Parecem dois miúdos cúmplices, trocando informações sobre algo, ou alguém, de que gostam. Trocando confidências.

**K** Sinto que ela sabia que podíamos não nos voltar a ver, e penso que queria tornar tudo menos doloroso.

**Y** Seria por isso?

**K** Foi por isso.

**Y** Como sabes?

**K** Ela disse-me.

Quem é esta mulher?

Só vamos sabendo coisas sobre ela através deles e a informação não é muito clara, pois parece que vem sempre mediada, distorcida.

**Y** Ela mente, as mulheres mentem.

**K** Nesse dia não.

**Y** Sorte a tua.

**K** Nesse dia ela foi justa e disse-me o que sentia, o que pretendia fazer, o que era melhor para ela e pior para mim, mas melhor para ela.

**Y** Como é que estava?

**K** Um pouco enigmática, mas muito lúcida, com um discurso muito elaborado. Talvez demasiado elaborado.

**Y** A tentar convencer-se a si própria?

**K** Talvez. Talvez...

Há mais informação sobre ela.

Mas trata-se de uma situação de aparente despedida, aparentemente uma situação anormal, ou seja, não só não podemos ter certezas em relação ao que estamos a ouvir da boca de K, como não sabemos se ela se comportou de forma normal. K diz-nos que não se comportou e isso torna tudo muito mais confuso.

**Y** Não falou em mim, pois não?

**K** Perguntou como é que tu estavas.

**Y** Que respondeste?

**K** Que parecias bem. Tu estavas bem, não estavas?

**Y** A ignorância é o melhor dos estados.

**K** Que queres dizer?

**Y** Eu não sabia de nada.

**K** A sério?

**Y** Que te parece?

**K** Estás mesmo a falar a sério?

**Y** Claro que estou a falar a sério. Já estou outra vez a gritar, detesto que me gritem.

**K** Não sabia que não sabias.

Agora K e Y já não parecem a mesma pessoa.

Não têm acesso à mesma informação, apercebem-se disso e ficam surpreendidos.

**Y** No entanto seguias-me e caminhavas atrás de mim. Seguias-me até onde eu tivesse de ir e sabias onde eu estava, mas não sabias o que eu sabia.

**K** Não podia saber o que sabias.

**Y** Não? Mas tu sabias tudo, tu sabes tudo.

**K** Isso não é verdade. Ninguém nunca sabe tudo, por mais conhecimentos que tenha. É uma daquelas coisas que se diz, mas não é verdade.

**Y** Mas também não é mentira. Em que é que ficamos?

**K** Pensei que soubesses.

**Y** Não sabia.

«Mas tu sabias tudo, tu sabes tudo.»

Esta afirmação não me parece que seja referente a conhecimento, embora o leitor / espectador possa ser levado a pensar isso por causa da informação que nos foi dada nas falas anteriores. Parece que K já disse que sabia tudo, mas se o fez quando é que foi? Parece-me que Y tem um momento de provocação.

**K** Tu vivias com ela.

**Y** Viver com ela nunca me deu acesso a saber mais do que aquilo que ela queria que eu soubesse. Ela era um corpo, foi um corpo. Eu era outro corpo. Juntos eramos dois corpos.

**K** Não acredito nisso.

«Ela era um corpo, foi um corpo. Eu era outro corpo. Juntos eramos dois corpos.»  
Mais uma tautologia

A forma como é aqui utilizada revela desprezo, desdém. A repetição evidência a ideia, coloca um foco na ideia.

**Y** Ninguém te dá um dedo para chupar se não tiver a unha suja.

**K** Ela tinha as unhas sujas?

**Y** Tu tinhas as unhas sujas.

**K** Porque dizes isso?

**Y** Porque lhe chupei todos os dedos. Eu conheço o sabor dos seus dedos, de todos os seus dedos.

Porque unhas sujas?

É uma imagem forte, alguém chupar os dedos de alguém, melhor, alguém chupar as unhas sujas de alguém. K revela que tem uma ligação especial com a dita mulher, que a conhece bem e também que a partir de certa altura Y aparece na vida dela. Só assim se explica a mencionada sujidade nas unhas. Y é sujidade entre K e a mulher, está a mais.

**K** Em que deus acreditas?

**Y** No deus do Antigo Testamento, um deus que castiga e manda castigar. No deus que deu 10 mandamentos para serem cumpridos.

De novo Deus.

Tive dúvidas entre escrever deus ou Deus, com maiúscula inicial. Não me pareceu que houvesse uma referência clara a Deus, mas antes o usar da mesma arma de arremesso que Y já tinha usado anteriormente: «em que deus acreditas?» A resposta deste parece estar à altura e ainda vai mais longe.

**K** Nós somos o mesmo. Nós somos apenas um só.

**Y** Não, não somos o mesmo. Eu sou apenas um só, tu és apenas um só, mas não somos o mesmo. Pensei nisso, várias vezes e várias vezes respondi a mim mesmo: nós não somos o mesmo. Mas tive dúvidas, muitas.

**K** Mas podíamos ser o mesmo.

**Y** Mas não somos.

**K** Completamo-nos.

**Y** Porque dizes isso, por simpatia?

**K** Por empatia.

A questão de poderem ser a mesma pessoa é aqui colocada abertamente.

Havia necessidade de clarificar a situação. K e Y são dois homens. Claro está que alguém pode sempre afirmar algo diferente e tem esse direito, mas eu queria que a situação ficasse clara, pelo menos entre eles os dois. Entre mim e os actores.

**Y** Vou beber alguma coisa. Só tens vodka?

**K** Só tenho vodka.

**Y** Tenho uma garrafa de vinho tinto no carro. Posso ir buscá-la e tomamos um copo juntos. Bebemos um tinto juntos e falamos dos bons velhos tempos, de histórias em geral, de histórias de guerra.

**K** Adoro histórias de guerra. Pena que as pessoas com quem me dou não tenham histórias de guerra para partilhar comigo. Nada como uma boa história de guerra e um bom tinto para as regarmos ou afogarmos ou lá o que quer que seja.

«Falamos dos bons velhos tempos»?

Outra provocação ou uma referência a algo que desconhecemos. Um tem vodka o outro tem vinho. De novo a delimitação de um espaço, a marcação de uma posição, ainda que por aproximação das personagens.

**Y** Estás à espera de alguém?

**K** Agora?

**Y** Sim.

**K** Não

**Y** As obras começam dentro em pouco, já começaram a entaipar o edifício. Mais uma ou duas semanas e vai ser um inferno.

**K** Já passaste por isso?

**Y** Quando fizeram obras no prédio ao lado. Não conseguia dormir, não conseguíamos dormir, foi...

**K** Este é do outro lado da rua, talvez o barulho não seja tão violento, talvez o incómodo não seja tão grande.

**Y** Vai ser um inferno.

**K** És um optimista.

**Y** Saber feito, só isso.

A casa regressa como foco da acção.

Ela está lá sempre, embora nos possamos esquecer dela, é uma personagem omnipresente ausente. É o regresso a uma conversa já tida. Parece que os dois homens estão a ter uma conversa em círculos sobrepostos e vão passando de um para outro.

**K** Vinho?

**Y** Sim, vou ao carro. Prepara dois copos, eu não demoro nada. Queres descer ou preferes esperar?

**K** Eu espero por ti.

Parece que aqui poderia haver uma paragem, uma mudança de cena.

Pus essa hipótese. Y saía para ir buscar a garrafa de vinho tinto e quando voltasse o texto retomava. Fui tão surpreendido pela resposta de K como Y foi, quis saber como iria continuar e deixei-os falar.

**Y** Já há muito tempo que ninguém me dizia isso.

**K** São só palavras.

**Y** Palavras colocadas de forma que me agrada ouvir.

**K** Mas são só palavras, não são números. Têm todas as dúvidas que as palavras têm associadas a si próprias, toda a angústia e desconhecimento que uma palavra contém. Palavras e nada mais.

**Y** Angústia?

**K** De não saber o que se diz, ainda que se diga o que se disse. De não se saber como chega ao outro lado, ainda que saibamos como a informação foi enviada, e de que forma foi enviada. Porque são só palavras e muitas dúvidas.

**Y** Viver é duvidar.

**K** Sempre. Sempre. Assim sendo, as palavras são um mundo... são um universo desconhecido que a nossa boca pode soltar a cada instante. Que as nossas mãos podem rabiscar numa folha ou em qualquer outro material e tudo dizem, contudo nada é certo, nada é seguro. Que angústia depender de palavras.

**Y** Mas há palavras que são reais, que são palavras reais e nada as pode pôr em causa. Não dependem de quem as envia, de quem as recebe, do percurso que fazem.

**K** Deve haver, mas nunca me cruzei com nenhuma.

**Y** Palavras que têm o valor de números.

**K** Palavras não são números.

**Y** Eu sei que as palavras não são números.

Tudo se resume a uma disputa entre números e palavras?

Quero crer que não, mas foi uma ideia que também me assaltou. Não de uma forma tão acertiva: números de um lado e palavras do outro, antes aquilo que elas, as palavras, e eles, os números nos dão. Certezas e dúvidas em simultâneo e ambas do mesmo lado.

**K** Afinal também sabes umas coisas, afinal também tens algumas certezas. Que te trouxe cá? Não foi uma garrafa de vinho e uma companhia para a beberes, pois não?

**Y** Não, claro que não.

**K** O que é que te trouxe até cá?

**Y** Falaste mais alto do que costumas falar.

**K** Também sei gritar. O que é que te trouxe até cá?

**Y** Uma pergunta.

**K** Ou uma resposta?

**Y** Uma pergunta.

**K** Já a fizeste?

Y Não.

K Porque não a fazes?

Y Não sei.

K Pensas que se bebermos mais um pouco ganhas coragem para a fazeres?

Y Não é uma questão de coragem. É uma questão de...

K De?

Y Não sei bem qual é a razão porque ainda não fiz a pergunta, não sei bem a razão que me levou a vir até aqui, à casa que habitei durante vários anos.

De novo um regresso ao início do texto.

Parece mais claro o objectivo de Y, ainda que o possamos não conhecer, é uma incógnita com nome, o que já não parece tão assustador.

K Queres saber quem eu sou? Eu sei tudo sobre ti, mas tu sabes muito pouco sobre mim. Não sabes quem eu sou, nem porque faço parte da tua vida e isso é uma questão incontornável.

Y Quem és tu?

K É essa a pergunta?

Y Não.

K Então faz a pergunta.

Y Porquê tu e não outra pessoa qualquer?

É esta a pergunta?

Aparentemente sim, mas não me parece.

K Ela não te contou?

Y Não.

K Nunca te contou?

Y Não.

**K** Perguntaste-lhe?

**Y** Não.

**K** Porque não lhe perguntas?

**Y** Porque ela não me vai responder.

**K** Como sabes?

**Y** Há coisas que nós sabemos.

**K** Como ter duas mãos e cinco dedos em cada mão.

**Y** Uma certeza dessas.

**Y** revela de novo uma inquietação.

**Y** atravessa todo texto em altos e baixos. O que ele diz e faz é o único contacto que temos com ele, tudo o resto, o que está para lá do texto, é um exercício de adivinhação que o leitor / espectador pode fazer, mas não deixa de ser um mero exercício de adivinhação.

**K** Uma vez li que era muito imbecil fazer de um terreno um descampado, só porque não se aprecia particularmente o tipo de flor que ameaça crescer lá.

**Y** Quem disse isso?

**K** Um pensador.

**Y** Tem nome?

**K** Todas as pessoas têm um nome.

**Y** Um nome que eu possa saber?

**K** Sim, mas eu não vou dizer o nome.

**Y** Porque não?

**K** Prefiro assim, espero que compreendas.

**Y** E se não compreender?

**K** Vais ter de viver com isso. Afinal vivemos com tantas coisas, com coisas que nos atormentam, com coisas que nos inquietam. Porquê eu? Também fiz essa pergunta e talvez a resposta seja: porque não eu? Não dizes nada?

**Y** Pensei que ias continuar e não te quis interromper.

**K** parece que coloca Y num lugar que ele controla.

De uma forma indirecta, subtil. K é o dono da casa, ele convidou Y para visitar a sua casa, isso dá-lhe segurança. Há uma hierarquia e uma forma diferente de abordar as mesmas coisas. Uma afirmação de superioridade.

**K** Vou continuar. Um dia perdi o avião porque um amigo ficou sem bateria, sem bateria no telefone e não me pôde acordar. Acabou por pedir o telefone a alguém, mas quando me ligou já era tarde. No caminho que fiz até ao aeroporto tive o pensamento mais hediondo que um homem pode ter... Conheces a palavra hediondo?

**Y** Continua.

**K** Bem, tive o pensamento mais hediondo que... deve haver pensamentos mais hediondos. Tive um pensamento hediondo: se o avião cair tenho uma bela história para contar. E durante umas fracções de segundo, ou menos do que isso, imaginei-me a ser aquele tipo, que por caso ou por estupidez não entrou no avião, que dá não sei quantas entrevistas a dizer que não entrou no avião e que a vida, ou Deus, ou outra entidade mística qualquer, lhe deu mais uma oportunidade, ou coisa do género. Abrir os telejornais, ter uma bela história para contar. Ser o sortudo, aquela pessoa que todos invejam... E senti-me bem, por mais parvo e nojento que isto possa soar e eu sei que soa. Senti-me bem. É nojento, não é?

**Y** Continua.

**K** Estava eu a pensar em qual era o meu melhor ângulo para os fotógrafos, quando percebo que há uma mulher que também está a olhar para o quadro das partidas, e também está desolada.

**Y** Ela.

**K** Embora eu na altura não soubesse que ela era ela. Tinha aspecto de quem também tinha perdido o avião.

**Y** O mesmo?

**K** Não, ela ia para outro sítio qualquer.

**Y** Onde estavas?

**K** Berlim.

Porquê a cidade de Berlim?

Porque não? Pareceu-me bem. Não pretende ter nenhuma conotação ou agenda política dissimulada, mas se alguém pensar que tem pode estar correcto.

**Y** Para onde ias?

**K** Não me lembro. E assim foi, metemos conversa, assim numa espécie de criação espontânea de um grupo de apoio aos passageiros que ficam em terra. Comprámos bilhetes para o dia seguinte, jantámos, trocámos contactos, aquelas coisas...

**Y** Que coisas?

**K** O processo normal de duas pessoas se conhecerem.

**Y** Nunca me aconteceu.

**K** A sério?

**Y** Nunca conheci ninguém num aeroporto.

**K** Mas já conheceste pessoas.

**Y** Foi aí que começou?

**K** O quê?

**Y** O vosso envolvimento.

Finalmente é assumido um envolvimento.

Sim, embora este estivesse implícito desde que ela é referenciada.

**K** Só a voltei a ver passados 2 ou 3 meses, ela enviou-me um email sobre uma conferência que ia dar, e eu fui.

**Y** Conferência de...?

**K** daquelas coisas sobre as quais ela dá conferências.

**Y** Certo, certo.

**K** Ela ficou surpreendida em me ver lá, bastante surpreendida. Penso que enviou o email por enviar. Agradeceu-me muito ter ido, foi muito simpática, atenciosa... Percebi mais tarde que tinha convidado uma série de amigos para a conferência, mas não apareceu nenhum. Que não podiam, que não dava jeito... enfim. Só fui porque era uma coisa que me interessava.

Nunca me passou pela cabeça que ela viria a ser ela e que isso iria ser tão importante para mim.

**Y** Sabias da minha existência?

**K** Eu não sei tudo?

**Y** Sabias ou não?

**K** A próxima vez que gritares parto-te a boca toda.

**Y** Larga-me.

Parece que K se cansa.

Pelo menos dos gritos de Y.

**K** Agora vais ouvir. Não vai ser agradável, provavelmente não vais gostar, mas vais ouvir. Não fazia a mínima ideia que tu existias. Ela nunca me contou nada sobre a vida pessoal dela. Nunca me disse ou deu indicações sobre a tua existência. Nunca me disse que eu não era a única pessoa que lhe acariciava o corpo, que lhe passava o dedo indicador por trás das orelhas, que lhe trazia água à cama na minha própria boca. Nunca disse que me amava, nunca disse que eu era o homem da vida dela, nunca justificou ou procurou justificar ausências. Desaparecia e pronto. Aparecia e pronto. Como um gato vadio a quem se dá comida por caridade, porque nos sentimos melhor connosco. Um dia percebi que ela só voltava, e este é o verbo certo, é o verbo que quero utilizar: voltava, quando chovia, quando a chuva caía e tudo se molhava. Não sabia que do outro lado, num lado qualquer, aqui, havia um homem que a aguardava, mesmo que penses o contrário. E eu sei que pensas. Esta é a verdade, ainda que se diga que a verdade não existe. É o mais próximo daquilo a que poderíamos chamar a verdade. Aquilo que para ti era uma casa, aquilo que para ti era o vosso lugar, para mim era um segredo, era uma cave bem funda cheia de monstros.

**Y** E eu um deles.

**K** Tu o maior de todos.

Quem é quem?

Depende de onde se observa. A existência de K e Y está totalmente dependente da mulher de quem falam. Sem ela estes dois homens perdiam a sua identidade. Sinto que é isso que se está a passar. Ela não está presente e não se percebe bem que relação mantém com Y. Tomando a ausência de relação como uma forma de relação. K não inverte a nossa visão das coisas, apenas nos diz que elas podem ser diferentes, que podem ter existências

distintas em simultâneo. Também partilha connosco momentos da sua intimidade com esta mulher ausente omnipresente.

**Y** Não te questionavas sobre o que ela fazia quando não estava contigo?

**K** Para quê, não valia de muito.

**Y** Nunca a confrontaste?

**K** Uma vez.

**Y** E ela?

**K** Riu-se, riu-se muito. Rimo-nos os dois. Eu não sabia o que é que aquilo era, mas gostava muito do que estava a ser. Não queria perder, perdê-la.

Procedem os dois da mesma maneira.

Na verdade existe uma subserviência na forma como se relacionam com ela. Levanta-se também a questão da necessidade que temos em perceber as coisas e de as catalogar o mais rápido possível. As coisas têm de estar definidas, pois isso deixa-nos mais confortáveis, o contrário deixa-nos perdidos, confusos, ainda que a situação possa ser muito prazerosa.

**Y** Quando é que descobriste?

**K** Um dia.

**Y** Onde?

**K** Num sítio com muita gente. Ela parecia esperar alguém e eis que surge um homem de entre a multidão e se dirige a ela e a beija, como se fosse normal, rotina, um hábito e aí percebi que havia mais alguém. Aí percebi que alguém estava a viver a minha vida e era uma merda e era uma grande merda, mas eram as regras do jogo. Do jogo dela e se eu queria jogar, e eu detesto jogar, teria de ser assim. Jogar faz parte do jogo.

**Y** Porque não paraste?

**K** Tu paraste quando descobriste?

**Y** É diferente.

**K** A sério?

**Y** Ela estava comigo, tu estavas a mais.

«Jogar faz parte do jogo»?

Se quisesse resumir *Hoje durmo em Berlim* numa frase talvez fosse esta. Que talvez também usasse para resumir a minha escrita para a cena,

**K** Pensei rigorosamente o mesmo, mas sem a parte do a mais ou a menos. Fui uma besta egoísta, gostava do que tinha, não queria perder o que tinha. Ela não era uma princesa, mas eu sentia-me um príncipe. Não era o carro que eu queria, mas andava.

**Y** Filho da puta.

**K** Estás satisfeito? Estás preenchido por teres soltado o animal que estava aí dentro a trincar? Queres bater de novo? Quantas vezes pensas que é necessário bateres-me para que tudo o que se passou se esfume e seja só uma história, uma suspeita? O futuro está sempre a condicionar o passado, vai à tua vida, vai ter com ela.

K parece que estava a pedir que Y lhe batesse.

Há duas situações distintas, que aparentemente visam o mesmo fim: Y tem de bater em K, a agressão funciona como uma espécie de carimbo, uma marca. A posição de Y como amante é legitimada e a posição de K como enganado também. Visto assim, de facto K parece estar a pedir a Y que lhe batesse, e este faz-lhe a vontade.

**Y** Eu vou ter com ela.

**K** Fazes muito bem, pelos vistos ela gosta de ti.

**Y** Não sei se ela gosta de mim, eu gosto dela.

**K** Para ela as verdades sempre foram curvas, nunca foram rectas.

**Y** Eu sei.

**K** Nós sabemos.

**Y** Eu também lhe acariciava o corpo, também lhe passava o dedo indicador por trás das orelhas, também lhe trazia água à cama na minha própria boca.

Voltam a ser miúdos outra vez.

Já o tinham feito antes quando K agride Y. Resolvem as coisas como os miúdos fazem, pela violência. São homens miúdos que se deixam levar por instintos primários.

**K** Vivemos um pouco, ou muito, a vida um do outro. Devias estar contente com isso. Foi a oportunidade que tiveste de viver outras vidas.

Teatro dentro do teatro?

Parece-me apenas mais uma frase, com alguma complexidade, mas apenas mais uma frase. No fundo todos nós, em dado momento, vivemos outras vidas e isso pouco ou nada tem que ver com Teatro.

**Y** Preferia não o ter vivido, não o ter vivido assim.

**K** Nunca nos dão oportunidade de escolha, é assim e aceitamos ou nos odiamos por não termos aceitado.

**Y** É como quando ouves: amo-te, sabe sempre bem pensar que também pode ser para ti.

**K** Mesmo que seja de si para si.

**Y** Mesmo que seja. Porque vieste morar para aqui?

**K** A partir de uma certa altura eu estava mais aqui do que noutra lugar qualquer, agora estou mesmo aqui. Precisava que este espaço fosse meu, precisava de fechar qualquer coisa. Qualquer coisa que ainda estivesse aberta.

**K** tinha dito que só tinha ido à casa uma vez.

Não me parece que ele se contradiga. «Estava mais aqui do que noutra lugar qualquer», não me parece que o lugar de que ele fala seja físico, mas antes uma expressão que nos revela que ele pensava muito naquela casa e que isso o estava a preencher.

**Y** Ainda que não seja a mesma casa que era antes, a casa onde nós morámos.

**K** Ainda assim valeu a pena, está a valer a pena. Para onde vão?

**Y** Sabes que não te vou dizer.

**K** Não custa tentar, pois não?

**Y** Claro que não. Vamos, vamos a isto.

**Y** e ela ainda estão juntos?

«Sabes que não te vou dizer», porque não sei. **K** assume que sim e **Y** não nega. Vou acreditar neles.

**K** Já sabes que para encontrar o centro de uma cidade basta seguir os pombos.

**Y** Ela dizia sempre isso.

**K** Sim.

**Y** É teu?

**K** Sim.

**Y** Nós quase que...

**K** Sim, quase.

**Y** Desculpa aquilo há pouco.

**K** O quê?

**Y** Aquilo...

**K** Ah. O soco. Estavas a precisar.

**Y** Não é razão para...

**K** Há coisas que só lá vão à força, à bruta, em sangue. Não é?

**Y** Talvez.

K queria, sem margem para dúvidas, que Y lhe batesse.

O soco torna tudo o que se passou em algo real. A forma como K fala da mulher parece que, ele próprio, tinha dúvidas se a relação, com ela, teria existido, de facto, e que não era apenas um exercício de imaginação.

**K** Cuida bem dela. Fala-lhe de mim de vez em quando, como se eu fosse uma história para adormecer. Estou a brincar. Queres dar mais um?

**Y** Um chega.

**K** Se quiseres...

Provocador.

Muito, mas está tudo controlado. O que revela que a tensão que havia entre eles se esfumou no soco.

**Y** Vou andando. Acabou por ser um prazer conhecer-te. Tinhas razão.

**K** Sobre?

**Y** Que nos poderíamos entender.

**K** Não havia razão para não nos entendermos. Mais soco, menos soco.

**Y** Posso apertar-te a mão?

**K** Com a mão que me bateste?

**Y** Sim.

**K** Podes.

Há algum simbolismo em se cumprimentarem?

É como as pessoas se despedem, eles estão a despedir-se.

**Y** Não fiques aqui muito tempo, o passado nunca é um bom lugar para viver.

De novo a questão do tempo.

Embora cada um deles pareça ter conseguido aquilo que se propôs, também fica a ideia que cada um deles está agarrado a um passado de onde não consegue sair.

**K** Antes de ires tenho de te dizer uma coisa. É uma coisa que vou dizer, dizer uma única vez e não me apetece responder a perguntas sobre isto. Pode ser?

**Y** Pode.

**K** Aquele homem de quem te falei, num sítio com muita gente. Que surgiu de entre a multidão e se dirigiu a ela e a beijou, como se fosse normal, rotina, um hábito e aí percebi que havia mais alguém... Esse homem não eras tu.

Tudo indicava que fosse outra pessoa.

Para mim foi uma surpresa. Havia de facto indícios, mas não mais do que isso.

**Y** Eu sei.

**K** Sabias?

**Y** Sim.

**K** Como é que sabias?

**Y** Uma vez choveu mais de uma semana e eu já não aguentava estar na mesma posição e parecia que já levitava por cima de mim e decidi sair, sair daqui, sair de vez... e saí. E percorri a cidade, como se a cidade fosse um lugarejo de uma rua só, que se pudesse percorrer assim, de um lado ao outro, e segui os pombos e vi-a, por entre uma multidão, com outro homem que não era eu, que não eras tu.

**K** Foda-se. Vais mesmo ter com ela?

K tem uma falsa surpresa, pois K já lhe tinha dito que sabia.

Há uma diferença muito grande entre se dizer que se sabe de algo e de o descrever em detalhe, com minúcia. A descrição não deixa dúvidas e revela-nos até onde Y foi.

**Y** Vou ao lugar onde ela está. Antes de ir posso fazer-te uma pergunta?

**K** Claro.

**Y** Uma pergunta daquelas, daquelas que um homem nunca mais esquece?

**K** Se não me bateres podes.

Qual é a pergunta?

Não sei. Como também não sei se seria a tal pergunta que Y alegou como sendo a razão que o fez ir até à casa de K. «Vou ao lugar onde ela está», diferente de vou ter com ela. Neste momento, no final da peça, ficamos sem saber se a tal mulher ainda está viva.

## Fecho

No final fico com a sensação que a peça poderia ter começado onde terminou, como se houvesse uma procura por criar um ponto zero, o início de qualquer coisa. Esta marca é uma constante na minha escrita para a cena, como se em todas as minhas peças as personagens pretendem-se chegar a um ponto, que não é o fim de nada, mas antes o princípio de qualquer coisa.

Em *Hoje durmo em Berlim* vemos uma mulher numa posição em que habitualmente apenas vemos homens. Sei que a minha passagem por Marrocos, como encenador de *Judas*, de António Patrício, projecto que participou no Festival de Teatro Universitário de Fez, pouco antes de escrever esta peça me marcou fortemente, que escrevi sem agenda, mas não consegui escrever sem os meus sentimentos perante uma cultura e uma religião que não trata da melhor forma as suas mulheres. Foi muito difícil aceitar a realidade diária a que as mulheres estão sujeitas naquele país. Por isso, ou também por isso, é ela, a mulher ausente omnipresente, que liga tudo o que se desenrola nesta peça. Figura de parceiros vários, que parece que flutua acima de tudo o que se passa.

Sempre que escrevo preciso de ter um título, não começo a escrever sem ter um título, que não muda. O título, que surge das formas mais inesperadas funciona como um elo, um fio que liga todas as pérolas e assim completa o colar.

Sinto que a minha escrita é uma constante definição de personagens, eu não conto histórias, não sinto que seja um contador de histórias, sou apenas um intermediário de personagens. Elas já vêm com vidas e histórias atrás que desconheço, mas é assim que eu as quero. Em *Hoje durmo em Berlim*, a minha primeira peça que decorre em tempo real, sem paragens, as personagens são-nos apresentadas apenas como esboços, a sua caracterização coexiste com a situação e com o conflito que se vai adensando. Nós vamos percebendo estas duas personagens à medida que as coisas acontecem, foi assim também quando escrevi. São apenas duas pessoas a conversar. Exige do leitor a sua total presença, a sua atenção e o seu envolvimento, intensamente. As personagens, misteriosas e controversas envolvem-nos.

Ao contrário do que afirma Pirandello no prefácio de *Seis Personagens À Procura de um Autor* eu não tenho uma linda serva sempre noviça chamada Fantasia. Que segundo o autor italiano «diverte-se a trazer-me para casa, de modo a que lhe extraia novelas, romances e peças, a gente mais descontente do mundo, homens, mulheres, crianças, envoltos em estranhas situações das quais não sabem como sair; uns contrariados nos seus projectos, outros defraudados nas suas esperanças; em suma, gente de trato bastante difícil». Ninguém me traz nada infelizmente, por isso espero que as próprias personagens encerrem em si histórias, vidas, como estes dois homens, esta mulher, esta casa. Que no final já nos dão mais luz, ainda que insuficiente. Mas sei que se voltarmos à peça já teremos outra visão sobre eles e vamos ter outra relação com peça, numa espécie de efeito dominó, mas ao contrário, pois o futuro está sempre a condicionar o passado.

A ausência de indicações cénicas obriga a que toda a acção esteja nos diálogos, como afirmou Jean-Pierre Sarrazac citando Hegel: «é somente pelo diálogo que os indivíduos em acção podem revelar uns aos outros seu carácter e seus objectivos [...] e é igualmente pelo diálogo que exprimem suas discordâncias, imprimindo dessa forma um movimento real à acção», potenciando a sedução pela leitura deste tipo de peças. Actualmente ser dramaturgo é pensar que se está a escrever para o papel, para ser lido, pela facilidade com que se consegue fazer chegar a peça a outras pessoas, como foi o caso de *Hoje durmo em Berlim*, que continua a viver em papel. Podemos afirmar que é teatro a duas dimensões e que o texto não atinge a plenitude, é um facto, mas é o que se consegue fazer. Foi uma peça escrita para ser posta em palco, mas que tem uma boa vida em papel, pois nós dramaturgos nunca sabemos se iremos ter um palco. E assim, tal como no antigo regime em que se escrevia apenas para se ser lido, pois a censura não permitia mais do que isso, hoje as novas censuras obrigam-nos a escrever para as três dimensões de um palco, mas sobretudo para as duas dimensões de uma folha de papel, ou de um documento em computador. *Hoje durmo em Berlim* esteve seis dias em cena, na cidade do Porto e por aí ficou a sua carreira, mas muitos mais já leram a peça, e muitos mais ainda a poderão ler. Há mais endereços de *email* e contas de *facebook* do que palcos. Já há muito que não estamos no tempo a que se referia Almada Negreiros «mas o verdadeiro Director e revolucionário do teatro é o autor, ou mais exactamente ainda, o legítimo texto do autor. Quem manda no teatro é o texto do autor. Tudo obedece em teatro ao texto do autor, inclusive o próprio autor que monta, representa e dirige a sua obra depois de escrita».

Ainda assim e como ainda há acontecimentos felizes, como este conjunto de peças que escrevi e que acabaram em espectáculos, ou pelo menos em leituras, penso que reduzir ou mesmo eliminar as indicações cénicas é ponto a favor do dramaturgo que quer ser levado à cena. Os encenadores, em geral, ignoram as indicações cénicas, tirá-las é um trabalho acrescido, por isso quanto menos, melhor. Eu não utilizo pontos de exclamação (abro uma excepção quando acompanhados de pontos de interrogação), pois parecem-me indicações cénicas encapotadas.

Quando escrevo não procuro nada, escrevo e pronto. «O que é importante hoje é recuperar os nossos sentidos. Temos de aprender a *ver* mais, a *ouvir* mais, a *sentir* mais.» Quando Susan Sontag escreveu esta afirmação, não me parece que estivesse a incentivar a utilização dos sentidos literalmente. Não me parece que nos aconselhasse apenas a utilizar os nossos cinco sentidos físicos: visão, audição, olfacto, paladar e tacto; até porque ela referia: sentir mais, e sentir não é nenhum dos cinco sentidos.

Não podendo ter acesso a todas as obras de arte, muitas vezes, talvez a maioria das vezes, socorremo-nos de análises críticas, ou observações de outros, para contactarmos com alguns objectos artísticos. Aí, não poucas vezes, sentimos que a análise tem grandes falhas, ou seja, tende para uma hipervalorização de significado e não de conteúdo. Dou sempre como exemplo a análise crítica de discos de música. Após a leitura dessas críticas fico, quase sempre, sem saber coisas tão básicas como se o disco é instrumental ou se foi

usada voz; e se foi usada voz, o que é que essa voz canta, que língua foi utilizada, se é que foi utilizada alguma das línguas que conhecemos.

Sontag continua: «A nossa tarefa não é descobrir numa obra de arte o máximo conteúdo, e ainda menos espremer mais conteúdo de uma obra do que aquele que já lá está. A nossa tarefa é reduzir o conteúdo de modo a podermos ver realmente o que lá está.» Sinto que, actualmente, os criadores em geral têm demasiada agenda para os seus objectos artísticos. Parece que querem jogar um jogo com o espectador, isto é, verificar se o espectador consegue descobrir (palavra muito pouco inocente) aquilo que o criador pretendeu. Mas será que o criador pretendeu alguma coisa? Continuo a pensar que quem passa mensagens são os carteiros (profissão que muito respeito), que os criadores criam porque precisam de o fazer, e que os objectos têm ou não um discurso associado. Nem todos os objectos artísticos têm a intensão de ser analisados, mas a partir do momento em que um objecto artístico existe, como tal, é passível de um discurso crítico, mesmo que este não seja necessário. É essa não necessidade de análise que me parece interessante como criador. As coisas existem porque sim, porque foram feitas, não foram feitas para que existam. Há uma inversão de papéis que transcende a nossa posição perante os objectos. Escrever segundo uma definição dinâmica de personagens é escrever sobre o vazio, sobre o abstrato, sem receios, sem tentar interpretar ou criar sentido.

Não acredito que exista uma só interpretação (a correcta) do que quer que seja, como se fosse uma centelha divina a que, nós comuns mortais, por vezes temos acesso. Se temos de escolher um caminho, esse não é do domínio do divino, mas antes do domínio do profano. Penso que Sontag partilhava das minhas certezas / dúvidas no final do seu ensaio, *Contra a interpretação*: «Em vez de uma hermenêutica precisamos de uma erótica da arte».

Claro está que nem todos os criadores partilham desta posição, Luís Miguel Cintra em comunicação na Culturgest, afirmou mesmo o contrário: «Lutei, lutámos para que o teatro passasse um sentido ao espectador, lutámos por um teatro que fizesse pensar e que, se possível, passasse um sentido político. Tivemos alguns dos momentos mais felizes do nosso trabalho quando no fim nos anos 70, antes e depois do nosso período revolucionário, ficámos na sala de espectáculos com o público depois dos espectáculos conversando sobre o sentido do texto, de que falava, a que realidade se referia.» A ideia de passar algo ao público, ainda que a época a que se refira seja muito especial, é outra das ideias de teatro com a qual não posso pactuar e as minhas personagens recusam-se a fazê-lo.

Mas nessa mesma comunicação Cintra abre outra perspectiva sobre como abordar o teatro com a qual me identifico mais, pois o meu percurso artístico foi sendo construído em Teatro de Amadores e Teatro Universitário. «Que todos desejemos a multiplicação do público em muitos pequenos mas verdadeiros espectadores e desistamos do palácio principal. E que o teatro como o poder e a religião, passem a ser repartidos por bairros ou grupos sociais e expostamente vividos. Voltemos ao teatro dos amadores e das colectividades. Que seja cada vez mais local, para que possa voltar a ser universal. E voltar a ser aquele lugar que o Homem inventou para se pensar a si mesmo. Ou que pensou para se inventar a si mesmo.»

## **Sobre *Ela não gostava de flores***

*Ela não gostava de flores* não me parece que traga respostas novas, mas antes perguntas velhas. Uma peça que muito me custou a escrever, pois foi um desafio novo e onde a tal capacidade de se escrever sobre o vazio e a abstracção foi levada bem longe. Em boa hora o Professor Doutor Amando Nascimento Rosa, a quem agradeço pelo carinho e pela atenção, quis saber mais sobre aquela mulher, pois isso obrigou-me a mim também a querer saber mais sobre ela e a escrever esta peça.

Nunca tinha escrito uma peça original para uma voz só, um monólogo. A minha única experiência limitava-se à criação de *PYM* a partir de *A narrativa de Arthur Gordon Pym* de Edgar Allan Poe, que viria a resultar num espectáculo homónimo, com interpretação de Francisco Gomes, inserido nas Comemorações dos 200 anos do nascimento de Edgar Allan Poe, que decorreu no dia 28 de Novembro de 2009, no Cineteatro Municipal João Mota, em Sesimbra.

O resultado aí está para ser lido. Embora alguém possa chegar e afirmar que não há lá monólogo algum, não importa, para mim há.

## Conclusão

Quando se coloca o espectáculo não como objectivo final, mas como ponto de partida, o que se acrescenta a este, se forem palavras, ganha automaticamente o rótulo de texto dramático. Isto levanta questões complexas. Se uso num espectáculo palavras de uma lista telefónica, essa lista telefónica passa a ser texto dramático? Não, não passa a ser texto dramático por si só, mas enquanto fizer parte do espectáculo, tiver um contexto, até se encontrar melhor designação, é o texto dramático daquele espectáculo.

Então todo e qualquer texto num espectáculo é um texto dramático? Sim e não. Voltemos ao exemplo da lista telefónica. Embora se utilize num espectáculo será que passaremos a comprar listas telefónicas em livrarias ou mesmo a requisitá-las em bibliotecas? Seria ridículo. Existe apenas para cumprir uma função, à chegada, ao espectáculo, não sobrevive, como texto dramático sem o espectáculo onde está inserido.

Continuaremos a ter texto dramático, que teremos de comprar numa livraria e texto (ou palavras) que são só isso: texto ou palavras desprovidas do dramático em si. Eu dividiria em texto à partida e texto à chegada. O primeiro, embora seja escrito para ser levado a cena, tem vida próprio num livro, numa prateleira e tem uma série de regras associadas. As regras, à partida, da escrita para teatro. O segundo só tem existência quando chega à cena, e só aí, e é totalmente desprovido de regras, mas antes serve as regras particulares do espectáculo “que o escolheu”. Sobre isso afirma E. H. Gombrich: «Não há mal nenhum em designar como arte todas essas actividades, desde que se tenha em mente que tal palavra pode significar coisas muito diversas, em várias épocas e lugares, e que Arte com maiúscula não existe. Na verdade, a Arte com maiúscula tornou-se algo como um papão, um feitiço. Podemos esmagar um artista dizendo-lhe que o que ele faz pode ser excelente no seu género, só que não é "Arte".»

Os dramaturgos, aqueles que escrevem textos à partida, vão continuar a ser mal pagos, a ter dificuldade em que alguém coloque os seus textos em cena, mas esses textos vão existir para sempre, à partida. Assim continuo um percurso como dramaturgo, com muitas dúvidas e incertezas, mas arrisco e faço. Ao longo deste ciclo a norte, como o designo, começando em *Tango Uniforme*, passando por *A morte de um homem feio*, ficando muito em *Hoje durmo em Berlim* e fechando com *Ela não gostava de flores*, conheci várias pessoas que me abriram novas perspectivas, que me mostraram outras formas de ver teatro, cresci como criador e como pessoa. Aprendi a escrever e a largar os meus textos, como se fosse um autor não vivo, pois se se pode fazer autores mortos, sem problemas, porque fazer autores vivos. Actualmente um dramaturgo para viver tem de saber “morrer” um pouco, numa espécie de ritual de sobrevivência. Gombrich reforça esta função ritualista: «Não existe realmente algo a que se possa chamar Arte. Existem apenas artistas. Outrora esses homens pegavam num punhado de terra colorida e com ela modelavam toscamente as formas de um bisonte na parede de uma gruta; hoje, eles compram as tintas e pintam cartazes para estações subterrâneas de metro; e muitas outras coisas os artistas fizeram ao longo dos tempos.»

Mas foi especialmente difícil para mim, pois eu também sou encenador e por mais que não queira, estou a corrigir, automaticamente, os “erros” Aos poucos deixei cair a, pouca tentação que tinha, de encenar por escrito. Agora quando escrevo sou dramaturgo, quando enceno sou encenador. Embora ambas as funções sejam muito úteis quando usadas com moderação.

Por fim as ideias, matéria em que Deleuze é muito claro: «O que acontece quando dizemos: “Ei, tive uma ideia”? Porque, de um lado, todo mundo sabe muito bem que ter uma ideia é algo que acontece raramente, é uma espécie de festa, pouco corrente. E depois, de outro lado, ter uma ideia não é algo genérico. Não temos uma ideia em geral. Uma ideia, assim como aquele que tem a ideia, já está destinada a este ou àquele domínio.» Pelos vistos não tenho de me preocupar, pois se sou dramaturgo, vou pensar necessariamente Teatro, o que não é bom nem é mau, é. Deleuze toca na mesma questão que o crítico britânico, Andrew Haydon, tocou Comunicação apresentada no Pequeno Auditório da Culturgest, a 3 de Outubro de 2011, no âmbito do fórum Battle of Ideas – Eventos Satélite 2011 ao afirmar: «”Como é que o teatro pode interromper o curso de um rio num vale profundo de modo a armazenar toda a água num reservatório, que pode depois ser usada para hidro-electricidade ou para irrigação?” Ao que a resposta sensata é: Para isso é melhor usar um dique, não o teatro.»

## Bibliografia

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. de Eudoro de Sousa, Lisboa: Imprensa Nacional, 1986.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época da sua reprodução mecanizada*. Trad. de João Maria Mendes, Amadora: ESTC, 2010.

BENTLEY, Eric. *The life of the drama*. New York: Applause Books, 2000.

BRECHT, Bertolt. *A Compra do Latão*. Lisboa: Vega, 1999.

Cintra, Luís Miguel. *What is theatre about?* Comunicação apresentada no Pequeno Auditório da Culturgest, a 3 de Outubro de 2011, no âmbito do fórum Battle of Ideas – Eventos Satélite 2011. <http://www.culturgest.pt/arquivo/2011/docs/battleofideas-luis-miguel-cintra.pdf>

CRAIG, Edward Gordon. *Da Arte do Teatro*. Trad. de Redondo Júnior editada por Eugénia Vasques, Amadora: Escola Superior de Teatro e Cinema, 2002, CD-Rom.

DELEUZE, Gilles. *O ato de criação* Palestra de 1987. Trad. José Marcos Macedo, São Paulo: Folha de São Paulo, 1999

DIDEROT, Denis. *Paradoxo sobre o Actor*. Trad. de Luís Matos Costa, Lisboa: Hiena, 1993.

GOMBRICH, E. H. *História da Arte*. Trad. António Sabler, Lisboa: Público, 2005

GUINSBURG, Jacó. *Leone de' Sommi: Um judeu no teatro da Renascença italiana*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

NEGREIROS, José Almada. *Obras Completas – Vol. V Ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985

PATRÍCIO, António. “Diálogo na Alhambra” in *O Fim/Diálogo na Alhambra*. Edição de Armando Nascimento Rosa, Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

PEDRO, António. *Escritos sobre teatro*. Edição de Fernando Matos Oliveira, Lisboa: Cotovia, 2001.

PIRANDELLO, Luigi. *Seis Personagens À Procura de um Autor*. Lisboa: Cotovia, 2009.

PLATÃO. *Íon*. Trad. de Victor Jabouille, Lisboa: Europa-América, 1988.

SARRAZAC, Jean-Pierre. *Léxico do drama moderno e contemporâneo*. Trad. André Telles, São Paulo: Cosac Naify, 2012

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação e outros ensaios*. Trad. de José Lima, Lisboa: Gótica, 2004.

WILDE, Oscar. *Intenções*. Trad. de António M. Feijó, Lisboa: Cotovia, 1992.

## Apêndice

### Ela não gostava de flores

A. Branco

1

Era uma sala normal. Numa das paredes uma enorme estante, cobria toda a parede, de alto a baixo. Na estante livros, só livros, sem indicação alguma da forma como estavam dispostos. Sempre me senti perdida, indisposta, quando olhava para essa estante durante algum tempo. Não tinha referências, um ponto onde pudesse parar o olhar... e o meu olhar não parava até eu parar de olhar. Ela entrou, cumprimentou-me com um acenar de cabeça e um sorriso e com a mão impediu que eu me levantasse. Estava na mesma, bonita, elegante, segura, mas parecia um pouco cansada, talvez. Perguntou como é que eu estava e fez mais algumas perguntas e eu respondia e evitava olhar para a estante. A voz não era a mesma, ou não parecia ser a mesma, já tinha passado algum tempo desde que tínhamos falado a última vez, assim, cara a cara. Foi à estante e tirou alguns livros. Um numa prateleira alta, à esquerda; outro do centro, à altura do peito e mais um junto ao chão, também à esquerda. Tirou-os de uma forma graciosa, mas rápida, ela sabia o que queria e sabia onde eles estavam. Não hesitou. Juntou os livros e estendeu-os para mim.

Leia os 2 primeiros com mais atenção, o outro leia antes de se deitar, vai dar-lhe sono.

Sorri, ela não. Tinha os olhos inchados, como quando choramos durante algum tempo e de facto a voz não era a mesma. Olhei para os livros.

Leia-os e telefone-me. Ainda tem o meu número?

Tenho.

Respondi.

Telefone-me depois de amanhã, depois do almoço. Tem o meu número de telemóvel?

Acenei com a cabeça.

Ligue-me só à tarde, de manhã tenho de ir ao banco. Quanto tempo é que acha que pode demorar?

O quê? O trabalho?

Sim.

Umas 3 semanas, no mínimo.

Não consegue em duas?

Sentou-se e fixou-me, como que a lançar-me um desafio e insistiu.

Duas semanas, que diz?

Parece-me um pouco apertado, mas vou ver o que posso fazer.

Vai conseguir de certeza, é só uma questão de definir bem as suas prioridades.

E não fez esforço algum para que o tom não parecesse paternalista ou maternalista... E eu queria sair dali.

Se precisar de alguém que a ajude diga-me, não se acanhe. Ligue-me depois de amanhã...

Depois do almoço, certo?

Fiz questão de a interromper com um tom firme, sem ser agressiva. Ela sorriu e perguntou.

Ainda mora no mesmo sítio?

Sim.

Gosto do seu bairro, tem algo de característico que ainda não se perdeu.

Obrigada.

A cidade está cada vez mais diferente, é bom que se mantenham ainda algumas bolsas de resistência.

A conversa tinha um tom frio, militar, talvez. Ela falava comigo olhando para o exterior da sala por uma das janelas.

Preciso de outra coisa sua, mas falamos depois, pode ser?

Claro.

Ligue-me, não se esqueça.

Eu não me esqueço.

Ah, gostava que ouvisse uma coisa antes de ir. Pode ser?

Sim, claro.

Não a quero atrasar.

Esteja à vontade.

É a minha última aquisição, espero que goste.

Saiu da sala e trouxe um disco grande, de vinil. Tirou-o com cuidado da capa, limpou-o e colocou o disco num gira-discos que se encontrava junto à estante, à direita. Sentou-se num cadeirão e fechou

os olhos. Começou a ouvir-se um som, e mais outro, e depois uma sequência de sons a que decidi chamar música. E ali ficámos as duas sentadas, em silêncio, a ouvir música.

## 2

Fora um dia lá a casa. Tinha telefonado antes e falado com o meu marido. Tinha um trabalho qualquer, algo que precisava com muita urgência, pagava bem. A altura era má, o meu marido estava com muito trabalho, agradeceu e recusou, não sem antes lhe indicar 5 ou 6 nomes de pessoas que o poderiam desenrascar. Foi esta a expressão que utilizou: desenrascar. Insistiu com o meu marido em falar pessoalmente com ele, em vir a nossa casa. Eu preparei um chá e um café. Era um homem na casa dos quarentas e muitos, talvez 50. Tinha uma aparência jovem e poderia muito bem já ter 50 anos, embora não parecesse. A pele, apesar de algumas rugas profundas, era jovem e cuidada. Vestia um fato escuro, caro, sem ser ostensivo.

Chá, café?

Perguntei.

Café.

Respondeu. Servi um café.

Pouco açúcar, o açúcar não me faz bem.

Eu pus pouco, se precisar de mais...

Obrigado.

Bebeu, apreciou, assentiu.

Não me parece que o açúcar esteja em falta.

Parece-lhe bem?

Muito bem. Faz-me lembrar um que bebi em Roma. Quente, bem quente.

Gostou de Roma?

O meu marido entrava na conversa, sentei-me por perto. Agora era com ele.

Nem por isso. Também estive apenas pouco tempo, um encontro de trabalho, 2 dias, só isso. Fiz apenas um percurso turístico, não tive tempo para mais... para caminhar pela cidade, para me sentir um cidadão local.

Um romano?

Isso, senti-me sempre um estrangeiro. Não consigo gostar de cidades onde me sinta um estrangeiro. É uma cidade onde tenho de voltar com tempo, voltar sem agenda.

Percebo-o muito bem, aconteceu-me o mesmo em Barcelona.

O meu marido mantinha apenas uma conversa, formal, mas sem cerimónias. Talvez na expectativa de que o homem, que estava na nossa casa, dissesse ao que vinha ou se fosse embora. E continuou.

Se não tivesse conhecido uma miúda que me mostrou a verdadeira Barcelona, como ela lhe chamava, teria visto a Sagrada Família e pouco mais.

Ele adorava contar esta história, que tinha para lá de uns 15 anos, ainda não nos conhecíamos. Agora estava à vontade, jogava em casa.

As Ramblas, talvez...

Atalhou o homem.

Diga?

Também teria visto as Ramblas.

Sim, a Sagrada Família e as Ramblas. Era uma miúda muito engraça, de origem marroquina, que vivia em Barcelona desde pequena. Mexia-se muito bem na cidade, mesmo naqueles sítios marginais, que poderiam ser até um pouco perigosos para um estrangeiro como eu. Mas com ela as coisas nunca me pareceram assim, pelo menos na altura não me pareceram assim. Quando voltar a Roma vá com alguém que conheça bem a cidade.

Ou então faço amizade com alguém lá. Talvez com uma rapariga num bar, como lhe aconteceu a si.

O meu marido olhou para mim, apenas para saber onde eu estava e como estava. Emendou o homem.

Não a conheci num bar.

Não?

Não.

Pois... É indelicado perguntar-lhe como é que a conheceu?

De forma alguma.

Como é que a conheceu?

É uma história curiosa...

Não me diga.

Já ouvi esta história mais vezes do que o suportável e aqui está ele disposto a contá-la de novo, à minha frente.

É uma história bastante curiosa. Acordei num dos dias, fui tomar o pequeno-almoço e ela, a miúda... A história é um pouco longa, talvez a pudéssemos acompanhar com outra que a tornasse mais breve, que acha?

Foi rápido a interromper o rumo natural da história e isso surpreendeu-me muito. Surpreendeu o homem, também.

Não percebo.

Eu tinha-lhe dito que não tinha tempo para si.

Por telefone.

Porque falámos por telefone.

Certo, mas o telefone é uma coisa fria... impessoal.

Por isso veio cá?

De certa forma.

Bem, a minha resposta é a mesma. A mesma que lhe dei por telefone. Penso que deu o seu tempo por perdido.

Não quer ouvir a minha proposta?

O homem insistia, o meu marido continuava.

Penso que não seja diferente da que falámos por telefone.

Há algumas diferenças.

Acredito, mas continuo a não ter tempo para si.

Ele falava como se já tivesse o texto decorado e estivesse ali, com aquele homem, apenas por cortesia.

O tempo é aquilo que fazemos com ele.

Nem mais, e eu neste momento tenho coisas bem mais importantes para fazer.

Nesse momento, talvez por instinto, cruzámos o olhar uns com os outros, por breves instantes. Instantes cúmplices.

Agora, neste momento?

Continuou o homem.

Também.

Respondeu o meu marido.

Posso beber o meu café até ao fim?

O tom de voz era cândido e o pedido parecia sincero.

Esteja à vontade. Apenas não lhe queria passar a ideia de que o meu tempo é negociável. Admito que a sua proposta seja interessante, muito interessante, mas é mesmo uma questão de prioridades, de ter aceitado outras coisas e não ter mesmo tempo para si. Com qualquer um dos nomes que lhe indiquei ficará muito bem servido.

Mas ainda não ouviu a minha proposta.

Ouvi-a pelo telefone.

Ah, essa.

Sim, lamento bastante não poder ajudá-lo.

Percebo.

Olhou para mim, depois para o meu marido.

Posso beber mais um pouco do seu café?

Esteja à vontade.

Houve um momento de silêncio e de hesitação. Servi mais um pouco de café ao homem e aproveitei para me levantar e abandonar a sala. Sentia que já tinha feito a minha parte, agora estava a mais.

A sua mulher...

Que tem?

Como está?

Que lhe pareceu?

Ele sabia que eu ainda estava perto o suficiente para poder ouvir a conversa, o homem também.

Bem, muito bem.

Ela está bem.

Ótimo.

O homem pegou na chávena de café e bebeu-o de um trago.

Acha que ela poderia estar interessada na minha proposta?

Em qual delas?

Na que lhe trago aqui, pessoalmente.

Penso que o melhor é falar com ela.

### 3

Se A gosta de B, mas B não gosta de B, há muitas hipóteses de B não gostar de A, pois A gosta de uma coisa que B não gosta: B. Demorei algum tempo até conseguir perceber a frase. Se A gosta de B, mas B não gosta de B... há muitas hipóteses de B não gostar de A... pois A gosta de uma coisa que B não gosta... Mas fazia todo o sentido e era quase uma espécie de revelação para mim. Como uma frase conseguia resumir, em jeito fórmula matemática, tão bem a maioria das relações humanas. O insucesso da maioria das relações humanas. Estava cansada. Coloquei o livro na mesinha de cabeceira, junto aos outros dois, apaguei a luz e estendi-me na cama. A minha cabeça começou a disparar informação, fragmentos de informação... pequenos pedaços de histórias, que nem sabia se eram de histórias ou se era eu que queria que fossem de histórias... e sentimentos, muitos sentimentos. Um Verão. Um Verão qualquer da minha juventude. Naquela altura em que tudo é novo... em que tudo é desconhecido, porque se sabe muito pouco ainda, mas em que já estamos tão cheios de nós, cheios de certezas. Em que os Verões eram sempre enormes e só acabavam mesmo no Outono. Nesse Verão estou com a minha família numa cidade pequena, em casa de amigos, e não quero estar ali. Quero estar em outro lugar, quero estar longe dali, perto de outro lugar. O lugar onde ele está. Não estar perto do lugar onde ele está, é não estar. Tive talvez a primeira sensação da angústia que se sente quando se perde algo, ainda que por pouco tempo, pois na altura todo o tempo era muito, embora ainda tivesse todo o tempo pela frente. Não havia meio-termo: ou se vivia ou se estava morto, eu estava morta. Longe. Longe do que se estava a passar, do que se estava a passar de verdade. Longe de mim. E foi nesse estado que descobri, junto ao quartel dos bombeiros, cartazes de cinema. Cartazes de filmes. O filme que estava em exibição e o filme que se seguia. Coisas a preto e branco, antigas, que não conhecia, mas que me interessavam. Era a oportunidade de fazer algo diferente, de poder viajar dali para fora durante uma ou duas horas, ainda que a preto e branco. Dirigi-me ao quartel e perguntei a um bombeiro, que estava à entrada, onde era o cinema.

O cinema?

Sim.

Procura o cinema?

Sim.

O cinema fechou.

Respondeu-me enquanto tentava enrolar uma mangueira que lhe rodeava os pés.

A sério?

Disse eu, sem pensar.

Já fechou há uns 12 anos, agora é um armazém.

Um armazém?

Sim, se quer mesmo ir ao cinema tem de ir até...

Interrompi-o.

Mas os cartazes, os cartazes que estão lá fora?

Ele não olhava directamente para mim, a mangueira, que tentava enrolar, roubava toda a sua atenção.

Aqueles?

Apontou com a cabeça e riu-se.

Sim, aqueles.

É o tio Salvador que os muda todas as semanas

Quem?

O tio Salvador, o antigo projeccionista do cinema. Vem aí e muda os cartazes todas as semanas.

Para quê?

Não sei, manias.

O homem disse mais qualquer coisa, mas eu já não quis ouvir. Saí dali. Nesse momento senti raiva, raiva por uma pessoa que não conhecia, mas que me tinha dado a ilusão de poder saborear um pequeno momento de verdadeira ilusão. Raiva por uma pessoa que me contou que tudo não passava de uma verdadeira ilusão. Raiva por ter de estar aqui nesta terra onde nada acontecia e não estar lá longe, onde eu queria estar, onde estava a pessoa com quem eu queria estar e onde nada seria ilusão, porque eu não deixaria que fosse. Se A gosta de B, mas B não gosta de B, há muitas hipóteses de B não gostar de A, pois A gosta de uma coisa que B não gosta: B.

#### 4

Apontou para a cadeira onde me sentei. Confortável, um pouco fria. Roubava-me o calor do corpo, ou então era o meu nervosismo que me fazia sentir assim. Tentei pensar em algo diferente, que me relaxasse. Ele pediu café e água para os 2. Era um escritório modesto, com uma janela pequena sem grande vista para o exterior e com uma luz artificial demasiado forte. Um computador, um armário e outras coisas que costumam estar num vulgar escritório que se preze. Olhava para mim e sorria de quando em vez. Eu batia com um dos dedos no braço da cadeira e tentava devolver os sorrisos, embora me sentisse um pouco infantil ao fazê-lo. Bem, a empregada trouxe café e água e serviu-nos. Café quente, gostoso. Ele começou.

Não sei se está bom de açúcar?

Está óptimo, obrigada.

Se quiser mais...

Obrigada.

Saltando os preliminares, continuou.

Ainda bem que aceitou a minha proposta, fico-lhe muito grato.

Não tem de agradecer, se não me parecesse uma boa proposta eu não estaria aqui. Como o meu marido não podia...

Tenho de lhe agradecer na mesma, é um peso que me tira de cima.

Falava como se a expressão *peso que me tira de cima* fizesse todo o sentido, pois parecia mais à vontade do que no dia em que o tinha visto em minha casa. Já não tinha aquele ar de miúdo aflito para ir à casa de banho.

Hoje em dia é difícil arranjar pessoas de confiança para este tipo de colaborações, chamemos-lhe assim.

Como é que sabe que eu sou de confiança?

O seu marido...

Como é que sabe que ele é de confiança?

A pessoa que me indicou o seu nome.

Falava de uma forma segura, sempre com o mesmo tom voz.

Não são muitos dias, 5 ou 6, uma semana no máximo. Que lhe parece?

A partir do momento em que aceitei colaborar consigo, tudo me parece bem.

Não diga tudo. Tudo é uma palavra muito grande.

Foi até à porta e pediu algo à secretária que não consegui ouvir, mas também não fiz muito esforço, ainda estava a pensar no que me tinha dito. Ela veio e trouxe um dossiê que lhe entregou.

Estão aqui instruções, bilhetes de avião, reservas de hotel, enfim... tudo.

Peguei no dossiê e mexi-lhe, para sentir as coisas de que ele me falava. Apenas senti papel, não queria desviar o olhar.

Parte na próxima terça-feira de manhã, cedo.

Gosto de viajar cedo, gosto de ver o nascer do sol.

Posso contar-lhe um segredo?

Aproximou-se de mim, serviu-me café, agradeci com um sorriso. Repetiu.

Posso contar-lhe um segredo?

Penso que pode.

Sorriu ao ouvir a minha resposta.

As pessoas costumam apenas dizer que sim.

Eu não sou as pessoas.

Olhou para mim durante uns instantes. De facto hoje parecia mais jovem, mais enérgico, como quando se tem uma boa noite de sono.

Já cheguei a viajar de avião apenas para ver o sol. Acredita? Comprar um bilhete para um destino qualquer, apenas para fugir da chuva, passar por cima das nuvens e poder ver o sol. Depois chegar lá e voltar para trás e descer para debaixo das nuvens e da chuva, e o sol ser apenas uma recordação. Por vezes sente-se falta do sol, como se ele não estivesse lá, como se ele...

Interrompi as suas divagações.

É verdade, o sol está lá sempre.

Ele demorou um pouco a voltar a si, tinha um olhar perdido.

Vai gostar dela, ela é simpática. Um pouco teimosa, mas simpática.

E ela vai gostar de mim?

Pegou no dossiê que me tinha dado.

Não vejo razão para não gostar.

Ainda bem.

Abriu o dossiê e começou a explicar-me cada coisa que este continha, com detalhe e minúcia.

## 5

Liguei, depois de almoço, como combinado, atendeu. Estava ocupada, não podia falar, pediu desculpa. Propôs um local para nos encontrarmos dali a umas horas, onde pudéssemos falar mais à vontade. Aceitei a sugestão, desligou. Fui mais cedo, aproveitei e fiz umas compras. Cheguei ao local um pouco antes da hora combinada. Ela chegou à hora que tinha proposto, dirigiu-se à mesa onde eu estava sentada.

Aqui não se pode fumar.

Quer ir a outro lado?

Não vale a pena, agora não se pode fumar em lado nenhum.

Falava com um maço de tabaco na mão, onde tentava colocar um cigarro.

Antes havia por aqui um sítio pequeno, giro, onde se podia fumar.

Que lhe aconteceu?

Faliu, parece. Já estava fechado a última vez que estive cá. Nunca fumou?

Fumei durante algum tempo, agora só de vez em quando, em ocasiões especiais.

Faz bem, faz muito bem. Isto não dá saúde a ninguém. Já não sei a razão porque gosto disto, mas se ainda o faço é porque devo gostar... Também a vida é só um caminho, há outros.

Enigmática, pegou nos livros que estavam sobre a mesa.

Gostou? Espere. Que quer tomar?

Um café.

Dois cafés.

Gritou para um dos empregados.

Gostei. Não é bem o tipo de coisas que costumo ler, mas gostei.

Ah, sim? O que é que costuma ler.

Nessa altura tentei lembrar-me dos últimos 3 ou 4 livros que tinha lido, mas não me lembrei de nenhum.

Coisas diferentes.

Respondi.

Imaginei isso, por isso lhe propus estes. Espero que não tenha dado muita atenção ao terceiro, era só uma curiosidade.

Dei apenas alguma atenção, mas pareceu-me interessante.

Muito interessante, mas muito chato.

O empregado trouxe os cafés, ela pousou os outros 2 livros.

A primeira vez que o li era ainda muito nova, não percebi nada. Depois voltei a ele, uns anos mais tarde, gostei muito, mas foi uma viagem muito dura. Estava sempre a voltar para trás e a reler tudo, dava-me sono.

A mim não me deu sono, inquietou-me.

A sério?

Sim, fez-me pensar em coisas que em geral dou pouca atenção.

Por exemplo?

Fiz um esforço, mas não me saía nada. Apenas ideias vagas, frases soltas. Isso assustou-me um pouco.

Não me lembro de nada em concreto.

Não tem de se preocupar, são imensas as pessoas que leram livros muito bons e que depois não ficou nada.

Alguma coisa deve ter ficado.

Ficou, claro, mas não conseguem traduzir isso por palavras ou não sentem essa necessidade.

Provocou-me sonhos.

Sonhos bons?

Sim.

Eu não tenho essa sorte. Cada um tem os sonhos que merece.

E disse isto enquanto tirava algo da mala.

De uma amiga minha. Uma carta de uma amiga minha que foi para fora. É impressionante a quantidade de pessoas que se está a ir embora, que tem de se ir embora. Ainda escreve cartas?

Por vezes.

Eu gosto de cartas.

Passou-me a carta para as mãos.

Abra, leia.

Não tem nada escrito.

Disse eu, sem perceber muito bem.

Sim, não tem nada escrito.

Mas porque não tem nada?

Não sei.

Não terá sido um engano?

Que tipo de engano?

Trocar a folha que queria colocar na carta.

Não, não foi um engano.

Como é que sabe?

Porque já é a terceira carta que recebo dela sem nada. Sempre sem nada. Tenho um mau pressentimento sobre isto.

Compreendo.

Ela pegou na carta, guardou-a e afirmou com um tom sério.

Gostava que fosse até lá e falasse com ela. Estou preocupada, deveria ir até lá, mas não tenho tempo.

Quando acontece algo mau arranjamos sempre tempo.

## 6

O escritório já não me parecia tão impessoal como da primeira vez, nem a cadeira tão fria. Eu já não estava nervosa e conseguia observar o espaço. Já conseguia observar o espaço sem fazer grande esforço, até com alguma curiosidade. Uma moldura ali, uma caneta bonita acolá, uma folha rabiscada em cima da mesa. Até a janela já não me parecia tão pequena. Ele entrou, a empregada trouxe café e água e serviu-nos. Acompanhou a saída da empregada com o olhar.

Mais açúcar?

Está ótimo, obrigada.

Está tudo bem consigo?

Sim.

Respondi e era verdade.

Parece-me um pouco preocupada?

Eu estou bem.

Ainda bem. Fico feliz por a ver de novo aqui.

Obrigada.

Fico mesmo muito feliz.

Parecia um miúdo a falar, não havia maldade na forma como dizia as palavras.

Tínhamos combinado aqui e eu estou aqui.

Tem razão, mas não deixo sempre de pensar que as coisas se podem alterar e não correr como esperamos. É uma parvoíce, mas é uma parvoíce real.

Eu compreendo-o, não é nenhuma parvoíce.

Insistiu.

Claro que é uma parvoíce.

Não me parece. Desculpe se não vejo as coisas da mesma forma.

Ainda bem.

Porquê?

Diversidade. Pessoas diferentes, opiniões diferentes. Até Deus escreve direito por linhas tortas.

Não percebi a analogia, se é que havia analogia. Ele continuou.

Os momentos realmente importantes não se contam pelos dedos, mas sim pelo nariz. 1, 2, talvez 3.

E exemplificou, colocando o dedo indicador numa das narinas, depois na outra e por fim tocou o nariz. Eu continuava a não perceber. Perguntei desconfiada.

Este é um momento importante?

Não acha?

A mim parece-me normal, mas sei que o conceito de normalidade é muito vago...

Está de novo aqui, nessa cadeira, como combinado. Sem surpresas, sem alterações. Tudo corre dentro da normalidade e isso agrada-me. Agrada-me muito. Sou obrigado a considerar este momento um momento muito importante.

Ainda bem. Ainda bem.

Há alturas na vida em que a normalidade e a repetição são as únicas coisas que me interessam, em que se pode confiar. Como correram as coisas?

Escrevi tudo no relatório que lhe enviei.

Sim, eu li. Parece-me que correu tudo bem.

Penso que sim.

Correu tudo bem.

Brincava com uma caneta, que ia passando de mão para mão, como se fosse uma batuta e o corpo reagisse a uma música que só ele escutava.

Ela gostou de si.

Espero que sim.

Estou a afirmar, gostou mesmo.

Tentei fazer o meu melhor.

Fez muito bem, devemos tentar sempre fazer o nosso melhor.

Eu sei.

Pousou a caneta e fixou-me durante largos momentos. O tom de voz mudou.

Fiquei um pouco surpreendido confesso.

Porquê?

Perguntei rápido, ele hesitou.

Não é costume ela gostar de pessoas... de pessoas que não conhece. Ela não tem uma abordagem fácil ao início e...

Pois não.

Sentiu?

Não há forma de não se sentir, pois não?

Colocou mais café na chávena e bebeu de um trago, não perguntou se eu queria.

Ela é uma mulher difícil, passou por algumas coisas, coisas difíceis. Coisas que a transformaram numa mulher exigente, dura... desconfiada, numa pessoa de quem não se gosta facilmente. Ela define muito bem o espaço até onde os outros podem ir, marca uma distância. Consigo foi diferente.

Alguma razão especial?

Sim, de certa forma.

Posso saber qual?

Quer mesmo saber?

Sim, quero, se não for nada que eu não possa saber, claro.

Para lá da sua personalidade e do seu à-vontade, que apreciou bastante... ela viveu durante algum tempo no seu bairro.

No meu bairro?

Algum tempo, quando estudava na Faculdade.

O mundo é mesmo pequeno.

O mundo não é pequeno, nós é que somos grandes.

Falou para si. Levantou-se e foi até à janela, que voltou a parecer-me pequena. Fez-se silêncio durante um longo período de tempo.

Tentei falar com o seu marido, mas não consegui.

É normal.

Não sabia que...

Não há problema.

Queria dizer-lhe que...

Eu sei.

Não o deixei terminar as frases, embora ele tentasse. Eu não queria que as frases chegassem ao fim, ele percebeu e mudou de assunto.

Posso contar de novo consigo? Gostava de contar de novo consigo.

Ela gostava de contar de novo comigo?

Sem dúvida.

Qual é proposta?

A mesma.

Não sei se a mesma proposta me agrada.

Puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado.

Quando eu andava no secundário, para irmos almoçar à cantina tínhamos de passar junto a uma fábrica de chocolates. A cantina era noutra escola e todos os dias fazíamos esse percurso entre as duas escolas. Numa das paredes da fábrica havia uma ventoinha enorme e quando voltávamos do almoço, se tivéssemos carochos de fruta, atirávamos à ventoinha e tudo se desfazia, numa espécie de pó mágico. Era um momento muito bonito, um efeito espectacular. E cada dia que passava os carochos eram maiores e o efeito mais espectacular. Até que alguém, pensando que quanto maior fosse o carochos maior seria o efeito, atirou uma maçã inteira à ventoinha. Falhou, a maçã acertou numa janela e partiu um vidro. Começámos a ouvir gritos e desatámos a correr para a escola. Todos os dias que passávamos por ali e olhávamos para o buraco na janela, lembrávamo-nos da maçã que tinha falhado a ventoinha e nunca mais atirámos nenhum carochos. Nada.

Não trocaram o vidro?

Não, a fábrica fechou pouco tempo depois.

Afastou-se.

Aceita a minha proposta?

Pode contar comigo.

Este semáforo parece que nasceu para ser vermelho, pensei. O meu olhar não se desviava do semáforo, mas não era por isso que o iria fazer mudar para verde mais rápido, embora desejasse, muito. Verde. Arranquei, porque ela já devia ter chegado e estaria à minha espera. Já tinha chegado. Vestia de preto, óculos escuros e fumava um cigarro. Estacionei. Saí do carro, peguei nas malas. Ela apagou o cigarro, e sem dizer nada entrou no carro.

Desculpe o atraso. Viu a minha mensagem?

Já ninguém se atrasa, já ninguém se perde. Tudo é tempo que o tempo vence.

Falava para si.

Sim, vi a sua mensagem, não há problema.

Apanhei muito trânsito...

Não há problema.

A esta hora é muito complicado.

Eu sei.

Correu bem o voo?

Normal.

Liguei o carro e arranquei. Fizemos a viagem sem trocarmos uma palavra. Estacionei.

Apetece-me mais um cigarro. Posso?

Claro.

Acendeu um cigarro.

Gosto de ver a cidade de cima. Reparei nisso quando estava a voltar, para lá não reparei. Já me tinha esquecido, mas gosto muito de ver a cidade de cima.

No instante em que ela terminou a frase, caiu algo no chão e ouviu-se um som estranho.

Que foi isto?

Não sei.

Saí do carro e vejo um pombo morto no chão, desfeito. No ar, às voltas, uma gaivota. Entrei no carro.

Uma gaivota deixou cair um pombo. Parece que levava um pombo no bico e deixou-o cair.

Ela olhou para mim como se tudo lhe parecesse normal. Ouviu-se de novo o som estranho.

A gaivota não se quer ir embora.

Parece que não.

Tem de saber desistir. Há alturas em que temos de saber desistir.

É o instinto a funcionar.

Há pessoas que se dão a si próprias demasiada importância, que se levam demasiado a sério. Nada como a natureza para colocar algumas pessoas no seu devido lugar.

Já não falava de gaivotas. Acendeu outro cigarro. O som da gaivota parou, parece que o animal tinha desistido, que a natureza o levou para outro lugar.

A sua amiga está bem?

Muito bem.

Vejo que já não está preocupada.

Nada preocupada.

Falou com secura.

Ainda bem.

Mas ela já não é minha amiga.

Não percebo.

Eu também não. Fiz um esforço, um grande esforço, mas continuo a não perceber e não me apetece fazer mais esforço. Há coisas que não vamos perceber e é assim e pronto. Se me pergunta se ela está bem, tenho de responder que ela está bem, não posso responder de outra forma.

Desculpe ter perguntado...

Não tem de pedir desculpa, fez bem em ter perguntado. Estamos aqui por causa dela.

O que é que se passou?

Fomos amigas, já não somos. Só para ter uma ideia... já andei à porrada com cães mais simpáticos.

Disse assim, sem hesitar.

Já alguma vez lhe aconteceu apanhar obras numa daquelas estradas rurais, aquelas estradas estreitas, cheias de curvas, que com obras só consegue passar um carro de cada vez?

Que me recorde não.

Quando não se consegue controlar o trânsito por vezes usa-se uma flor.

Uma flor?

Como os carros têm de passar todos pelo mesmo sítio, a última pessoa da fila fica com uma flor e deixa-a para a última pessoa do outro lado. Assim sabe-se sempre qual é o último carro de cada fila e quando se pode avançar.

É engenhoso.

E funciona muito bem, desde que toda a gente goste de flores.

Calou-se, olhava em frente, metida com ela própria. Eu não sabia o que dizer. Ficámos em silêncio bastante tempo, decidi interromper.

Quer que a ajude com as malas?

Sim, quero, se não se importar.

Não me importo nada.

Quando me preparava para sair ela colocou uma mão no meu ombro.

Espere. Podemos ficar mais um pouco?

Esteja à vontade.

Obrigada.

Quer ouvir um pouco de música?

Sim.

Só tenho rádio.

Ainda bem.

## 8

Há pessoas que não deveriam morrer nunca. Ou então só deveriam morrer depois de nos enterrar a todos, primeiro. Estive com ela um dia antes e ela disse-me adeus e era a sério. Mas não se pode saber se é a sério, nunca se pode saber se é realmente a sério. Não temos nenhum controlo sobre o futuro. Não podemos saber se um adeus é real e verdadeiro quando é dito. Quando é dito é apenas uma expressão, uma palavra, ainda que possa ser real e verdadeira. É uma sensação estranha, de que poderia ter feito algo, algo que mudasses as coisas, não sei o quê, mas que tivesse feito. A vida é como um gelado de cone, se não se derrete na boca, derrete-se nas mãos. Se não aproveitas rápido, vais sujar-te de certeza.

Não importa o que se come, sai sempre merda.

Ele parou de debitar palavras.

O que quer dizer com isso?

Que não há regras. Que por muito que queiramos controlar tudo, apenas conseguimos controlar muito pouco. Que todos temos muitas teorias, mas são só isso, teorias. Que o resultado daquilo que fazemos é sempre uma incógnita. Embora seja agradável a sensação de podermos controlar tudo.

Voltou a debitar palavras.

Ela era sempre a melhor, fosse no que fosse, nem que fosse a apanhar cocó de cão. Era isso que a tornava única, especial, que a definia como pessoa. Que nos passava sempre a sensação que ela estava bem à frente, para lá do lá. E isso era confortável e passava-nos segurança. Ela teria sempre uma solução para o problema, fosse ele qual fosse. Agora sinto-me sozinho.

Eu estou aqui.

Eu sei que me está a perceber.

Não, não estou.

Parece que tenho a chave da porta certa, mas mudaram a fechadura. Ela foi-se embora, deixou-nos.

Eu sei disso.

Não se sente incomodada?

Agora sinto, por si. Sei que está a ser doloroso para si e não o queria ver assim.

Falei devagar, de forma calma, não queria confrontá-lo. Quem sou eu para decidir o que os outros estão a sentir. Parecia um miúdo e não um homem de 50 anos.

A carta dizia apenas: estou bem?

Sim, apenas isso.

É de onde?

Não tem remetente.

Mas se diz que está bem devemos acreditar.

Sim, mas...

Penso que deve acreditar nela e nas suas decisões.

Decisões?

Ela decidiu ir, tomou essa decisão, devemos respeitá-la, não acha?

Sim, mas...

Se ela é isso tudo que acabou de dizer, sabe que ela tomou a melhor decisão, por muito que lhe custe aceitar. É disso que se trata, aceitar. Nada mais.

Afastou-se, não me olhava.

Só há 3 formas de morrer e nenhuma delas é bela.

3 formas?

Perguntei

Sim, 3. E não querer ser encontrado é a mais violenta de todas.

Tem lágrimas nos olhos. Levanto-me e saio. Entro no carro, arranco. Paro o carro junto à cancela, junto à cancela de saída do parque de estacionamento. Procuo o cartão para sair no bolso do casaco. Não encontro. Procuo noutro bolso, nada. Tenho de ter o cartão em algum lado. Continuo à procura, há um carro atrás de mim. O cartão tem de estar em algum lado... Procuo no carro, carteira/mala, procuro... e passam 2 ou 3 minutos e não encontro o cartão e tenho um carro atrás de mim... e no momento em que penso tocar na campainha para falar com o segurança do parque, a cancela levanta. Assim, sem mais, levanta e pronto. Arranco e saio.

## Anexos

# Tango Uniforme

### A. Branco

*1 e 2 são homens.*

1 Estás acordado?

2 Estou e tu? (*Silêncio.*) Estás a ouvir?

1 Diz...

2 Não me estás a ouvir.

1 Desculpa, distraí-me. Estava a pensar numa coisa e deixei-me ir.

2 A ideia era estarmos juntos e podermos falar.

1 Tens razão. Falemos.

2 Não sei se me apetece.

1 Estou a dar-te toda a atenção.

2 Não me estavas a ouvir e isso não me agrada, não me agradou. É suposto que quando duas pessoas estabelecem um diálogo, o estabeleçam mesmo e não se fiquem apenas pelas intenções. Diálogo são duas pessoas, duas pessoas dispostas a falar, duas pessoas que pretendem falar, que se querem falar...

1 Eu sei.

*Longo silêncio.*

2 Foi ali.

1 Onde?

2 Ele apontou para ali, com o dedo indicador, apontou com o dedo indicador.

1 Para aquela parede?

2 Sim. Para aquela parede com o indicador, como se indicasse que era aquela parede a escolhida. Para que não houvesse dúvidas. Depois golpeou a parede, o que não me pareceu muito normal, mas foi o que ele fez.

1 E tu?

2 Assisti a tudo sem fazer nada, assisti apenas.

1 Ele sabia que o estavas a observar?

2 Penso que ele só o fez porque sabia que eu o estava a observar, que estava a ser observado.

1 Que fez depois?

2 Sentou-se. Tirou um cigarro e começou a brincar com ele, como se fosse fumá-lo, parecia mesmo que o ia fumar...

1 Mas não o fumou.

2 Fumou, mas muito mais tarde, já de pé. Acabou de fumar o cigarro e fez, esta parte é muito importante, uma festa na parede, assim com a mão e foi-se sem olhar para trás. Em passo firme, decidido.

1 Estou a ver.

2 Havia na parede uma inscrição.

1 Feita por ele?

2 Talvez. Havia uma inscrição no lugar onde ele passou a mão. Uma inscrição antiga, a lápis de bico rombo, grossa, mas gasta.

1 Que dizia?

2 A única coisa eterna é o presente.

1 A inscrição continua na parede?

2 Não, alguém a apagou, apenas resta uma espécie de borrão, um vestígio. (*Silêncio.*) A parte em que ele afaga a parede não é exagerada?

1 Não.

2 Ele volta depois, uns dias depois e faz tudo da mesma maneira, mas a inscrição já não está lá. Apenas está o que resta da inscrição.

1 Sentimos o tempo a passar, temos a sensação que o tempo está a passar. A memória e o tempo.

2 Na terceira vez em que ele volta ela está lá.

1 Chegou antes dele?

2 Sim.

1 Sozinha?

2 Sim. Espera um pouco, ele só vai chegar mais tarde. Ela tem o nome dele tatuado num dos braços, no outro braço tem tatuado o nome de outro homem.

1 Que nome?

2 Não me lembro. Tem uma tatuagem em cada braço, dois nomes diferentes, um dos nomes é o dele.

1 Ou um nome igual ao dele.

2 Sim, é possível. Ele sabe que ela vai lá estar, percebe-se no olhar dele que ele sabe que ela vai lá estar. Ela coloca-se de costas um pouco antes de ele chegar, como se o esperasse e não quisesse revelar ansiedade. Como se ele não fosse assim tão importante para ela.

1 Mas era.

2 Muito. Ele chegou, ela permaneceu de costas, embora ela já soubesse que ele estava lá. Não se virou, esperou apenas.

1 E ele?

2 Observava-a, nenhum deles fazia nada. Na sala silêncio, um silêncio incómodo, forte.

1 Ele sabia que tu estavas lá?

2 Já se tinha habituado à minha presença.

1 E ela?

2 Não reparou em mim, ou então se reparou passou a ignorar-me. Agiam como se estivessem sozinhos. Apenas ele e ela, ela e ele. Isto demorou bastante tempo.

1 Quanto?

2 Menos de uma hora. Eu fazia um esforço para estar em uníssono com o silêncio da sala, todos fazíamos um esforço, todos éramos a sala durante aquele espaço de tempo.

1 Quando acabou?

2 Não sei. Já me tentei lembrar várias vezes mas nunca consigo. É como se de repente a vida voltasse ali. Estou a exagerar, é como se de repente todos sentíssemos... eles sentissem que tinham de falar. Começou ele, perguntou-lhe como é que tinha sido a viagem, como é que ela estava.

1 E ela?

2 Foi evasiva, deu-lhe respostas curtas, funcionais. Depois ela fez-lhe as mesmas perguntas, mas aí percebia-se que ela estava mesmo interessada, que ela queria mesmo saber.

1 E ele?

2 Foi directo sem ser ríspido. Ela não ficou admirada, já estava à espera que assim fosse. Trocaram mais uma dúzia ou duas de palavras. Eu sustinha a respiração ou pelo menos pensava que a sustinha, o silêncio voltou. Só viria a ser interrompido mais tarde quando ele disse a tal frase.

1 As coisas mais importantes que passam na tua boca não estão nas tuas palavras, mas sim no teu silêncio.

2 Sim, ela aí puxou uma das mangas para baixo, como que a tentar esconder alguma coisa, o nome que estava tatuado no braço.

1 O dele?

2 O outro. Ele percebeu e impediu-a de o fazer. Leu o nome alto.

1 Que era?

2 Não me lembro, mas sei que era nome de homem, diferente do dele, é essa a recordação que tenho.

1 Foi aí que ele lhe perguntou...

2 Sim, ainda com o braço dela na mão dele, perguntou-lhe.

1 Ela respondeu que sim.

2 Não podia negar, não valia a pena negar.

1 Ela nunca pensou em negar, ela queria que ele soubesse.

2 Porquê?

1 Para ela o mais importante era a verdade. Não lhe podia esconder o que se tinha passado. Era como se ele já soubesse e as palavras dela só fizessem eco.

2 Ele perguntou-lhe se tinha havido mais, se aquele nome não era apenas o único nome, se tinha havido outros nomes e pessoas que respondiam por esses nomes.

1 E ela disse que sim.

2 Ela abanou a cabeça e disse que sim. Ele saiu a correr, rápido, ela não saiu do mesmo lugar, parece que já esperava que ele reagisse assim, que fizesse aquilo.

1 Pensaste que ele não voltava?

2 Tinha a certeza que ele não voltava. Embora me lembre de na altura não ter muitas certezas.

1 O segredo para a felicidade é ter uma má memória. Ele demorou muito?

2 Teve 200 ou 300 metros de dúvidas, depois parou.

1 Conseguias vê-lo?

2 Não, nada. Ficou parado durante uns instantes a cabeça disparava palavras, frases, mas nenhuma era a certa. Ela virou-se para a parede, ficou com o olhar por ali, até reparar no borrão que antes tinha sido a tal frase...

1 A única coisa eterna é o presente.

2 E passou um dos dedos pelo borrão, criando agora outro borrão, um borrão novo. Olhou para o dedo sujo e pensou em limpá-lo, mas não o fez.

1 Ele entrou.

2 Entrou, foi direito a ela e abraçou-a, como se procurasse uma desculpa qualquer para chorar. E chorou. E ela chorou com ele. Choraram juntos.

1 E tu?

2 Fiz de conta que não estava a sentir nada, limpei as lágrimas à manga da camisa e fiz de conta que não estava a sentir nada.

1 Só se pode ganhar o que se pode perder.

2 Nunca pensei que ele conseguisse perceber isso sozinho, perceber isso. Nunca pensei que ele pudesse perceber.

1 Eu já tinha desistido de ti, mas não consegui desistir de mim. Foi o que ele lhe disse.

2 É forte.

1 Bonito.

2 Forte.

1 Sim, forte.

2 Parece-te que vão ficar juntos?

1 Não sei, só aquilo que não sonhamos poderá permanecer para sempre.

2 Ele sonhou com ela?

1 Sonhou com os dois, sonhou em como ficariam os dois, em como poderiam ficar os dois.

2 Parece-te...

1 Não me parece nada. A ti que te parece?

2 Nada.

1 Esse momento mudou tudo, eles precisavam desse momento. Pode ter mudado mesmo aquilo com que ele *não* sonhou. (*Silêncio.*) Lembraste do dia?

2 Não.

1 Não tens uma ideia do dia?

2 Não me lembro do dia ao certo, sei apenas que alguém fazia anos e que era alguém importante para mim.

1 Como estás? Depois disto tudo, destes dias em que estiveste com ele, em que estiveste no mesmo espaço em que ele estava.

2 Cansado, com dúvidas, com medo... o costume, sendo que o costume me agrada.

1 Não mexeu de uma forma diferente contigo?

2 Deveria mexer?

1 Talvez.

2 Não mexeu.

1 Passaste por coisas fortes.

2 E?

1 Ter um arame a dois palmos do chão não é o mesmo que tê-lo a vinte metros do chão.

2 Mas o arame é o mesmo.

1 O arame sim, o equilíbrio não.

2 Mas o arame é o mesmo. É em cima desse arame que caminho, sem me preocupar com nada. Sei que se tropeçar caio e depois não iremos cair todos... um dia?

1 Que trágico. (*Silêncio.*) Onde vais? Onde vais? Espera.

2 Diz.

1 Afastaste-te sem nada dizer. Fiz alguma pergunta indiscreta ou abordei algum assunto indiscreto?

2 Não o podes fazer.

1 Porquê?

2 Não há assuntos indiscretos ou perguntas indiscretas entre nós.

1 Há sempre qualquer coisa que é só nosso, que guardamos só para nós, que por vezes nem nós próprios conhecemos. Chamemos-lhe: indiscreto.

2 Sim, chamemos.

1 Que se passa?

2 Na última vez que eles estiveram juntos...

1 A terceira?

2 Sim. Ela sorriu para mim, para os meus olhos. Como se soubesse o que eu estava a sentir, ela sabia o que eu estava a sentir.

1 Que era?

2 Não sei.

1 E por isso a procuraste, por isso foste ao seu encontro e a procuraste.

2 Sim.

1 Querias que ela te contasse...

2 Sim, tudo. Tu não farias o mesmo?

1 Não a largava enquanto ela não me dissesse o que eu estava a sentir, eu iria querer saber o que estava a sentir. Eu preciso de saber o que estava a sentir, o que sinto... sempre.

2 Compreendo.

1 Como é que ela estava?

2 Foi num sítio público, para que não houvesse intimidade.

1 Compreendo.

2 Junto a um rio, onde se pudesse ouvir a água correr e até talvez ouvir um peixe a passar. Ela sentada, eu venho do lado do sol e ela só me consegue ver no último instante... após o último instante em que *não* me conseguia ver.

1 Ela sabia porque estavas ali?

2 Tinha de saber, ninguém faz uma viagem longa sem um propósito, seja ele qual for.

1 Tu fizeste uma viagem longa?

2 Muito longa.

1 Quanto tempo passou desde a última vez que se viram?

2 Duas, três semanas, talvez menos.

1 Como é que ela estava?

2 Bonita, segura.

1 E tu?

2 Com o sol pela costas. Ela sentada num muro, gozando o sol, como se o melhor do sol fosse mesmo o sol. Olhava para mim, sabia onde eu estava. Eu via desde o momento em que a pude ver.

1 Não te via.

2 Não me via.

1 Sabendo que qualquer coisa que fizesse, dissesse nunca seria suficiente, nunca iria chegar para as tuas dúvidas. Aguardou por ti, deixou-se encontrar.

2 Sim.

1 Ele sabia?

2 De tudo.

1 Estavas num lugar longe, junto a um rio, ela sentada e tinhas muitas perguntas, ela poucas respostas.

2 Muito poucas.

1 Mas tu querias ouvi-las, por isso foste lá. Fizeste um caminho longo, meteste-te a caminho, procuraste e agora estavam ali os dois, como na última vez em que ela esteve com ele.

2 Mas agora sem ele.

1 Tens a certeza?

2 Posso não ter?

1 Podes.

2 Obrigado.

1 Sabias que só irias ter essa oportunidade e nem sabias se era uma oportunidade. Sabias que terias de fazer a pergunta certa, aquela em que uma das respostas pudesse ser silêncio.

2 Sim.

1 Que tudo se resumia a uma questão de...

2 Sorte.

1 Sorte... (*Silêncio.*) Lançaste uma moeda ao ar?

2 Sim.

1 Quem ganhou?

2 Ela.

1 A sorte estava do lado dela.

2 Sim.

1 E do teu lado?

2 O que restava.

1 Resta pouco quando um homem não tem sorte, resta muito pouco. Tudo se resume a uma questão de sorte e palmas. Toda a sorte de palmas.

2 Sim.

1 Não ouvi.

2 Sim.

1 Não ouvi.

2 Sim.

1 Porque não voltaste, porque não fizeste de novo o caminho longo de volta para cá e voltaste?

2 Queria respostas.

1 Não havia respostas.

2 Pensamos sempre que podemos mudar, que podemos mudar tudo, enquanto lá estivermos tudo pode ser mudado e isso só depende de nós. Nada disso é verdade ou quase nada é verdade, mas é esse quase que nos faz fazer coisas e deixar que essas coisas nos façam e agarramo-nos a ele...

1 O caminho que fazemos e o caminho que nos faz.

2 Para não ser só uma questão de sorte.

1 Fé?

2 Não lhe chamaria fé.

1 Fé?

2 Acreditar.

1 Deus.

2 Não. Deus, não.

1 Sem Deus.

2 Fui direito a ela e perguntei-lhe, tinha de lhe perguntar. Ela fez aquilo que costuma fazer quando lhe faço uma pergunta destas, uma pergunta como esta. Encolheu os ombros, atirou uma pedrita que

tinha na mão esquerda, acompanhou a pedra a desaparecer na água do rio, a ser levada pela água do rio.

1 Não disse nada.

2 Sorriu.

1 Bravo. Ela sorriu, roubaste-lhe um sorriso.

2 Não roubei.

1 Ela deu-te um sorriso... emprestou-te um sorriso.

2 Houve uma quarta vez.

1 Desculpa.

2 Houve uma quarta vez.

1 Quarta vez?

2 Ela foi lá sozinha. Ela foi até à parede.

1 E tu estavas lá.

2 Por acaso.

1 Por acaso?

2 Seguia por acaso quando ela saiu de casa, estava à porta dela e não tinha nada para fazer. Ela foi até lá, eu seguia. Parou, passou a mão pelo borrão que tinha feito na vez anterior, muito calmamente...

1 Sabia que a seguias?

2 Quase que podia sentir a minha respiração.

1 Que fez?

2 Queres mesmo saber?

1 Dá-me um minuto... dois minutos. (*Silêncio. Passam dois minutos.*) Quero.

2 Escreveu...

1 A única coisa eterna é o presente.

2 Não.

1 Não?

2 Não. Também estava à espera que escrevesse isso, mas não o fez.

1 Tudo o que fica na memória é uma lenda.

2 Sim, foi isso que escreveu, a lápis com um bico ainda mais rombo e com a força suficiente para não partir o bico.

1 Porque não me contaste?

2 Não te queria magoar.

1 Não me ias magoar.

2 Não sabia, não queria correr esse risco.

1 Não me ias magoar. Ela até me podia magoar, mas tu não.

2 Magoou?

1 Tratei mal a única pessoa que gostou de mim.

2 Como é que *não* se faz isso?

1 Sentamo-nos quietos, sem nada fazer, só assim... e aguardamos.

2 Mais nada?

1 Aguarda-se apenas.

2 Alguém fará alguma coisa.

1 Talvez se dance, talvez se dê uns passos de dança, mas não vale de muito. É tudo ali, só ali e mais nada. Isso é que custa perceber.

2 Eu não percebo.

1 Eu também não.

2 Junto ao rio havia dois epitáfios.

1 Que diziam?

2 Nomes, só nomes.

1 Datas?

2 Não, só nomes.

1 Bonitos?

2 Sim.

1 Com flores?

2 Um deles sim. Tinha um nome de homem, um nome de homem igual ao nome dele.

1 No outro?

2 Um nome de homem igual ao teu.

1 Igual ao meu... Bem me parecia.

# A morte de um homem feio

A. Branco

1

**Filipe** Tenho tudo o que preciso, tenho tudo aquilo que pensei que a sua falta me pudesse bloquear, tenho tudo o que imaginei que teria se tudo corresse da melhor maneira. Não tenho desculpa, desculpa alguma. Se as coisas não avançam é só por minha causa, se as coisas não avançam é só porque nada fiz para que elas avançassem e nada mais. Não tenho nada nem ninguém com quem dividir a culpa, se houver culpa... e vai haver culpa. (*Silêncio.*) Como era bom que tudo estivesse atrasado, incerto, inseguro... como era bom. Sinto que estou no fim de um funeral, mas em que não houve funeral nenhum. Porque está a escrever?

**Andreia** Estou a tomar notas.

**Filipe** Para quê?

**Andreia** Para me lembrar do que está a dizer.

**Filipe** É importante o que estou a dizer?

**Andreia** Quero apenas não me esquecer. Quer que pare?

**Filipe** Não, é-me indiferente. Não pensei que fosse importante, são só palavras, umas a seguir às outras. Nem estou a fazer muito esforço para as dizer ou para as controlar. Elas chegam à boca e saem... assim. Por isso me admiro que tome notas, não por as notas serem sobre mim, mas por serem sobre as palavras que digo. O que digo não tem interesse nenhum. É só uma história triste criada sabe lá Deus por quem, sem final ou moral alguma. A porra de uma história de um tipo que bebeu o seu copo de vinho, o copo de vinho que bebe a acompanhar uma refeição, um só. Que mesmo que esteja com amigos, gente que lhe é querida, um dia especial que seja, apenas se deixa seduzir por mais meio copo e as contas com o álcool não passam daí. Não que não goste de beber, mas porque fez disso uma regra, uma forma de se sentir bem consigo próprio. Tem 42 anos. A história de um dia, o terceiro dia do ano, em que está a ir para casa, a voltar para casa, com vontade de chegar a casa e chove, fora do carro chove, tudo o que está fora do carro está molhado e a chuva embacia o vidro, embacia o caminho, embacia os olhos e uma curva, onde já passou centenas de vezes, transforma-se em recta e o carro vai em frente como se houvesse: em frente. (*Silêncio.*) É a porra de uma história de um tipo que está a ir para casa e que só quer chegar a casa e conduz à chuva... (*Silêncio.*) Que se não batesse num táxi, que vem do outro lado, teria ido em frente e não estaria a contar a história e toda a vida não lhe teria passado pela cabeça numa fracção de segundos e não estaria a pensar no filho, que lhe apetecia abraçar, e não ficaria feliz por chorar como uma criança de novo... Tomou nota de tudo?

**Andreia** Não.

**Filipe** Que se passa, está bem?

**Andreia** Não, mas vou ficar bem.

**Filipe** Foi alguma coisa que eu disse?

**Andreia** Foi, certamente.

**Filipe** Desculpe.

**Andreia** Porquê?

**Filipe** Não queria que ficasse assim.

**Andreia** Queria que eu ficasse como?

*Silêncio.*

**Filipe** O homem da história nunca mais assobiou, perdeu o pio. Tentou, várias vezes, muitas vezes, continua a tentar, mas nunca mais assobiou. E como ele gostava de assobiar, uma qualquer moda, uma coisa popular sem importância... Como ele gostava de assobiar.

**2**

**Luísa** Nem sei bem por onde começar...

**Avelina** Era eu quem costumava dizer isso quando eras pequena.

**Luísa** Ainda sou pequena.

**Avelina** De facto não crescestes muito.

**Luísa** Sou pequena mas já não sou uma miúda.

**Avelina** Claro que não és uma miúda.

**Luísa** Sabes o que estás a fazer?

**Avelina** Que conversa é esta?

**Luísa** Sabes a figura que fazes com um homem com metade da tua idade?

**Avelina** Ele não tem metade da minha idade.

**Luísa** A sério?

**Avelina** Não estou a perceber esta conversa, o que é que se passa?

**Luísa** Estou farta de que as pessoas vires a cara quando eu passo, que sussurrem, que me olhem como se eu tivesse peçonha. Farta. Como tu podes mudar isso, estou aqui a falar contigo.

**Avelina** Tem menos.

**Luísa** O quê?

**Avelina** Tem menos de metade da minha idade.

**Luísa** Que se passa? Tens alguma coisa a provar, é isso? Penso que já conseguiste, não se fala de outra coisa. Toda a gente me pergunta se o meu padrasto é mais velho ou mais novo do que eu.

**Avelina** Não é teu padrasto. Eu estou bem e tu como é que estás?

**Luísa** Desculpa?

**Avelina** Vais acabar por me perguntar como é que eu estou, não vais?

*Silêncio.*

**Luísa** Estou a tentar ter uma conversa séria contigo, podemos ter uma conversa séria?

**Avelina** Houve um dia em que te doía a barriga, tiveste um problema qualquer... estávamos de férias, tinhas dois anos. O teu pai dormia, o teu pai adorava passar as férias a dormir...

**Luísa** Preferia que não falasses do meu pai.

**Avelina** Tu só choravas com dores e eu com azeite esfregava-te a barriga, assim em círculos... Passaram dez horas até tu adormeceres, eu já não aguentava os braços, mas não podia parar, mesmo que quisesse eu não conseguia parar. Quando finalmente o teu pai acordou...

**Luísa** Preferia que não falasses do meu pai.

**Avelina** Eu sei que preferias, mas vou continuar a falar.

**Luísa** Estás a ser injusta.

**Avelina** Eu? Com quem?

**Luísa** Não fales assim do pai, por favor.

**Avelina** Não tenho nada contra ele, mas penso que o mundo se tornou num lugar melhor para viver desde que ele se foi embora.

**Luísa** Falas como se uma nave espacial o tivesse vindo buscar.

**Avelina** Não foi uma nave?

**Luísa** Estou a tentar ter uma conversa séria contigo.

**Avelina** Não tentes.

**Luísa** Tu és a minha mãe, quero ter uma conversa séria contigo.

**Avelina** Mas então quero que a tenhas mesmo, não tentes só.

*Silêncio.*

**Luísa** Deixa aquele tipo em paz.

**Avelina** Como?

**Luísa** Deixa aquele tipo em paz. Tu tens um estatuto, um nível a manter. Tem vergonha.

**Avelina** Sabes o que é um homem desejar-te?

**Luísa** Claro que sei o que é um homem desejar-me.

**Avelina** Porque tu és uma miúda jovem, bonita, atraente...

**Luísa** Tu também és uma mulher bonita, atraente... Arranja alguém da tua idade, por favor.

**Avelina** Não pode ser inveja, tu não ias ter inveja da tua mãe.

**Luísa** Tu não percebes... É vergonha, eu tenho vergonha. Tenho vergonha que me possa cruzar na rua com a minha mãe de mão dada com um homem da minha idade.

**Avelina** Nós não damos as mãos, nunca demos as mãos. Fazemos outras coisas, coisas com as mãos, mas nunca colocámos as mãos de forma a que se pudesse afirmar que estávamos de mãos dadas. Nunca demos as mãos, nunca iremos dar as mãos.

**Luísa** Não percebo nada do que dizes.

**Avelina** O homem de quem tu falas já não tem nada que ver comigo, nem eu com ele.

**Luísa** A sério?

**Avelina** O mais sério possível.

**Luísa** Que alívio.

**Avelina** Mas não penses que nos separámos porque os outros pensavam coisas sobre nós. Ele não me dava o que eu pretendia, só isso.

*Silêncio.*

**Luísa** Não tenho de te perguntar o que pretendias, pois não?

**Avelina** De maneira nenhuma.

**3**

**Giancarlo** Estou cansado. Apetece-me tomar um banho quente e estender-me no sofá. Podíamos encomendar comida, não me está a apetecer fazer nada, estou cansado.

**Paula** Pizzas?

**Giancarlo** Qualquer coisa. Apetece-me ficar só assim sem fazer nada. Apetece-me que o banho venha até aqui e que alguém me tire a roupa.

**Paula** Queres que te tire a roupa?

*Silêncio.*

**Giancarlo** Hoje tive uma discussão no trabalho, uma coisa feia. Um miúdo que está na empresa há menos de um mês que pôs o meu trabalho em causa. O que é que os miúdos aprendem agora nas

faculdades? Não sabem que têm de respeitar os mais velhos, que têm de perceber como as coisas funcionam e só depois é que as podem pôr em causa. Um miúdo que quase podia ser meu filho.

**Paula** Que se passou ao certo?

**Giancarlo** É muito complicado explicar-te, provavelmente não ias perceber e a coisa em si não te interessa.

**Paula** Testa-me.

**Giancarlo** O quê?

**Paula** Conta-me o que se passou e deixa-me tentar perceber se percebo ou não.

**Giancarlo** Não tem interesse.

**Paula** Pareces demasiado perturbado com uma coisa que não tem interesse.

**Giancarlo** Tenho razões para estar perturbado. Não se chega a um sítio e se acha que se é o maior só porque nos apetece. Tem de se olhar primeiro à volta e perceber como as coisas funcionam, perceber as coisas e só depois disso é que se pode, caso se tenha razão, levantar questões, pôr as coisas em causa. Perdeu-se o respeito, o conhecer o chão onde se pisa, essas coisas que para nós eram básicas, mas que agora parecem que têm de estar num manual para ninguém se esquecer.

**Paula** Queres que te tire a roupa?

**Giancarlo** Não, quero que me deixes ficar assim como estou. Hoje não sou uma boa companhia.

**Paula** És tu quem decides?

**Giancarlo** Aquele miúdo conseguiu estragar-me o dia.

**Paula** Espero que não nos estrague também o fim-de-semana.

**Giancarlo** Estou a ser chato contigo e tu não tens culpa nenhuma, desculpa.

**Paula** Não há problema.

**Giancarlo** Claro que há problema, tu não tens de aturar o meu mau humor.

**Paula** Esquece o que se passou.

**Giancarlo** Já tentei e não consigo. Vim o caminho todo a prometer a mim próprio que não ia tocar no assunto quando chegasse a casa e... Passei semanas a fazer aquele trabalho, revi tudo, ponto por ponto e vem um fedelho pôr em causa as minhas competências.

**Paula** Ninguém disse nada?

**Giancarlo** Quem?

**Paula** Os teus colegas, imagino que a discussão não tenha sido a dois.

**Giancarlo** As pessoas ficaram sem reacção, ninguém estava à espera que ele dissesse aquilo.

**Paula** Mas foi só uma embirração gratuita, não havia uma razão qualquer?

**Giancarlo** Não percebi. Ele questionou uns números e mais umas coisas que eu não percebi muito bem e acho que ele ainda percebeu menos.

**Paula** Se calhar é alguma coisa pessoal.

**Giancarlo** Acreditas que já pensei nisso? No meio de uma reunião dizer meia dúzia de coisas parvas sem senso nenhum, se calhar é mesmo pessoal.

**Paula** Não deves ter segurado a porta do elevador para ele entrar.

**Giancarlo** Só pode ter sido isso. (*Silêncio.*) Temos de parar com esta conversa. Como é que estás?

**Paula** Queres mesmo saber?

**Giancarlo** Se estou a perguntar...

**Paula** Isso não quer dizer muito.

**Giancarlo** Tens razão. Como é que estás?

**Paula** Cansada, mas não discuti com ninguém.

**Giancarlo** Ainda bem.

**Paula** Também a apetecer-me um banho, sofá e pizzas.

**Giancarlo** Queres que te tire a roupa?

**Paula** Sim.

**Giancarlo** A tua filha?

**Paula** A nossa filha?

**Giancarlo** Tens razão. A nossa filha?

**Paula** Deve estar no quarto.

**Giancarlo** E não vai sair do quarto?

**Paula** Como queres que eu saiba?

**Giancarlo** Vocês são mulheres, devem ter algumas coisas em comum.

**Paula** Temos muitas, mas não saímos todas ao mesmo tempo dos quartos.

**Giancarlo** Foi só uma pergunta.

**Paula** Tens de falar com ela...

**Giancarlo** Pois tenho.

**Paula** ...sobre um assunto chato.

**Giancarlo** Namorado?

**Paula** Não.

**Giancarlo** Namorada?

**Paula** Antes fosse.

4

**Luísa** Sabe quando parece que estamos a fazer tudo bem e só fazemos porcaria?

**Andreia** Sei.

**Luísa** Quando parece que estamos a caminhar no caminho certo, na direcção certa e... Ultimamente olho para o espelho à minha procura, tenho de me procurar lá, já não me sinto lá. Mas quando olho para o espelho, e sei que olho porque ainda há uma série de coisas básicas que eu confio que ainda consigo fazer, não é a mim que vejo. Até pode ser uma cara parecida com a minha, na maioria das vezes a cara é mesmo parecida com a minha, mas isso só me confunde. Estamos a fazer tudo bem e só fazemos porcaria, *pensamos* que estamos a fazer tudo bem e só fazemos porcaria. É a isso que nos agarramos... pensar, pensar, pensar e repetimos pensamentos e pedimos aos deuses para os trocar por outros, mas ou não temos comido a sopa toda ou de facto os deuses não existem. (*Silêncio.*) Coloquei um post-it no meu espelho. Coloquei um post-it no meu espelho e coloquei no post-it o meu nome. Assim tenho a certeza que sou eu que olho, que aquele espelho é meu e aquela cara ainda me pertence mesmo que os meus pensamentos me digam que não. Não estou bem, pois não?

**Andreia** Como se sente?

**Luísa** Não me sinto bem.

**Andreia** Ainda a sua mãe?

**Luísa** Não, a minha mãe já não me preocupa. Preocupa, mas pelo menos já não tem uma relação afectiva com um tipo que podia ser filho dela.

**Andreia** Seu irmão?

*Silêncio.*

**Luísa** Nunca tinha visto as coisas assim. De facto se ele podia ser filho dela, podia muito bem ser meu irmão. Penso que era a cereja no topo do bolo, a minha mãe ter um caso com um filho. Nem ela iria tão longe.

**Andreia** Pode ser revelador de que a sua mãe procura chamar a atenção sobre si.

**Luísa** Não me apetece falar sobre a minha mãe.

**Andreia** Não falemos sobre a sua mãe.

**Luísa** Obrigada. Ultimamente voltei a sentir aquilo de que falámos.

**Andreia** Pode ajudar-me?

**Luísa** Tenho vontade de chegar ao fim e de querer ir para lá do fim, do meu fim.

**Andreia** Apenas vontade?

**Luísa** Nunca se tem apenas vontade, tem-se sempre mais qualquer coisa... depois fica tudo na mão do outro.

**Andreia** Não é necessariamente mau.

**Luísa** Se o outro for casado, tiver uma família e for feliz com a família que tem... é mau.

**Andreia** Começou há muito tempo?

**Luísa** Há algum, embora só se tenha consumado há pouco tempo.

**Andreia** Quer falar sobre isso?

**Luísa** Sinto que estou a estragar alguma coisa, que deveria estar no meu canto, mas não consegui fazê-lo e agora estou a estragar alguma coisa.

**Andreia** Não o está a fazer sozinha.

**Luísa** As relações são um bicho estranho.

**Andreia** Vejo que está a sorrir, fico contente com isso.

**Luísa** Tudo começou porque um dia ficámos até mais tarde no escritório e a lâmpada fundiu-se. De repente ficou tudo escuro e penso que por instinto os nossos corpos se protegeram... um no outro, como animais. (*Silêncio.*) Agora percebo porque nas corridas os cavalos usam palas para não se distraírem com nada, para não perderem o objectivo.

**Andreia** Qual era o seu objectivo?

**Luísa** Não sei bem, mas não era este de certeza.

**Andreia** Disse-me que esta... relação já começou há algum tempo, mas que só agora se consumou.

**Luísa** Sim. Nós bebíamos café juntos, conversávamos sobre assuntos do quotidiano, filmes... Uma pessoa percebe quando está perto da iminência, passe a redundância.

**Andreia** Nada do que fez se pode alterar.

**Luísa** Não é normal duas pessoas, que se sentem atraídas uma pela outra, ficarem sozinhas e presenciarem juntas à morte de uma lâmpada. (*Silêncio.*) Se quiser pode rir-se, eu sei que a situação é toda um pouco infantil.

**Andreia** Não é uma expressão comum: a morte de uma lâmpada, e provavelmente tem razão, não deve ser nada normal a situação que referiu, estarem os dois ao mesmo tempo na mesma sala, sozinhos...

**Luísa** Foi ele quem disse que tínhamos acabado de assistir à morte de uma lâmpada, não consegui segurar-me... (*Silêncio.*) Que posso fazer?

**Andreia** Depende muito de si.

**Luísa** Queria ouvir uma resposta de sim ou não.

**Andreia** Então tem de alterar a sua pergunta.

**Luísa** Percebo. Mato-me?

**Andreia** Não, claro que não. Peço desculpa.

**Luísa** Ria-se à vontade, dito assim até a mim me dá vontade de rir. Agora sinto-me como uma criança que comeu uma fatia do bolo de aniversário, da festa surpresa de alguém, sem ninguém saber. É uma sensação estranhamente boa.

## 5

**Carla** A máquina ficou com as moedas e nada. Coloquei lá as moedas, escolhi e nada, não saiu nada. Fez aqueles barulhos, quando parece que vai acontecer qualquer coisa, mas não aconteceu nada.

**Avelina** Reclamaste?

**Carla** Não tinha onde reclamar, não estava lá ninguém.

**Avelina** Então o que é que fizeste?

**Carla** Tentei, através da abertura, chegar com a mão a algum lado...

**Avelina** Conseguiste?

**Carla** Nada. Eles fazem aquilo bem feito, por mais que uma pessoa se esforce a tentar enfiar-se pela abertura... não consegue tirar nada.

**Avelina** Se alguém te visse ainda ia ficar a pensar que estavas a tentar tirar alguma coisa sem pagar.

**Carla** Estava completamente a borrifar-me para o que pudessem pensar.

**Avelina** Não podias abanar a máquina ou alguma coisa assim...?

**Carla** Não, não podia abanar a máquina, aquilo é um monstro enorme. Já tentei uma vez, nem se mexeu. Tirei a ficha.

**Avelina** O quê?

**Carla** Tirei a ficha, assim já não engana mais ninguém. Desligada já não engana ninguém.

**Avelina** Então não comeste nada?

**Carla** Comi depois, no fim do ensaio, mas passei cá uma fome.

**Avelina** Imagino. É um concerto de quê?

**Carla** Música clássica.

**Avelina** Música clássica?

**Carla** Clássica ou erudita, nunca sei a diferença.

**Avelina** A mim também não me interessa. Ele toca o quê?

**Carla** Não toca nada, é o maestro.

**Avelina** O tipo que comanda as coisas.

**Carla** Vais gostar dele. Ele achou-te o máximo, fez imensa força para ires amanhã.

**Avelina** Mas ele só me viu uma vez, ainda por cima estava horrível.

**Carla** Pelos vistos foi o suficiente. Nós às vezes somos demasiado exigentes connosco, às vezes até estamos bonitas e não queremos acreditar.

**Avelina** Alguém acha que estamos bonitas, é diferente.

**Carla** Não percebo a diferença e não me tentes explicar. Ele gostou do que viu e já nos guardou dois lugares especiais.

**Avelina** Especiais?

**Carla** Aqueles onde se ouve bem, onde se vê bem.

*Silêncio.*

**Avelina** Não sei se tenho roupa para ir a uma coisa dessas.

**Carla** Qualquer roupa serve.

**Avelina** A sério? Achei que para esses concertos uma pessoa tinha de ir bem vestida.

**Carla** Não andas sempre bem vestida?

**Avelina** Quem, eu? Pareço uma modelo.

**Carla** Não te preocupes com a roupa.

**Avelina** Maestro é o tipo que tem aquele pauzinho, não é?

**Carla** Ele não usa.

**Avelina** Ele não usa o pauzinho?

**Carla** Faz tudo com as mãos.

**Avelina** Começo a estar mais interessada.

**Carla** Vais-te divertir imenso, eles são um grupo muito giro.

**Avelina** Eles?

**Carla** Ele e os músicos.

**Avelina** Ah.

**Carla** Depois do concerto devemos ir a algum lado.

**Avelina** Onde?

**Carla** Aos sítios onde os músicos vão depois dos concertos.

**Avelina** Que sítios são esses?

**Carla** Nunca cheguei a sair com eles, mas acho que costumam ir para casa dele. Ele tem uma casa muito bonita.

**Avelina** Ele lembra-se mesmo de mim?

**Carla** Posso ser sincera?

**Avelina** É isso que eu quero.

**Carla** Impressionaste o homem. Eu também achei estranho, mas ele lembra-se mesmo de ti e faz mesmo questão que vás ver o concerto.

**Avelina** Algum dia tinha de ser.

**Carla** Que parva.

**Avelina** É uma surpresa, uma surpresa boa, mas não deixa de ser uma surpresa.

**Carla** Aproveita.

**Avelina** Ajuda-me a escolher a roupa para amanhã. Tens a certeza que ele não usa mesmo o pauzinho?

**Carla** Absoluta, faz tudo com as mãos.

**6**

**Gi** Eu sei que está tudo na nossa cabeça, que a nossa cabeça é que decide tudo, mas não consigo separar as coisas. Gostava de acordar ao lado de alguém de quem gostasse, mas não há ninguém. Os homens só querem a minha beleza, o meu corpo, não querem uma conversa, uma troca de opiniões.

**Andreia** A que homens é que se refere?

**Gi** Aos homens que se vão cruzando comigo.

**Andreia** Homens que já conhece?

**Gi** Alguns conheço, quer dizer, já estivemos juntos mais do que uma vez. A maioria não conheço. Eu saio à noite e não me apetece voltar sozinha para casa. É simples, vou até a um bar e espero, acaba sempre por aparecer alguém.

**Andreia** Digamos que é uma privilegiada.

**Gi** Sim, de certo modo, mas depois não fica nada. O mais ridículo é que eu acredito sempre que o homem com quem estou a falar, a beber um copo, pode ser o tal, acredito sempre que de manhã quando acordar vou ter um pequeno-almoço maravilhoso à minha espera... e flores. É pedir muito haver flores?

**Andreia** Não, é um pedido legítimo. A outra pessoa pode é não saber dele.

**Gi** Não vou escrever num papelinho o que quero, estou à espera que adivinhem ou intuem, porque senão é tudo muito artificial, forçado.

**Andreia** Esclareça-me, os homens de quem fala são homens com quem tem relações sexuais, certo?

**Gi** Sim.

**Andreia** Em que a relação que se estabelece visa a relação sexual?

**Gi** Não. Quer dizer, sim, mas eu não queria, eu na verdade queria criar relações de amizade, mas eles não deixam.

**Andreia** Não deixam?

**Gi** Nenhum deles fica.

**Andreia** Já experimentou não ter relações sexuais para ver como reagem?

**Gi** Claro, vão-se embora mais cedo.

**Andreia** Embora de sua casa?

**Gi** Sim.

**Andreia** Mas se convida um homem para ir a sua casa, de certa forma não está já a dizer-lhe que a possibilidade de terem relações sexuais é grande?

**Gi** Sim, mas eu quero ter relações sexuais, é para isso que eu os convido, só queria é que ficassem... ficasse, só convido um de cada vez.

**Andreia** Eu percebi.

**Gi** Não penso que seja pedir muito, pois não?

**Andreia** Não, mas há situações que terminam quase sempre da mesma maneira se não fizermos nada para as alterar. É como quando um carro se avaria, quando estamos a atravessar uma passagem de nível, e ficamos no meio da linha e vem lá um comboio. Já sabemos o que vai acontecer se não sairmos do carro.

**Gi** Acha que eu não os devia levar para casa, que deveríamos antes ir para um hotel ou coisa do género?

**Andreia** Não. O local não é importante.

**Gi** Também me parece.

*Silêncio.*

**Andreia** Já colocou a hipótese das duas coisas que pretende poderem não ser compatíveis para as pessoas com quem priva?

7

**Paula** Perfume de mulher?

**Carla** Porque não?, não era o primeiro. A pessoa levanta-se à pressa, atrasada, toma um banho rápido e põe uma coisa qualquer.

**Paula** Acredito que ponha uma coisa qualquer, mas põe uma coisa qualquer que esteja na sua casa.

**Carla** Sim, claro.

**Paula** Eu não tenho nenhum perfume com aquele cheiro, aquele perfume não é meu.

**Carla** Então é porque é dele.

**Paula** É um perfume de mulher.

**Carla** Enganou-se a comprar, tu sabes como os homens são distraídos.

**Paula** Ele não compra perfumes, sou eu quem lhos compra.

**Carla** Se calhar foi algum colega que lho ofereceu e nem reparou que era de mulher.

**Paula** Se calhar foi uma colega.

**Carla** Não, as mulheres reparam nessas coisas, só pode ter sido um homem. Comprou qualquer coisa à pressa ou então porque estava em promoção.

*Silêncio.*

**Paula** A que propósito é que um colega lhe ia oferecer um perfume?

**Carla** Aniversário, Natal... sei lá, há tantas razões boas para se oferecer um perfume.

**Paula** Um homem a outro homem?

**Carla** Porque não? Os colegas do meu marido oferecem perfumes entre eles, provavelmente no escritório do teu marido fazem a mesma coisa.

**Paula** E à quarta-feira à noite jogam póquer todos juntos.

**Carla** Não, que eu saiba não.

**Paula** Uma mulher sabe quando está a ser trocada, quando já não é desejada, quando é só mais um cobertor na cama. É o que tenho sentido desde o Verão, que sou só mais um cobertor na cama.

**Carla** Acho que estás a exagerar.

**Paula** É o que eu sinto, não posso impedir.

**Carla** Quem anda à procura de coisas ainda as encontra.

**Paula** Eu quero encontrá-las. Não quero chegar a casa e saber que a pessoa que amo é um naco de carne que se divide com outras pessoas.

**Carla** Mas o teu problema é carne?

**Paula** O meu problema é quem põe a mão na carne, melhor, é de carne que procura outras mãos.

**Carla** Tu sabes como é que são os homens lá com as coisas deles...

**Paula** Quais coisas deles?

**Carla** Tu sabes.

**Paula** Não, não sei.

**Carla** Aquela coisa dos segredinhos uns com os outros, das conversas sobre futebol, sobre os carros... Deixa-o em paz, não vá ele sentir-se controlado e ir à procura de uma galdéria qualquer.

**Paula** Acho que já é tarde.

**Carla** Deixa-o. Ele tem-se portado bem contigo, vem sempre dormir a casa, não o pressiones.

**Paula** Claro que vem sempre dormir a casa. Não sinto que o esteja a pressionar.

**Carla** Olha que nós às vezes somos um bocadinho chatas, já estamos a pressionar e nem nos apercebemos. É só um conselho de amiga.

**Paula** Obrigada.

**Carla** Quero é que estejas feliz, o resto não interessa.

**Paula** Não consigo estar feliz com este sentimento. Mudámos há pouco para esta casa, a miúda mudou de escola, estamos as duas a investir muito nesta relação.

**Carla** Também melhor seria, é o teu marido, é o pai dela.

**Paula** Eu sei que já se passou qualquer coisa, que até pode ter sido uma coisa pouco séria, mas já se passou qualquer coisa.

**Carla** Desculpa, mas estás a exagerar. Tudo isto por causa de um perfume de mulher? Estás a precisar de férias. Combinem umas férias os dois, deixas a miúda lá em casa.

**Paula** Não percebes que não tenho vontade de lhe tocar.

**Carla** Não, não percebo. Se calhar por isso é que ele não te procura. Os homens não são como os cães, se lhes cheira que uma mulher não quer nada com eles nem lhe pegam. Ouve o que te digo, todos os casamentos têm fases boas e fases menos boas, o importante é manter a chama acesa. Vocês estão a precisar de uma segunda lua-de-mel. Queres que te ajude a programar as coisas?

**Paula** Não, obrigada. Tenho de parar de pensar nisto.

**Carla** Distrai a cabeça com outras coisas.

**Paula** Tens razão, tenho imenso que fazer.

*Silêncio.*

**Carla** Ele bateu-te?

**Paula** Por favor.

**Carla** Isso sim era grave.

**Paula** Era muito grave, podes ter a certeza.

**Carla** Deixa as coisas correrem, vais ver que não é nada. Há alturas em que já misturamos tudo e mais vale...

**Paula** Eu sei.

**Carla** Se precisares de alguma coisa...

**Paula** Obrigada.

8

**Giancarlo** Foi só uma conversa.

**Paula** Séria?

**Giancarlo** Muito séria.

**Paula** Ela percebeu?

**Giancarlo** Percebeu parte, pelo menos.

**Paula** Esta idade é complicada.

**Giancarlo** Eu sei, passei por lá.

**Paula** Passámos por lá. Parece sempre que se percebe tudo e no dia a seguir faz-se tudo ao contrário.

**Giancarlo** Ou no próprio dia.

**Paula** Não vou tão longe.

**Giancarlo** Tenho a consciência tranquila, sentei-me e falei com ela abertamente.

**Paula** Como nunca fizeram comigo.

**Giancarlo** Foi isso mesmo que eu senti... nunca fizeram isto comigo.

**Paula** Mantiveste a calma?

**Giancarlo** Sim, foi uma conversa amena... quer dizer, aberta, franca... bonita. Devias também ter participado.

**Paula** Não, seria uma conversa familiar e eu não queria que se tornasse numa conversa familiar. Já tinha falado com ela, agora era a tua vez. Eu sei que isto é horrível, mas assim temos o dobro das hipóteses de que as coisas resultem.

**Giancarlo** Vou ser sincero, não percebo a tua lógica, mas como eu não estou a seguir lógica nenhuma...Ela nunca comprou. Fuma dos outros, nunca comprou.

**Paula** A sério?

**Giancarlo** O que é que te disse a ti?

**Paula** Não lhe fiz esse tipo de perguntas.

**Giancarlo** Eu também não lhe perguntei, ela é que me contou.

**Paula** A mim não me contou. Eu praticamente falei-lhe de mim, da minha experiência e foi tudo.

**Giancarlo** Da tua experiência?

**Paula** Sim, da minha experiência.

*Silêncio.*

**Giancarlo** Queres falar-me da tua experiência?

**Paula** Quero, claro que quero.

*Silêncio.*

**Giancarlo** Então, fala.

**Paula** Hoje, agora?

**Giancarlo** Sim, porque não?

**Paula** Hoje não, outro dia conto-te tudo. Pode ser?

**Giancarlo** Pode, claro.

**Paula** Não pode continuar a fazer isso.

**Giancarlo** O quê?

**Paula** Consumir sem pagar.

**Giancarlo** Foi o que eu lhe disse.

**Paula** Qualquer dia...

**Giancarlo** Eles podem passar-se, não é bom para ela, não é bom para ninguém. Dei-lhe dinheiro, ela tem de ter dinheiro.

**Paula** Fizeste bem.

**Giancarlo** Também a fiz prometer que vai voltar à dança, ela adorava aquilo.

**Paula** O que é que ela disse?

**Giancarlo** Que vai procurar alguma coisa aqui perto.

**Paula** A sério?

**Giancarlo** Sim, que também já tinha pensado nisso, mas que talvez lhe estivesse a faltar algum estímulo.

**Paula** Bem, que progressos.

**Giancarlo** Foi só uma conversa entre um pai e uma filha.

**Paula** Comigo é mais “não te estou a ouvir, não te estou a ouvir, eu tenho a rede toda, não te mexas, não te mexas”.

**Giancarlo** Prometi-lhe que a ia buscar a seguir às aulas de dança.

**Paula** E consegues cumprir?

**Giancarlo** Tenho de conseguir.

*Silêncio.*

**Paula** Ela contigo parece outra pessoa.

**Giancarlo** Vocês deviam falar sobre isso. Não há lugar só para uma fêmea nesta casa.

**Paula** Às vezes parece que há.

9

**Gi** Penso que consegui encontrar um equilíbrio.

**Andreia** Isso é ótimo.

**Gi** Não sinto que esteja a ser usada, sinto que é qualquer coisa de igual para igual, que é a coisa mais parecida que tenho com uma relação nos últimos tempos. Não o conheci em nenhum bar, temos amigos em comum, quer dizer, conhecemos pessoas que conhecem pessoas, não propriamente amigos... Mas há um elo de ligação, já não foi só a dois e isso deu-me mais confiança. Também não o convidei para casa, ele também não. Foi tudo diferente.

**Andreia** Alterou o valor das variáveis, o resultado foi diferente.

**Gi** Foi mesmo isso que senti, que parecia que estava a tentar fazer pratos diferentes e maravilhosos usando sempre o mesmo ingrediente.

**Andreia** Estão a ter uma relação?

**Gi** Sim, posso dizer que sim. Não é uma coisa pública, não colocámos um anúncio, mas estamos a pensar a dois, a organizar coisas a dois... eu penso que isso é uma relação.

**Andreia** As palavras servem só para nos entendermos.

**Gi** Essencialmente estou feliz, isso para mim é o mais importante. Ainda não tive o pequeno-almoço à espera, nem flores, mas estou feliz. Com ele já nem sinto falta dessas coisas, sinto-me preenchida, estou preenchida. Por vezes nem fazemos nada de especial, metemo-nos no carro e fazemos quilómetros e quilómetros... mas sentimo-nos bem juntos. Sei que ele gosta de mim pelo que sou, não pelo que pareço. Ele conhece-me.

**Andreia** Fico muito feliz com as novidades que me traz.

**Gi** Estou a pensar em convidá-lo para passarmos uns dias juntos, fazermos assim uma espécie de mini férias, gostava de estar mais tempo com ele... só os dois. Penso que seria um bom teste para saber se conseguimos funcionar juntos mais tempo. Uma semana, estou a pensar em uma semana. Que acha?

**Andreia** Se a si lhe parece bem...

**Gi** Tenho medo que ele ainda não esteja preparado ou se assuste com o convite. Não sei se não será prematuro, aconteceu tudo muito rápido... Eu quero que corra tudo bem.

**Andreia** Que acha que ele vai responder?

**Gi** Não sei.

**Andreia** Tendo em conta o que têm feito, o tempo que têm passado juntos...

**Gi** Acho que ele vai querer, agora não sei é se ele pode.

**Andreia** Aí entra outro factor, a disponibilidade. Ele pode não poder e isso não significa que esteja a pôr a vossa relação em causa.

**Gi** Sim, mas eu estou com uma sensação estranha, aquelas coisas que sentimos, não sei explicar muito bem... No último dia quando nos despedimos ele disse-me adeus de costas, foi-se afastando, a mão sempre a acenar... nunca se virou. Parecia uma despedida.

## 10

**Zé** Hoje comprei uma mala/carteira nova, coisa fútil, um simples exercício para me levantar a auto-estima. Coisa de bom gosto, cara. De vez em quando temos de nos dar a estes luxos. Vi uma muito bonita para ti, mas não quis arriscar.

**Andreia** Fizeste bem, era como tentares comprar-me uma orelha ou um nariz.

**Zé** Que exagero.

**Andreia** Eu ando sempre com a mesma mala/carteira, é como se já fosse uma parte de mim.

**Zé** Se calhar, por isso, já está na hora de comprares uma nova ou pelo menos deixares que te ofereçam uma nova.

**Andreia** Eu gosto da que tenho, habituei-me a ela, não me apetece mudar.

**Zé** Que se passa?, pareces cansada.

**Andreia** Eu estou cansada.

**Zé** Estás a precisar de férias.

**Andreia** Está um tempo péssimo, ninguém faz férias nesta altura do ano. Ia acabar por ficar em casa e fazer mais coisas nas férias do que se estivesse a trabalhar.

**Zé** Falo em férias à séria, com praia, com sol... sem te preocupares com nada.

**Andreia** Onde?

**Zé** Vai até uma agência de viagens, escolhe um sítio onde esteja sol e vai até lá.

**Andreia** Sozinha?

**Zé** Haverá de certeza alguém a querer fazer-te companhia, não vais ficar sozinha por muito tempo.

**Andreia** Tu agora geres uma empresa de encontros?

**Zé** Penso que não vais ter problemas em arranjar companhia, só isso.

**Andreia** Companhia na horizontal?

**Zé** E porque não?

**Andreia** Estou demasiado...

*Silêncio.*

**Zé** Que foi desta vez?

**Andreia** Nada. Nada de novo.

**Zé** Ele?

**Andreia** Vai-se embora.

**Zé** Já me tinhas dito.

**Andreia** Antecipou a viagem.

**Zé** Porquê?

**Andreia** Não sei.

**Zé** Por tua causa?

**Andreia** Não, penso que não... Nesta altura já não tenho certezas de nada.

**Zé** O que é que vais fazer?

**Andreia** Carregar o telemóvel, comprar outra bateria... esperar. Não posso fazer mais nada.

*Silêncio.*

**Zé** Liga-lhe.

**Andreia** Não, não posso. Era invadir o espaço dele.

**Zé** Falas como se ele vivesse numa bolha.

**Andreia** Ele vive numa bolha.

**Zé** Então, rebenta a bolha.

**Andreia** Não posso. Ele poderia perder-se e não conseguir refazer a bolha.

**Zé** Tu preocupas-te demasiado com o que ele pensa, com o que ele sente, com o que ele...

**Andreia** Sim, preocupo, mas não sinto que seja demasiado.

**Zé** Tira umas férias, envolve-te com alguém. Coisa básica, animal...

**Andreia** Animal?

**Zé** Carne com carne.

**Andreia** Eu quando quero carne vou ao talho.

**Zé** Eu quero ajudar-te, mas sinto que não estou a conseguir. Se eu trazer um espelho consegues aconselhar-te a ti própria?

**Andreia** As coisas não funcionam assim.

**Zé** Tu és a pessoa que eu conheço que mais sabe sobre relações. Queres arriscar? Penso que era uma excelente solução.

**Andreia** É fácil quando não é contigo.

**Zé** Fácil?

**Andreia** Mais fácil, nunca é fácil.

**Zé** Tens de ler um livro de auto-ajuda que li há pouco tempo. Não comprei, vinha com uma revista...

**Andreia** E leste.

**Zé** Vinha com uma revista.

**Andreia** Gostaste?

**Zé** Não, mas é divertido.

**Andreia** Acredito.

**Zé** Tem um capítulo que fala da ajuda aos outros como um dos caminhos para se ser mais feliz...

**Andreia** É por isso que estás preocupada comigo?

**Zé** Se calhar.

**Andreia** Já cumpriste a tua parte, agora é comigo.

**Zé** Mas se o livro é de auto-ajuda deveríamos conseguir ser mais felizes preocupando-nos apenas connosco, não deveria ser necessário preocupar-nos com os outros, não achas?

**Andreia** Talvez...

**Zé** Se é auto-ajuda pura, deveria ser tudo para nós através de nós. Assim uma espécie de masturbação afectiva.

**Andreia** Masturbação afectiva?

**Zé** Sim.

**Andreia** Tens de trazer isso, estou a precisar de distrações intelectualmente pouco exigentes.

*Silêncio.*

**Zé** Queres que eu fale com ele?

**Andreia** Não, por favor.

**Zé** Então fala com ele.

**Andreia** A minha relação com ele é muito importante, não quero pô-la em causa.

**Zé** Relação, qual relação?

**Andreia** De amizade. A amizade dele é muito importante para mim.

**Zé** Se de facto são amigos não vai mudar nada.

**Andreia** Era bom que assim fosse.

**Zé** Estás com medo de perder um amigo? Os amigos não se perdem, o que se perde são os autocarros, os amigos não.

**Andreia** Devo ter feito mal a alguém e não me lembro. Deus não castiga mas manda castigar.

11

**Gi** Estás com pressa?

**Filipe** Eu?

**Gi** Já olhaste três vezes para o relógio.

**Filipe** Não reparei.

**Gi** Olhaste.

**Filipe** Foi sem querer.

*Silêncio.*

**Gi** Está tudo bem?

**Filipe** Sim, está tudo bem.

**Gi** Ainda bem.

*Silêncio.*

**Filipe** Parece que vai chover.

**Gi** Pois parece.

**Filipe** Não gosto de conduzir quando chove.

**Gi** Se quiseres ir...

**Filipe** Não, combinámos jantar, vamos jantar.

**Gi** De certeza que queres jantar?

**Filipe** É para isso que aqui estou.

**Gi** Pensei que era para estares comigo...

**Filipe** Estou aqui para estar contigo, para jantar contigo.

**Gi** Claro.

*Silêncio.*

**Filipe** Olhei três vezes para o relógio?

**Gi** Sim.

**Filipe** Três vezes, assim, seguidas?

**Gi** Sim.

**Filipe** Foi sem querer, nem cheguei a ver as horas.

**Gi** Não chegaste a ver?

**Filipe** Não. Agora já vi, mas há bocado...

**Gi** É o stress, adoro dizer que a culpa é do stress.

**Filipe** Boa, assim já tenho uma desculpa para quando não conseguir fazer qualquer coisa... é o stress. Tive um dia bastante calmo, não pode ter sido o stress. O teu dia como correu?

**Gi** As mesmas confusões de sempre. Estou a precisar de férias.

**Filipe** Nesta altura do ano?

**Gi** Sim, para descansar.

**Filipe** Se achas mesmo que precisas...

**Gi** Estou a precisar e estou a pensar convidar-te para me fazeres companhia.

**Filipe** O quê?

**Gi** Queres fazer férias comigo?

**Filipe** Estás a falar a sério?

**Gi** Sim, tiramos uma semana e vamos para um sítio com sol. Que dizes?

**Filipe** Estás louca.

**Gi** Desculpa?

**Filipe** Esquece.

**Gi** O que é que se passa?

**Filipe** Podias-me ter dito alguma coisa.

**Gi** Eu estou a *tentar* dizer-te alguma coisa, se não puderes não há problema nenhum, marco para outra altura.

**Filipe** Não, tu estás a precisar de férias, tira a tua semana de férias e descansa.

**Gi** Queres dizer-me alguma coisa?

*Silêncio.*

**Filipe** Sim. Há uma coisa que já te devia ter dito há algum tempo, mas...

**Gi** Eu bem estranhei estar tudo a correr tão bem.

**Filipe** Eu gosto muito de ti...

**Gi** Eu sei.

**Filipe** Mas há um pormenor... um pormaior.

**Gi** És casado?

**Filipe** Fui casado, tenho um filho.

**Gi** Vive com a mãe?

**Filipe** A mãe já morreu, vive comigo.

**Gi** Desculpa, não sabia.

**Filipe** Não tens de pedir desculpa.

**Gi** Porque não me disseste?

**Filipe** Por medo, por estupidez, porque sim.

**Gi** Ele agora está com quem?

**Filipe** Costumo deixá-lo na casa da minha irmã. Tem doze anos, chama-se João.

**Gi** Claro que não vais deixar o João sozinho uma semana...

**Filipe** Não é só isso. Eu ao princípio estava a ver isto como uma aventura, uma brincadeira, mas quanto mais estou contigo, mais sinto que gosto de ti e eu não quero ter nenhuma relação séria com ninguém. O João precisa de mim, ele já teve uma mãe na vida dele, não quero que ele a esqueça. Eu sei que isto pode parecer parvo, mas é a única explicação que te consigo dar.

**Gi** Não tens uma melhor?

**Filipe** Como?

**Gi** Se não tens uma explicação melhor?

**Filipe** Há graus de qualidade nas explicações?

**Gi** Porque não?

**Filipe** Não pode haver, pois não?

**Gi** E se houver?

**Filipe** Se houver é tudo uma grande treta.

**Gi** É mesmo isso que estou a sentir, que foi tudo uma grande treta.

**Filipe** Não...

**Gi** Nós passámos momentos tão bonitos os dois, fizemos promessas...

**Filipe** Nunca se tomam boas decisões quando estamos despidos.

*Silêncio.*

**Gi** Nem pareces um adulto a falar, pareces um miúdo cheio de medo a falar. Eu percebo que isto te possa afectar, que a tua relação com o teu filho esteja acima de tudo, mas tens direito a seres feliz, todos temos direito a sermos felizes. Percebo que o teu passado tenha sido muito importante para ti, que não seja fácil resolveres isso, mas até pelo João devias dar-te a oportunidade de gostares de alguém, de ele poder gostar de alguém.

**Filipe** Não quero misturar o João com as pessoas com quem eu me possa envolver. Desculpa, nunca pensei que isto fosse tão longe, desculpa mesmo.

**Gi** Não acredito que nem me dás a oportunidade de conhecer o João.

**Filipe** É melhor pararmos antes que alguém se magoe.

**Gi** Antes que alguém se magoe, não achas que já é um bocadinho tarde?

**Filipe** Desculpa.

**Gi** Não é normal a forma anormal como reages a uma situação normal.

**Filipe** O quê?

**Gi** Esquece, é uma frase de casa de banho. Parece que a minha vida, assim num segundo, deu uma volta de 360°.

**Filipe** Não queres dizer 180°?

**Gi** Não, quero mesmo dizer 360°.

**Filipe** Mas assim ficas no mesmo sítio onde estavas.

**Gi** Pois fico, mas valeu pela volta.

12

**Avelina** Foi uma sensação estranha.

**Carla** Estranha porquê?

**Avelina** Era um boneco.

**Carla** Eles agora fazem uns bonecos muito bem feitos, mesmo muito bem feitos. Já houve um ou dois que me enganaram bem, do género estar numa loja a perguntar o preço de uma saia ou de uma camisola a um boneco, vê lá. Parecem mesmo verdadeiros, como aqueles do museu de cera em Londres.

**Avelina** Mas não deixam de ser bonecos.

**Carla** E depois?

**Avelina** Já não tenho idade para brincar com bonecos.

**Carla** Pelos vistos tens, se sentiste o que sentiste é porque tu ainda queres brincar.

**Avelina** Isto atormenta-me. É como se eu quisesse que alguém... Esquece.

**Carla** Agora que estava a ficar bom. Conta, vá lá.

**Avelina** Não posso ficar excitada porque estou numa loja e vejo uma das empregadas a vestir um manequim.

**Carla** Sim, se ainda fosse a despir.

**Avelina** A vestir ou a despir, é indiferente.

**Carla** Olha que vestir e despir é muito diferente.

**Avelina** Muito mesmo, é o oposto.

**Carla** E o oposto de uma coisa é sempre muito diferente...

**Avelina** Tens razão.

**Carla** ...mesmo diferente.

*Silêncio.*

**Avelina** Não tenho fantasias, pensamentos românticos ou idílicos, o que eu sinto é... mesmo. Assim, curto, grosso e feio. Alguém que chega e que explora o meu maior órgão todo...

**Carla** O teu maior órgão?

**Avelina** Sim, que vem e mexe no meu corpo sem dizer nada, sem pedir licença.

**Carla** Qual é o teu maior órgão?

**Avelina** É igual ao de toda a gente.

**Carla** Qual é?

**Avelina** A pele. Quero alguém que mexa na minha pele toda, que me faça sentir desejada, viva. Alguém másculo, viril, jovem.

**Carla** Bem, dito assim até parece...

**Avelina** Leviano, eu sei. Não me incomoda. A vantagem de se envelhecer é podermos fazer ou mesmo pensar no que quisermos e isso não nos incomodar.

**Carla** Estavas a dizer que te atormentava.

**Avelina** Atormenta-me não poder concretizar, só isso. O resto não interessa.

**Carla** Sentiste isso pelo pai da tua filha?

**Avelina** Não, de maneira nenhuma.

**Carla** Nem um bocadinho?

**Avelina** Nada. Gostava que ele o tivesse feito, mas ele era demasiado gentil, demasiado preocupado com o que eu estava a sentir, com o que se estava a passar. Ele era uma pessoa sensível, educada e mais blá, blá...

**Carla** Percebo. A tua filha?

**Avelina** O que é que tem?

**Carla** Já falaste com ela sobre isto?

**Avelina** Não vou falar com a minha filha sobre os meus desejos sexuais.

**Carla** Porque não?

**Avelina** Porque é minha filha, não é minha amiga.

**Carla** Faz sentido.

**Avelina** Depois nunca se sabe como é que as pessoas vão reagir.

**Carla** Eu estou a reagir bem. Não estou?

**Avelina** Sim, porque és minha amiga e queres o melhor para mim.

**Carla** Isso é o melhor para ti?

**Avelina** O que desejamos não é o melhor para nós?

**Carla** Nem sempre.

**Avelina** Para mim passou a ser.

13

**Luísa** Aconteceu duas vezes.

**Giancarlo** Pode ser verdade.

**Luísa** Não tenho a mínima dúvida de que é verdade.

**Giancarlo** Ainda bem.

**Luísa** A mínima dúvida.

**Giancarlo** Então o que é que se passou?

**Luísa** Tenho uma teoria.

**Giancarlo** Que máximo, uma teoria.

**Luísa** As duas mensagens...

**Giancarlo** As tais.

**Luísa** Sim. Ele enviou as duas mensagens à noite, quando se estava a deitar.

**Giancarlo** E?

**Luísa** Devo ter acordado e lido.

**Giancarlo** Então onde é que elas estão?

**Luísa** Apaguei e voltei a dormir.

**Giancarlo** É uma acusação grave.

**Luísa** Apaguei enquanto dormia e agora já não me lembro delas. Nem de as ler, nem de as apagar.

**Giancarlo** Já me aconteceu.

**Luísa** Pelos vistos a mim também.

**Giancarlo** Mas acabo sempre por me lembrar de alguma coisa, nem que seja da pessoa que enviou a mensagem.

**Luísa** Eu não me lembro de nada.

**Giancarlo** Não desligas o telemóvel?

**Luísa** Não, pode acontecer alguma coisa, sei lá, uma emergência, a minha mãe ligar-me por alguma razão...

**Giancarlo** Percebo.

**Luísa** Que treta.

**Giancarlo** Não, a teoria é boa.

**Luísa** Que treta isto ter acontecido. Ele pode ter ficado a pensar que as apaguei de propósito ou que fiz de conta que não as recebi. Detesto que as pessoas fiquem a pensar coisas erradas sobre mim, ainda por cima pessoas que não me conhecem muito bem. Eu não apaguei as mensagens, pelo menos conscientemente.

**Giancarlo** Ele pôs a hipótese de teres apagado as mensagens?

**Luísa** Não o disse abertamente mas...

**Giancarlo** Porque é que as ias apagar?

*Silêncio.*

**Luísa** Ele tem um fraquinho por mim.

**Giancarlo** Quem, o miúdo que veio para aqui trabalhar há duas semanas?

**Luísa** O tempo é só uma variável.

**Giancarlo** Mas é uma variável importante.

**Luísa** Muito.

**Giancarlo** Não estás a exagerar?

**Luísa** Se visses as mensagens que ele me enviou...

**Giancarlo** Como é que sabes se as apagaste?

**Luísa** Apaguei duas, ele enviou-me mais.

**Giancarlo** E eram...?

**Luísa** Sim, um pouco. Talvez mais do que um pouco. Hoje convidou-me para jantar, mas eu disse-lhe que ia ficar até mais tarde, que precisavas de ajuda.

**Giancarlo** Deste-lhe razões para ele...?

**Luísa** Se calhar dei e não me apercebi. Como é que se sabe isso?

**Giancarlo** Uma pessoa sabe quando outra pessoa está interessada nela, pelo menos percebe que algo de diferente se passa... há detalhes, pequenas coisas.

**Luísa** Eu sou muito distraída, nunca ia perceber.

**Giancarlo** Estás preocupada?

**Luísa** Não importa o que faça a pessoa de que gostamos, pois nunca chega. Ele pode ter uma reacção parva qualquer, sei lá...

**Giancarlo** Não te preocupes, é só um miúdo.

**Luísa** As relações são um bicho estranho.

*Silêncio.*

**Giancarlo** Eu não preciso de ajuda.

**Luísa** Eu sei, mas apeteceu-me ficar.

**Giancarlo** Fizeste bem, fizeste muito bem. Não tens fome?

**Luísa** Para já não, mas...

**Giancarlo** Eu já começo a ter alguma fome, podíamos mandar vir qualquer coisa. Pizza, que te parece?

**Luísa** Sim, parece-me bem.

**Giancarlo** Uau. Acabámos de assistir à morte de uma lâmpada.

## 14

**Zé** Janeiro, dia três. Passam poucos minutos das nove da noite, chove. Cai uma chuva forte, ruidosa. Chove há mais de uma hora e não parece que a chuva vá parar tão depressa. Os carros passam na estrada provocando um zunido contínuo, uma espécie de concerto de uma só nota. Há pessoas apressadas com chapéus-de-chuva e outras ainda mais apressadas sem chapéu algum. Os carros passam sem se preocuparem com a chuva, ninguém abranda por causa da chuva, ninguém abranda... Uma mãe vai buscar a filha à aula de dança, o pai não pôde, ficou a trabalhar no escritório até mais tarde. Duas mulheres entram num carro com três homens, eles vestem *smoking*, estão divertidos, cantam, elas também estão divertidas, não cantam. Um homem levanta-se num restaurante, faz tenções de sair. Uma mulher desce um elevador num edifício de escritórios. A rapariga entra no carro da mãe, a aula de dança terminou, beijam-se, a rapariga senta-se ao lado da mãe, não falam. Uma mulher chora num restaurante, observa as costas do homem que se prepara para sair. Um homem desce as escadas de um edifício de escritórios a correr. Os homens que vestem *smoking* continuam felizes, cantam outra canção, as mulheres agora também cantam, ainda que timidamente. A mãe põe o carro a trabalhar, arranca. O homem sai do restaurante, dirige-se para um carro, a mulher ainda está sentada, limpa as lágrimas ao guardanapo branco que se encontra em cima da mesa do restaurante. O homem que desce as escadas vê a mulher que desceu pelo elevador entrar num táxi, dirige-se para um carro. Os homens entram nos respectivos carros e arrancam. A mãe põe a mão na mão fria da filha e sorri, a filha ouve música, não repara na mão da mãe. A mulher pousa o guardanapo e encaminha-se para a porta do restaurante. Um dos homens que vestem *smoking* canta mal de propósito, os outros riem. O taxista muda a estação de rádio, ouve-se uma canção antiga que a mulher que saiu do escritório conhece, cantam os dois para si, em silêncio. A mulher sai do restaurante, entra num carro e arranca. (*Silêncio.*) O carro do homem que

saiu do restaurante não faz uma curva, vai em frente e embate com violência no táxi que transporta a mulher que saiu do escritório. (*Silêncio.*) O homem que saiu do escritório pára o carro, corre em direção ao táxi, tem a cara encharcada em lágrimas que se misturam com as gotas de chuva. O carro dos três homens de *smoking* e das duas mulheres abranda por causa do acidente, lá dentro há risos e música, segue o seu caminho. A mãe desvia o carro da confusão que o acidente provocou, a filha observa um homem à chuva que lhe faz lembrar o pai, aumenta o volume da música e olha em frente. A mulher que saiu do restaurante pára a alguma distância, deixa as mãos no volante e olha fixamente para o carro que embateu no táxi. Chega uma ambulância, polícia. Dentro do táxi dois cadáveres. O homem do carro que embateu no táxi é colocado na ambulância. (*Silêncio.*) A mulher que saiu do restaurante continua imóvel. A ambulância afasta-se.

**15**

**Zé** Está a chorar.

**Filipe** Desculpe...?

**Zé** A pessoa que estava consigo na mesa está a chorar.

**Filipe** Nós conhecemo-nos?

**Zé** É o pai do João, não é?

**Filipe** Porquê?

**Zé** Não percebo.

**Filipe** A sua pergunta é um pouco... pessoal.

**Zé** Tem razão, desculpe. Eu já o vi com o João na escola, pensei que fosse o pai dele.

**Filipe** Pensou bem, eu sou o pai do João.

**Zé** Bem me parecia, vocês são parecidos.

**Filipe** A senhora é...?

**Zé** A mãe do Carlos.

**Filipe** O Carlos que é...?

**Zé** Amigo do seu filho.

**Filipe** Sim, penso que já nos cruzámos.

**Zé** Várias vezes.

**Filipe** Eu sou um pouco distraído e também acabo por nunca ter muito tempo.

**Zé** Percebo.

**Filipe** É mais entrar e sair.

**Zé** Não é o único.

**Filipe** O tempo parece que nunca dá para nada.

**Zé** Deveria ir a uma reunião de pais.

**Filipe** Para quê?

**Zé** Para falar com os outros pais, trocar experiências... penso que é importante.

**Filipe** Deve ser muito importante, mas não é nada que me estimule.

**Zé** Estimule?

**Filipe** Não tenho muito jeito para essas coisas.

**Zé** Não é nada que precise de muito jeito. Basta aparecer, penso que é importante para o João que o pai se envolva na educação dele.

**Filipe** Eu envolvo-me na educação do meu filho. Sou eu quem lhe compra as coisas que ele precisa, ajudo-o com os trabalhos...

**Zé** Claro, dá o seu melhor. Damos todos, não é?

**Filipe** Sim. Mas quando é que são essas reuniões?

**Zé** Na primeira quarta-feira de cada mês.

**Filipe** É só uma vez por mês?

**Zé** Sim.

**Filipe** Pensei que fosse todas as semanas.

**Zé** Uma vez por mês é bom. As pessoas já sabem qual é o dia e organizam-se para estar presentes.

**Filipe** Claro. Nem percebo porque nunca fui.

**Zé** Provavelmente não foi bem informado. As pessoas pensam sempre que as mães é que tem de se preocupar com a educação dos filhos.

**Filipe** Isso é uma parvoíce.

**Zé** Concordo plenamente.

**Filipe** Um homem está tão habilitado para educar uma criança como uma mulher.

**Zé** Faço parte da facção que também pensa assim, mas como não somos a maioria...

**Filipe** A democracia é uma treta.

**Zé** Eu diria o futebol.

**Filipe** Então?

**Zé** São poucos os pais que vão às reuniões, quarta-feira...

**Filipe** Ah, os jogos.

**Zé** Já tentámos mudar, mas é o dia em que aparece mais gente.

**Filipe** Os pais ficam em casa a ver os jogos e as mães vão às reuniões.

**Zé** Sim, penso que é isso. Podemos contar consigo na próxima quarta?

**Filipe** Podem.

**Zé** Há jogo.

**Filipe** Não há problema.

**Zé** Parece que a sua amiga se esqueceu do casaco.

**Filipe** A minha amiga...?

**Zé** A pessoa que estava consigo.

**Filipe** Saiu?

**Zé** Há algum tempo.

**Filipe** Não reparei. Sim, é o casaco dela... Eu fico com ele, depois dou-lho.

**Zé** Parou de chover.

**Filipe** A sério?

**Zé** Parou, também já chega.

**Filipe** Ainda bem, não gosto de conduzir à chuva.

**Zé** Já passa das nove e meia, tenho de ir andando. Foi um prazer.

**Filipe** O prazer foi meu.

**Zé** Até quarta.

**Filipe** Até quarta.

**Zé** Não se esqueça do casaco da sua amiga.

**Filipe** Não, eu não me esqueço do casaco.